

# Forgotten Books

— [www.forgottenbooks.com](http://www.forgottenbooks.com) —

Copyright © 2016 FB &c Ltd.

All rights reserved. No part of this publication may be reproduced, distributed, or transmitted in any form or by any means, including photocopying, recording, or other electronic or mechanical methods, without the prior written permission of the publisher, except in the case of brief quotations embodied in critical reviews and certain other noncommercial uses permitted by copyright law.



**PARIS. — DE L'IMPRIMERIE DE RIGNOUX,  
rue des Francs-Bourgeois-S.-Michel, n° 8.**

# **Parnaso Lusitano**

OU

## *Poesias Selectas*

DOS

**AUCTORES PORTUGUEZES ANTIGOS E MODERNOS,**

**ILLUSTRADAS COM NOTAS.**

**PRECEDIDO**

**DE UMA HISTORIA ABREVIADA DA LINGUA  
E POESIA PORTUGUEZA.**

---

**TOMO III.**

---

**PARIS,**

**EM CASA DE J. P. AILLAUD,**

**QUAI VOLTAIRA, N.º II.**



# PARNASO LUSITANO.

---

---

## Epigrammaticos.

LIB. COM.

PERMA

SONETOS.

NUMBER 1

O fol é grande, caiem co' a calma as aves,  
Do tempo, em tal sazão, que soe ser fria:  
Ésta agua, que d'alto cai, acordar-me-bia,  
Do somno não, mas de cuidados graves.

Ó cousas todas vans, todas mudaves,<sup>\*</sup>  
Qual é o coração, que em vós confia?  
Passando nin dia vai, passa outro dia,  
Incertos todos mais que ao vento as naves !\*\*

Eu vi ja per aqui sombras e flores,  
Vi aguas, e vi fontes, vi verdura;  
As aves vi cantar todas d'amores.

Mudo e sêcco é ja tudo; e de mistura,  
Tambem fazendo-me eu fui d'outras cores;  
E tudo o mais renova, isto é sem cura.

SÁ DE MIRANDA.

\* Mudaveis.

\*\* Naus.

## SONETOS.

Vendo do forte Heitor a desditosa  
Esposa, como Troia em fogo ardia,  
De que per toúta parte reluzia  
A greciana espada victoriosa;

Um filho so, que tinha, receiosa  
Que tenra idade não lhe valeria,  
No sepulcro do pae o escondia,  
Dizendo éstas palavras lastimosa:

«Ó filho da minh' alma entristecida,  
Primeiro que nas mãos inimigas caias,  
Te quero aventurar nas da ventura!

Ella ordenará (se larga vida  
Promettido te tem) que d'aqui saias;  
E se não, ja tens certa a sepultura.»



Leandro em noite escura indo rompendo  
As altas ondas, d'ellas rodeiado  
No meio d'Hellesponto, ja cançado,  
E o fogo ja na torre morto vendo;

E vendo cada vez ir mais crescendo  
O bravo vento, e o mar mais levantado;  
De suas fôrças ja desconfiado,  
Os rogos quiz provar, não lhe valendo.

## EPIGRAMMATICOS.

« Ai ondas! ( suspirando começou: » )  
Mas d'ellas , sem lhe mais alento dar,  
A falta contrastada , atrás tornou.

« Ai ondas ! ( outra vez diz ) vento, mar,  
Não me afogueis , vos rogo, em quanto vou;  
Afogae-me depois quando tornar. »

BERNARDES.

---

## SONETOS.\*

Todo animal da calma repousava,  
So Liso o ardor d'ella não sentia;  
Que o repouso do fogo, em que elle ardia,  
Consistia na nympha que buscava.

Os montes parecia que abalava

\* A imaginação de Camões foi fertilissima em sonetos: é notavel e digna de admiração a quantidade dos excellentes e perfeitos, além dos muitos bons, que produziu. A maior parte d'elles são amorosos, cheios de graça e delicadeza, ou de uma viva paixão; outros exprimem uma profunda melancholia. Em geral , nenhum poeta soube melhor conhecer e desempenhar o character d'este pequeno poema; nenhum principalmente teve mais do que elle o dom de imprimir a sua sensibilidade nos versos que saíram de seu coração , e que ainda hoje movem profundamente em nós uma terna sympathia.

J. M. DE SOUZA , *Vida de Camões.*



4 PARNASO LUSITANO.

O triste som das mágoas que dizia;  
Mas nada o duro peito commovia,  
Que na vontade de outro pôsto estava.

Cançado ja de andar pela espessura,  
No tronco de uma faia, por lembrança,  
Escreve éstas palavras de tristeza:

— *Nunca ponha ninguém sua esperança  
Em peito feminil; que de natura  
Somente em ser mudavel tem firmeza.* —



Alma minha gentil, que te partiste  
Tam cedo d' ésta vida descontente;  
Repousa la no ceo eternamente,  
E viva eu ca na terra sempre triste.

Se la no assento ethereo, onde subiste,  
Memória d' ésta vida se consente,  
Não te esqueças d' aquelle amor ardente,  
Que ja nos olhos meus tam puro viste.

E se vires que póde merecer-te  
Alguma cousa a dor que me ficou  
Da mágoa, sem remedio, de perder-te;

Roga a Deus que teus annos encurtou,  
Que tam cedo de ca me leve a ver-te,  
Quam cedo de meus olhos te levou.



Está-se a primavera trasladando  
Em vossa vista deleitosa e honesta;

**Nas bellas faces e na boca e testa,  
Cecens, rosas e cravos debuxando.**

**De sorte, vosso gesto matizando,  
Natura, quanto pôde, manifesta;  
Que o monte, o campo, o rio e a floresta  
Se estão de vós, senhora, namorando.**

**Se agora não quereis que quem vos ama  
Possa colhér o fructo d'éstas flores,  
Perderão toda a graça os vossos olhos:**

**Porque pouco aproveita, linda dama,  
Que semeiasse o amor em vós amores,  
Se vossa condição produz abrolhos.**



**Quando o sol encuberto vai mostrando  
Ao mundo a luz quieta e duvidosa,  
Ao longo d'uma praia deleitosa,  
Vou na minha inimiga imaginando.**

**Aqui a vi os cabellos concertando;  
Alli co'a mão na face tam formosa;  
Aqui fallando, alegre, alli cuidosa;  
Agora estando quêda, agora andando.**

**Aqui steve sentada, alli me viu,  
Erguendo aquelles olhos tam isentos;  
Commovida aqui um pouco, alli segura.**

**Aqui se entristeceu, alli se riu;  
E emfim n'estes cançados pensamentos  
Passo ésta vida van, que sempre dura.**



Ondados fios de ouro reluzente,  
 Que agora da mão bella recolhidos,  
 Agora sòbre as rosas esparzidos  
 Fazeis que a sua graça se accrescente:

Olhos, que vos moveis tam docemente  
 Em mil divinos raios incendidos,  
 Se de ca me levais a alma e sentidos,  
 Que fôra, se eu de vós não fôra ausente!

Honesto riso, que entre a mor fineza  
 De pérlas e coraes nasce e apparece;  
 Oh quem seus doces echos ja lhe ouvisse!

Se imaginando so tanta belleza,  
 De si, com nova glória, a alma se esquece,  
 Que fará quando a vir? Ah quen a visse!



No regaço da mãe Amor estava,  
 Dormindo tam formoso, que movia  
 O coração que mais isento o via,  
 E a sua propria mãe de amor matava.

Ella c'os olhos n'elle contemplava  
 A quanto estrago o mundo reduzia;  
 Elle porém, sonhando, lhe dizia  
 « Que todo aquelle mal ella o causava. »

Soliso, que graduado em seus amores,  
 De saber de ambos mais teve a ventura,  
 Assi soltou a dúvida aos pastores:

« Se bem me ferem sempre sem ter cura  
 Do menino os ardentes passadores,

**Mais me fere da mãe a formosura. »**

+++f+++

**Está o lascivo e doce passarinho  
Com o biquinho as pennas ordenando ;  
O verso sem medida , alegre e brando ,  
Despedindo no rustico raminho.**

**O cruel caçador, que do caminho  
Se vem callado e manso desviando ,  
Com prompta vista a setta endireitando,  
Lhe dá no estygio lago eterno ninho.**

**D'êsta arte o coração, que livre andava ,  
( Postoque ja de longe destinado )  
Onde menos temia , foi ferido :**

**Porque o frecheiro cego me esperava  
Para que me tomasse descuidado ,  
Em vossos claros olhos escondido.**

+++++

**Um mover d'olhos brando e piedoso,  
Sem ver de que ; um riso brando e honesto,  
Quasi forçado ; um doce e humilde gesto ,  
De qualquer alegria duvidoso :**

**Um despejo quieto e vergonhoso ;  
Um repouso gravissimo e modesto ;  
Uma pura bondade , manifesto  
Indicio da alma , limpo e gracioso :**

**Um encolhido ousar ; uma brandura ,  
Um mêdo sem ter culpa ; um ar sereno ;**

8                   **PARNASO LUSITANO.**

**Um longo e obediente soffrimento:**

**Ésta foi a coeleste fermosura**  
**Da minha Círce, e o magico veneno**  
**Que pôde transformar meu pensamento.**

+++++

**Aparlava-se Nise de Montano,**  
**Em cuja alma, partindo-se, ficava;**  
**Que o pastor na memoria a debuxava,**  
**Por podêr sustentar-se d'este engano.**

**Per uma praia do indico Oceano**  
**Sobre o curvo cajado se encostava,**  
**E os olhos pelas aguas alongava,**  
**Que pouco se doíam de seu dano.**

**« Pois com tamanha mágoa e saúde,**  
**( Dizia ) quiz deixar-me a que eu adoro,**  
**Por testemunhas tômo o ceo e estrellas:**

**Mas se em vós, ondas, mora piedade,**  
**Levae tambem as lagrymas que choro,**  
**Pois assi me levais a causa d'ellas. »**

+++++

**Amor é um fogo que arde sem se ver;**

**É ferida que doe e não se sente;**

**É um contentamento descontente;**

**É dor que desatina sem doer:**

**É um não querer mais que bem querer;**

**É solitario andar per entre a gente;**

**É um não contentar-se de contente;**

**É cuidar que se ganha em se perder :  
É um estar-se prêso por vontade ;  
É servir a quem vence o vencedor ;  
É um ter, com quem nos mata, lealdade.  
Mas como causar pôde o seu favor  
Nos mortaes corações conformidade,  
Sendo a si tam contrário o mesmo amor?**



**Brandas aguas do Tejo , que passando  
Per estes verdes campos que regaes ,  
Plantas , hervas , e flôres , e animaes ,  
Pastores , nymphas , ides alegrando :  
Não sei ( ah doces aguas! ) não sei quando  
Vos tornarei a vêr ; que mágoas taes  
Vendo como vos deixo , me causaes,  
Que de tornar ja vou desconfiando.  
Ordenou o destino , desejoso  
De converter meus gostos em pezaes ,  
Partida que me vai custando tanto.  
Saúdoso de vós , d'elle queixoso ,  
Encherei de suspiros outros ares ,  
Turbarei outras aguas com meu pranto.**



**Na margem de um rebeiro, que fendia  
Com líquido crystal um verde prado ,  
O triste pastor Liso debruçado  
Sôbre o tronco de um freixo assi dizia:**

« Ah Natercia cruel ! quem te desvia  
Esse cuidado teu de mea cuidado ?  
Se tanto hei de penar desenganado ,  
Enganado de ti viver queria.

Que foi d'aquella fe que tu me deste ?  
D'aquelle puro amor que me mostraste ?  
Quem tudo trocar pôde tam asinha ?

Quando esses olhos teus n' outra puzeste ,  
Como te não lembrou que me juraste  
Por toda a sua luz , que eras so minha ? »



Quando os olhos emprêgo no passado,  
De quanto passei me acho arrependido ;  
Vejo que tudo foi tempo perdido ;  
Que todo emprêgo foi mal empregado.

Sempre no mais danoso mais cuidado ;  
Tudo o que mais cumpria mal cumprido ;  
De desenganos menos advertido  
Fui , quando de esperanças , mais frústrado.

Os castellos que erguia o pensamento ,  
No ponto que mais altos os erguia ,  
Per esse chão os via n' um momento.

Que erradas contas faz a phantasia !  
Pois tudo pára em morte , tudo em vento :  
Triste o que espera ! triste o que confia !



Eu uma lapa, toda tenebrosa ,

**Aonde bate o mar com furia brava ,  
Sôbre uma mão o rosto, vi que estava  
Uma nympha gentil, mas enidadosa.**

**Igualmente, que linda , lastimosa ,  
Aljofar de seus olhos distillava :  
O mar os seus furores applacava  
Com ver cousa tam triste , e tam fermosa,**

**Alguma vez na horribil penedia  
Os bellos olhos punha com brandura ,  
Bastante a desfazer sua dureza.**

**Com angelica voz assi dizia :  
« Ah, que falta mais vezes a ventura ,  
Onde sobeja mais a natureza ! »**

**+++++**

**Qual tem a borboleta por costume,  
Que elevada na luz da accesa vella ,  
Dando vai voltas mil, até que n'ella  
Se queima agora , agora se consume;**

**Tal eu correndo vou ao vivo lume  
D'esses olhos gentis , Aonia bella;  
E abraço-me , por mais que com cautella  
Livrar-me a parte racional presume.**

**Conheço o muito a que se atreve a vista ;  
O quanto se levanta o pensamento;  
O como vou morrendo claramente :**

**Porém não quer amor que lhe resista ,  
Nem a minha alma o quer; que em tal tormento,  
Qual em glória-maior , está contente.**

**CANÇÕES.**



## SONETOS.

Nize! Nize! onde stás? Aonde espera  
Achar-te uma alma que por ti suspira,  
Se qu'anto a vista se dilata e gira,  
Tanto mais de encontrar-te desespera!

Ah, se ao menos teu nome ouvir podera  
Entre esta aura suave que respira!  
Nize, cuido que diz; mas é mentira:  
Nize, cuidei que ouvia; e tal não era.

Gruttas, troncos, penhascos da espessura,  
Se meu bem, se a minh' alma em vós se esconde,  
Mostrae, mostrae-me a sua formosura.

Nein ao menos o echo me responde!  
Ah, como é certa a minha desventura!  
Nize! Nize! onde estás? aonde, aonde?



Breves horas, Amor, ha que eu gozava  
A glória que minh' alma appetecia;  
E sem desconfiar da aleivosia,  
Teu lisongeiro obséquo acreditava.

Eu so á minha dita me igualava;  
Pois assim avultava, assim crecia;  
Que nas scenas, que então me offercia,  
O maior gôsto, o maior bem lograva.

Fugiu, faltou-me o bem: ja descomposta



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



E as conchinhas pintadas de mil cores  
Para ornar-me o surrão colhendo andava;

Mas eu, que so por vê-la então deixava  
O gado exposto aos lobos roubadores,  
Do prado lhe trazia as bellas flores,  
Com que os louros cabellos concertava.

Oh que minos Amor me concedia!  
Mas ja me não espera aqui Tircea,  
Antes foge de mim: quem tal diria!

So eu deixo o rebanho, e me recrea  
Inda vir pola glória de algum dia,  
D'êsta praia beijar a nua areia.

DOMINGOS DOS REIS QUITA.

---

## SONETOS. \*

Ja se vai das estrellas apagando  
A scintillante luz; e a roixa aurora,  
Das aves despertando a voz canora,  
Que alegre no Oriente vem raiando!  
Do horisonte o clarão annunciando

\* . . . De ce poëme il <sup>1</sup> bannit la licence;  
Lui-même en mesure le nombre et la cadence;

<sup>1</sup> Apollon.

**Do sol a nova vinda as nuvens cora ,  
Que em orvalho desfeitas vão agora  
As viçosas hervinhas prateando.**

**Vem , graciosa manhan , e a sombra fria  
Ligeira desfazendo , vem de Elpino  
Encher o triste peito de alegria :**

**Pois hoje , apezar de seu destino ,  
Outro mais bello sol que lhe encubria  
Verá de uns olhos no fulgor divino.**



**Aqui entre éstas árvores viçosas  
As redes armarei : tu , Vincio , emtanto  
Bate a selva , e fugindo com espanto  
As aves n'ellas dar verás medrosas.**

**Aves , que pelas matas mais frondosas  
Sois, de quem vos escuta, doce incanto ,  
Vinde ás redes, deixae o alegre canto,  
E de Jonia sereis, aves ditosas.**

**Ah ! vinde , aves deixae o bosque espesso  
La soltareis o canto lisongeiro**

*Désendit qu'un vers faible y pût jamais entrer,  
Ni qu'un vers déjà mis osât s'y remonter :  
Du reste il l'enrichit d'une beauté suprême.  
Un sonnet sans défaut vaut seul un long poëme.*

**Éstas rigorosas leis, promulgadas per Boileau, não  
obstaram a Diniz de compor tres centurias de so-  
netos ; mas , infelizmente, em tam prodigiosa quan-  
tidade apenas achámos estes um pouco toleraveis.**

Os laços não temais que aqui vos teço:  
 Ser, qual eu, não temais seu prisioneiro;  
 Pois indaque o ser livre não tem preço,  
 Também preço não tem seu captiveiro.



Da bella mae perdido Amor errava  
 Pelos campos que corta o Tejo brando,  
 E a todos quantos via suspirando  
 Sem descanso por ella procurava.

Os farpões lhe caíam da aurea aljava;  
 Mas elle de arco e settas não curando,  
 Mil glórias promettia, soluçando,  
 A quem á deusa o leve, que buscava.

Quando Jonia, que alli seu gado pasce,  
 Enxugando-lhe as lagrymas que chora,  
 A Venus lhe mostrar, leda, se offrece:

Mas Amor dando um vôo á linda face  
 Beijando-a lhe tornou: «Gentil pastora,  
 Quem os teus olhos ve, Venus esquece.»



Aqui sentado n'este mollê assento,  
 Que formam as hervinhas d'este prado,  
 Em quanto a verde relva pasce o gado,  
 Quero ver se divirto o meu tormento.

Que fresca a tarde está! que brando o vento  
 Move as agnas do rio socegado!  
 E como n'este choupo levantado

**Se queixa a triste rôla em doce accento !**

**As flôres com suavissima fragancia ,**

**As aves com docissima harmonia ,**

**Mais leda fazem ésta fresca estancia :**

**Mas nada os meus pezares allivia ;**

**Que da minha saudade a cruel ância**

**Me não deixa um instante de alegria.**



**Vem a noite sombria , e revolvendo**

**O longo açoite, que á carreira accende**

**As fuscas eguas , sôbre a terra estende,**

**De sombras carregado, o manto horrendo**

**Vem ; e as brandas papoilas espremendo,**

**Em lethargico somno os mortaes prende ;**

**Que a minha bella Aglaia hoje me attende ,**

**A meu amor mil glórias promettendo.**

**Se ás minhas vozes dás benigno ouvido ,**

**Encubriendo com teu escuro manto**

**Os suaves delirios de amor cego ;**

**Immolar-te prometto, agradecido,**

**Um negro gallo, que em contínuo canto**

**Se atreve a perturbar o teu socego.**



**Em quanto Amphriso seu jardim regava**

**Per entre as murtas viu o deus menino,**

**Que a seu prazer, saltando de malino,**

**As mais formosas flôres lhe pizava.**

Então Amphriso o regador largava ,  
 E para o castigar corre sem tino ;  
 Mas Amor mais travêsso, e mais ladino,  
 Ca e la, entre os ramos, se furtava :

Cençado de o seguir Amphriso irado  
 Frene , ameaça-o, diz - lhe mil injurias ,  
 Promette, se o apanhar, crua vingança :

Mas Amor com semblante socegado,  
 « Socega Amphriso ( diz), deixa as vans furias ;  
 Que amor com ameaças não se alcança. »



Qual pelas fraldas corre do Parnaso  
 Com seus nitridos atroando o monte  
 O fero bruto que brotar a fonte  
 A coices fez, por outra, o bom Pegaso :

Tal da Castalia pelo campo raso  
 Correste meu F... novo Etonte ;  
 Por isso se te enrosca hoje na fronte  
 A planta , de que o sol faz tanto caso.

Ella pois te esporeie á gran' carreira ;  
 E a par d'elle em corcovos, upas , pinchos ,  
 Tropa do Pindo a cima derradeira :

Que Thalia, que ouviu teus roucos guinchos,  
 Predizendo-te está, fausta agoureira,  
 Que mais, que os d'elle, soarão teus rinchos.

## SONETOS.

Comigo minha mãe brincando um dia,  
 A namorar c'os olhos me ensinava;  
 Mas Amor, que em seus olhos me esperava,  
 Com mil brilhantes farpas me feria.

De quando em quando mais formosa ria;  
 Porque incapaz do ensino me julgava;  
 Porém tanto a lição me aproveitava,  
 Que suspirar por ella ja sabia.

Em poucas horas aprendi a amá-la:  
 Ditoso se tal arte não soubera,  
 Não me custára a vida não lográ-la!

Certo, que aprender menos melhor era;  
 Pois não soubera agora desejá-la,  
 Nem de tam louco amor enlouquecera!

♦♦♦♦♦

Era alta a noite, a lua prateada  
 Ja no sereno ceo resplandecia;  
 E a corrente do Tejo parecia  
 De ferventes estrellas marchetada.

Então Canidia bella, destoucada  
 Descalço o lindo pe, philtros urdia  
 Em tórno de una lousa, que se abria  
 De medouhos espectros rodeiada.



Regougavam no cume dos outeiros  
 Esfaimadas raposas, na floresta  
 Lhe respondiam mochos agoureiros.

Brama Canidia; e ós lémures ligeiros  
 Unhar mandou do bom Delphim\* na testa,  
 De finado cabello alguns milheiros.



N'una galé mourisca aferrolhado,  
 Ao som do rouco vento que zunia,  
 Sôbré o reno, cruzando as mãos, dormia,  
 O lasso Corydon, pobre forçado.

Em agradaveis sonhos engolphado,  
 Cuidava o triste que o grilhão rompia,  
 E que entre as ondas Lilia branda via  
 Talhar c'o branco peito o mar salgado:

De vê-la, e de abraçá-la cubiçoso  
 Estremeceu, tentando levantar-se,  
 E os fuzis da cadeia retiniram:

Acordou ao motim; e pezaroso,  
 Querendo á rude chusma lamentar-se,  
 So mil suspiros, so mil ais lhe ouviram.



Çujos Brontes estão arregaçados  
 Batendo o rubro ferro, e retinindo  
 Os rijos malhos, vão ao ar subindo

\* Antonio Delphim amigo do auctor.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

Ésta acção vil por íncllyta apregoa,  
Affirmando, que foi de um braço forte :

Se matar a quem dorme é ser valente,  
Todos mui bem sabemos, que em Lisboa  
Ha muitos Alexandres d' ésta sorte.



Digno monarcha \* de immortaes historias,  
Primeiro no louvor, bemque segundo  
No augusto nome, que ennobrece o mundo  
De famosos brazões, d' illustres glorias.

Livro escreveis das íncllytas memorias  
Dos vassallos fieis, saber profundo ;  
Pois nas lettras lhes dais nome fecundo,  
Dando-vos elles fama nas victorias.

Se para dar-lhes prénio merecido  
Das acções generosas que fizeram  
Eternizais seus nomes na escritura :

Liberalmente tendes dispendido ;  
Pois na vossa memoria receberam  
Anticipado o prémio na ventura.



Socorro ao quarto Afonso lusitano  
O castelhano rei medroso pede.  
Contra o torpe furor de Mafamedo,  
Que conjurado ve para seu dano.

\* El-rei D. João. II.

O magnanimo Afonso soberano  
 Que em prudencia e valor a ninguem cede,  
 Não somente o subsidio lhe concede,  
 Mas contra o podêr vai do Mauritano.

Porém o castelhano arrependido,  
 Ou ja desconfiado da victória,  
 Da guerra a furia teme denodada.

« Isso não, ( diz Afonso apercebido )  
 Que eu venho a conseguir immortal glória,  
 Para o que basta so tirar a espada. »

JOSÉ DE SOUZA.

---

## SONETOS.\*

N'um valle de boninas matizado  
 Chorar pretende Anarda eternamente;  
 E qual manhan saudosa e refulgente,

\* A pouca ou nenhuma lição que J. X. teve dos exemplares gregos e latinos, e até mesmo dos nossos, fez que (assim nos sonetos, como nas outras composições suas) reine pouca variedade, escolha e interesse. O estylo d'este poeta é prosaico, monótono, e a dicção pobre de elegancias e metaphoras. J. X. so era dotado de uma *corrente veia*; faltava-lhe aquelle atecismo classico, aquelle puro gosto, aquelle estro, e alfim aquella erudição vastíssima, tam urgente ao verdadeiro poeta.

O campo deixa em lagrymas banhado :  
 Da triste seu razão do seu cuidado  
 Deve aquella campina estar contente ;  
 Pois lucra, em quanto Anarda tem presente ,  
 Que lhe engrosse a corrente, e orvalhe o prado :  
 Com ella brilha mais a verde esphera ;  
 Porque quando suspira, e quando chora ,  
 A flor se alenta, o rio se prospera :  
 Pois peça o campo alviçaras a Flora ,  
 Que será permanente a Primavera,  
 Onde estão sempre as lagrymas da Aurõra.



Se eu me víra n'um bosque, onde não desse  
 Signal, vestigio humano de habitado,  
 De verdenebras ramas tam fechado,  
 Que ainda alli de dia anoitecesse :  
 Se então la de una balsa ao longe houvesse  
 Gemendo um mocho, e tudo o mais calado :  
 So d'entre alguns rochedos pendurado  
 Com som medonho, um rio alli corresse :  
 Enfim n'ua lugar tal, onde os meus dias  
 Consumindo se fossem na certeza  
 De não tornarem mais as alegrias ;  
 Faminta ainda a triste natureza,  
 Cercada alli de tantas agonias ,  
 Nem então se fartara de tristeza.



**Poz-se o sol; como ja na sombra feia,  
Do dia pouco a pouco a luz desmaia!  
E a parda mão da noite, antes que caia,  
De grossas nuvens todo o ar semeia!**

**Apenas ja diviso a minha aldeia;  
Ja do cypreste não distingo a faia:  
Todo em silencio está : so la na praia  
Se ouvem quebrar as ondas pela areia.**

**Co' a mão na face a vista ao ceo levanto,  
E cheio de mortal melancholia ,  
Nos tristes olhos mal sustenho o pranto :  
E se inda algum allívio ter podia,  
Era ver ésta noite durar tanto,  
Que nunca mais amanhecesse o dia.**



**Não foi, Marilia, a tua formosura  
Quem me prendeu a sôlta liberdade,  
Outras são as cadeias, que a vontade  
Beija por gôsto, arrasta por ventura.**

**O fragil dom de uma gentil figura  
Voa nas azas da primeira idade,  
E da pulida mão da enfermidade  
O mais ligeiro toque a desfigura.**

**Teu grande coração, tua alma grata,  
Teu claro espirito, de virtudes cheio,  
Desprezador de todo o ouro e prata,**

**É so a formosura, em que me enleio ;**

Que ésta , quando do corpo se desata ,  
Para o ceo torna a ir, de donde veio.

J. XAVIER DE MATOS.

---

## SONETO.

A quelle *tu* , e *vós*, quando algum dia  
Havia em Portugal sinceridade,  
Acabou , começando a nossa idade  
A dar a uma *mercé* a primazia.

Depois foi-se exaltando a fidalguia ,  
E entrou tambem na plebe essa vaidade ;  
E tomando a *mercé* de propriedade  
A nobreza subiu á *senhoria*.

Não parou inda aqui tanta loucura ;  
Porque vai ja querendo uma *excellencia* ,  
Quem tinha a *senhoria* por ventura.

Mas sabeis o que causa ésta demencia ?  
Faz que os críticos vão á sepultura  
Fazer-lhe anatomia na ascendencia.

PAULINO CABRAL.

---

## SONETOS.

Em escura botica encantoados ,  
Ao som de grossa chuva que caía ,

Passavam de janeiro um triste dia  
 Dous ginjas no gamão encarniçados ;  
 « Corra, vizinho, corra-me esses dados , »  
 Gritava um d'elles que nem boia via ;  
 De sangue frio o outro lhe dizia  
 Mil anexins n' aquelle jôgo usados ;  
 Dés vezes falha o misero antiquario ;  
 E ardendo em furia o tremulo velhinho,  
 Atira c' uma tabola ao contrario ;  
 O mal seguro golpe erra o caminho ;  
 Quebra a melhor garrafa ao boticario,  
 Que foi so quem perdeu no tal joguinho.



Vai , misero cavallo lazarento,  
 Pastar longas campinas livremente ;  
 Não percas tempo, em quanto t' o consente  
 De magros cães faminto a junctamento ;  
 Ésta sella, teu unico ornamento,  
 Para signal de minha dor vehemente,  
 De torto prego ficará pendente ,  
 Despojo inutil do inconstante vento :  
 Morre em paz ; que em havendo algum dinheiro  
 Hei de mandar, em honra de teu nome ,  
 Abrir em negra pedra este letreiro : .  
 — *Aqui piedoso entulho os ossos come*  
*Do mais fiel , mais rapido sendeiro ,*  
*Que fôra eterno a não morrer de fome. —*





Que sege, senhor conde? eu fiz um voto  
 De andar antes per mar, e mar com moiros;  
 É triste habitação de maus agoiros;  
 É um resto infeliz do terremoto;

De astuta palmatoria o bico ignoto,  
 Em vão fura do macho os surdos coiros;  
 Em vão fulmina rígidos estoiros  
 Do bebado arreieiro o braço roto;

A parda caixa é documento antigo;  
 É prova, de que os annos gastadores  
 De cada ponto fazem um postigo;

É sege tal, que em nada poupa dores;  
 Por mais que a feche, la vão ter comigo  
 As injúrias do tempo, e as dos credores.



Chaves na mão, melena desgrenhada,  
 Batendo o pe na casa, a mae ordena,  
 Que o furtado colchão, fofo, e de pena,  
 A filha o ponha alli, ou a criada.

A filha, môça esbelta e aparaltada,  
 Lhe diz co' a doce voz que o ar serena:  
 — « Sumiu-se-lhe um colchão, é forte pena;  
 Olhe não fique a casa arruinada. »

— « Tu respondes-me assim? tu zombas d'isto?  
 Tu cuidas, que por ter pae embarcado,  
 Ja a mãe não tem mãos? » e dizendo isto,  
 Arremette-lhe á cara, e ao penteado;  
 Eis senão quando ( caso nunca visto! )



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



Envesga os olhos, e anhelando ancioso  
Por Hecate bradou enfurecido.

Muge a terra, e entre larvas cento e cento  
Do abysmo surge a deusa ao ceo sereno,  
A quem lhe diz o deus sanguinolento :

« Deusa, que o Averno reges c'um aceno,  
Á furia do ciúme macilento  
Entrega para sempre o triste Alfeno. »

DOMINGOS MAXIMIANO TÓRRES



## SONETOS.

Primeiro as aves os vergeis deixando  
Produzirão nas aguas do profundo;  
Primeiro o peixe, em terra moribundo,  
Verás os ares pelo mar trocando;

Primeiro o sol seus raios eclipsando,  
Esconderá de todo a luz ao mundo;  
E nos bosques o tigre furibundo  
Verás c'o cordeirinho andar brincando.

Primeiro a caprichosa formosura  
Deixará de ser barbara e ferina,  
Revestida de placida ternura;

Do que verás Crinauro, cuja sina  
Foi so de te encontrar aspera e dura,  
Deixar de te querer, bella Andrelina.

Pretos longos finissimos cabelos,  
 Pelos quaes o fagueiro Amor so jura,  
 Face, em que a rosa á neve se mistura,  
 Uns olhos garços, por mortaes mais belos;  
 Collo de neve, por quem ardo em zelos,  
 Mãos que vencem do marmore a candura,  
 Coração ( oh desar ! ) de pedra dura,  
 Uns thesouros de amor... quem pôde velos ?  
 . Uns labios de rubi, um rir divino,  
 Boca, a que dão as perolas ornato,  
 Voz angelica, gesto peregrino :  
 Alma em tudo insensibil, genio ingrato,  
 Um corpo emfim de Jupiter so dino :  
 De Andreлина, gentil eis o retrato.



« O que é terra foi mar, o mar foi terra : »  
 Brada o naturalista enthusiasnado,  
 Porque achou berbigão petrificado,  
 Que alpestre monte no seu bojo encerra.

Os calculos desfaz, e bórra, e erra  
 Trombudo mathematico enfadado,  
 Regua d'aqui, compasso d'outro lado,  
 Do X altos segredos desenterra.

O palrador jurista d'outra banda  
 Citado o velho Pegas nos segura  
 « Que o pupilo tem jus de pôr demanda. »

Quando tal quadro a mente me figura,  
 Diz-me a voz da razão saudavel, branda :

Eis o retrato da geral loucura.



Um doente miserrimo arquejava  
Entre medonha turba de doctores,  
Exhalando tristissimos clamores  
Contra a juncta fatal que o assassinava.

Um causticos e adjudas receitava,  
Outro xaropes de diversas flores,  
Por mais que invocam medicos auctores,  
Nenhum Galenò com a doença dava.

Eis chega o doctor Bilro, cuja pena,  
Por ser ser dos mais sendeiros mor sendeiro,  
Em um so rasgo exercitos condena:

Para a sentença trazem-lhe um tinteiro;  
E apenas receitou, oh dura scena!  
Abre-lhe a cova o sordido coveiro.

M. MATIAS.



## SONETOS.\*

Vem suspirada carinhosa Armia,  
Remir o escravo, consolar o amante,

\* É incrível a facilidade com que Bocage improvisava, e até compunha sonetos! N'esto genero de poesia é que talvez elle arranca a palma aos mo-

Que afflicto, que sandoso, a cada instante  
Te envia um pensamento, um ai te envia.

Dá-me nos olhos teus mais puro o dia,  
E flôres mais gentis em teu semblante,  
Que a flor de Cytherea, a flor brilhante,  
Que o manso abril prefere a quantas cria.

Inimiga de amor é a tardança :  
Não tardes, não, meu bem, que me flagellas  
Em prolongar-me a sofrega esperança.

Vem olhar n'este rio as faces bellas;  
Vem, por doce illusão da similhaça .  
Ver enganar-se os zephyros com ellas.



Tam negro como a turba, que vagueia  
Na margem do Cocyto, á luz odioso,  
O bando de mens males espantoso  
No sepulcro dos vivos me rodeia.

Qual me abala os fuzis da vil cadeia,  
Qual me afigura um rotulo affrontoso,

dernos vates lusitanos. O que não deve causar admiração, se se reflectir que o curto stadio d'êsta pequena peça, lhe permittia desinvolver toda a ardescencia momentanea de seu estro ; e notorio é, que as de maior tómo quasi sempre ficavam por acabar. Eis a causa porque grande parte de suas obras se compõe de fragmentos. A sua phantasia era como as borboletas!

Qual me diz: « Ai de mim , que fui ditoso !  
Eis d'elles todos o que mais me anceia.

Tomara reforçar pela amargura  
Meu ser, que anda c'os fados tam malquisto ;  
Tomara costumar-me á desventura :

Esquecer-me do bem gozado e visto,  
Pensar que a natureza é sempre escura ,  
Que é geral este horror, que o mundo é isto.



Grato silencio, trémulo arvoredo,  
Sombra propícia aos crimes, e aos amores,  
Hoje serei feliz ; longe temores,  
Longe phantasmas, illusões do medo :

Sabei , amigos zephyros, que cedo  
Entre os braços de Nise, entre éstas flores,  
Furtivas glórias, tacitos favores,  
Heide, emfim , possuir; porém segredo !

Nas azas froxos ais , brandos queixumes  
Não leveis, não façais isto patente,  
Que nem quero que o saiba o pae dos numes:

Cale-se o caso a Jove onnipotente ; ,  
Porque, se elle o souber, terá ciumes ,  
Vibrará contra mim seu raio ardente.



Per terra jaz o emporio do Oriente,  
Que do rigido Afonso o ferro , o raio

**Ao gran' filho ganhou do gran' Sabaio,  
Envergonhando o deus armipotente.**

**Caíu Goa, terror antigamente  
Do Naíre vão, do perfido Malaio,  
De barbaras nações... ah! que desmaio  
Apaga o marcio ardor da lusa gente!**

**Oh seculos de heroes! dias de glória!  
Varões excelsos, que apesar da morte,  
Viveis na tradição, viveis na história!**

**Albuquerque terribil, Castro forte,\*  
Menezes, e outros mil, vossa memória  
Vinga as injúrias, que nos faz a sorte.**



**Da triste bella Ignez inda os clamores  
Andas, Echo chorosa, repetindo;  
Inda aos piedosos ceos andas pedindo  
Justiça contra os ímpios matadores:**

**Ouvem-se inda na fonte dos amores  
De quando em quando as nayades carpindo;  
E o Mondego, no caso reflectindo,  
Rompe, irado, a barreira, alaga as flores:**

**Inda altos hymnos o universo entôa  
A Pedro, que da morta formosura  
Comvosco, Amores, ao sepulcro vôa.**

**Milagre da belleza, e da ternura!  
Abre, desce, olha, geme, abraça e crôa**

\* Verso de Camões.



A malfadada Ignez na sepultura !

+++++

Adamastor cruel! de teus furores  
 Quantas vezes me lembro horrorizado!  
 Ó monstro ! quantas vezes tens tragado  
 Do soberbo Oriente os domadores !

Parece-me, que entregue a vis traidores,  
 Estou vendo Sepulveda aſamado  
 Co' a sposa, e c'os filhinhos abraçado,  
 Qual Mavorte com Venus e os Amores :

Parece-me que vejo o triste esposo,  
 Perdida a tenra prole e a bella dama,  
 Às garras dos leões correr furioso.

Bem te vingaste em nós do afoito Gama;  
 Pelos nossos desastres es famoso:  
 Maldicto Adamastor! maldicta fama !

+++++

Oh deusa ! que proteges dos amantes  
 O destro furto, o crime deleitoso,  
 Abafa com teu manto pavoroso  
 Os importunos astros vigilantes.

Quando adoçar meus labios anhelantes  
 No seio de Ritalia melindroso,  
 Estorva que os maus olhos do invejoso  
 Turbem de amor os sofregos instantes.

Thetis formosa, tal incanto inspire  
 Ao namorado sol teu niveo rosto ,



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

De zelos infernaes lethal veneno;

Devoto incensador de mil deidades ,  
 ( Digo de môças mil ) n'um so momento ,  
 E somente no altar amando os frades ;

Eis Bocage, em quem luz algum talento :  
 Saíram d'elle mesmo éstas verdades  
 N'um dia em que se achou mais pachorrento,



Se é doce no recente ameno estio  
 Ver tocar-se a manhan de ethereas flores ;  
 E lambendo as areias e os verdores,  
 Molle e queixoso, deslizar-se o rio :

Se é doce no innocente desafio  
 Ouvirem-se os volateis amadores ,  
 Seus versos modulando, e seus ardores  
 D'entre os aromas de pomar sombrio :

Se é doce mares, ceos ver anilados  
 Pela quadra gentil, de amor querida ,  
 Q'esperta os corações, floreia os prados:  
 Mais doce é ver-te, de meus ais vencida,  
 Dar-me em teus brandos olhos desmaiados  
 Morte , morte de amor, melhor que a vida.



Meu ser evaporei na lida insana  
 Dò tropel de paixões, que me arrastava :  
 Ah! cego eu cria, ah misero eu sonhava  
 Em mim quasi immortal a essencia humana !

De que innumeros sóes a mente ufana  
Existencia fallaz me não dourava !

Mas eis succumbe a natureza escrava  
Ao mal que a vida em sua origem dana.

Prazeres socios meus , e meus tyrannos ,  
Ésta alma , que sedenta em si não coube,  
No abysmo vos sumia dos desenganos.

Deus... oh Deus! quando a morte a luz me roube,  
Ganhe um momento o que perderam annos,  
Saiba morrer o que viver não soube.

BOCAGE.

---

## SONETOS.

« Medonha corre a noite, a froxa lua  
A furto mostra o rosto desmaiado ;  
Em mil voluveis serras levantado  
Ruge raivoso o mar na praia nua :

Um so baixel nas ondas não fluctua ;  
Os nautas dormem , zune o vento irado ;  
Ah doce Laura! ah doce objecto amado !  
Quem víra agora a linda imagem tua ! »

Assim as vozes eu soltava apcioso,  
Quando Laura, o meu bem, a minha estrella,  
Ao lado vejo, e vejo-me ditoso.

No meu pobre batel entro com ella:

Oh ceos ! desde que sulco o Tejo undoso ,  
Nunca vi , nem gozei noite mais bella !



Ja matizando o ceo de vivas cores  
Vinha a brilhante aurora apavonada ,  
E inda sôbre os meus braços fatigada  
Laura dormia , Laura os meus amores.

De terna mágoa , d'horridos temores ,  
Vejo minha alma a um tempo salteiada ;  
Sinto privar do somno a miuha amada ;  
Temo vejam que lógro os seus favores.

Em quanto pugna em mim susto e ternura,  
Vistos somos d'espia vigilante,  
Que o nosso affecto destruir procura :

Vou-me, deixo o meu bem; desde esse instante,  
Cançados olhos, olhos sem ventura ,  
Nunca mais vistes seu gentil semblante.

B. M. C. SEMEDO.



## SONETOS.

*Assim de flôres se coroa a Aurora.*

Um soneto ! ainda ésta me faltava !  
Quatorze versos ! isso é mui comprido !

Não chega la meu estro desprovido ;  
Muito é se deito a barra a uma oitava!

La vai : *O sol brilhante campeava  
Pela estrada do meio... Vou perdido,  
Longe do mote , longe do sentido :*  
Nunca, no outeiro, Albano assim glosava.

Entró per outra porta... D'êsta feita  
Creio que dei c'o trincho : *Uma pastora,  
Que c'o cajado, n' agua, tinha feita...*

Não presta. Tome la , minha senhora ,  
Guarde o mote ; e dir-lhe-hei, quando s'enfeita:  
*Assim de flores se corôa a Aurora.*



*Vence as deusas do Ida em gentileza.*

La vai glosa , menina , vai soneto :  
Deus me ajude; deus digo , o deus Apolo,  
Co'as musas todas nove ao hombro , ao colo ;  
Que eu , sem musas, com versos me não meto.

Então, como lhe digo , o meu affeto  
Que me faz retumbar de pólo a polo,  
Quando as sinezas apressado enrolo...  
Que tal! . . Deu fim ja o ultimo quarteto!

Menina, tenha fe ; que largo pano  
Tenho, nos dous tercetos, para a empreza;  
E eu, n'isto de glosar, sou soberano.

Fique aqui entre nós: sua belleza

Nos versos do Macedo, \* ou nos de Albano, \*\*  
*Vence as deusas do Ida em gentileza.*

FRANCISCO MANUEL.

## SONETOS.

Aqui da linda Ignez \*\*\* a formosura  
 Acabou: crueis mãos morte lhe deram!  
 Inda signaes do sangue, que verteram,  
 Estão gravados n'essa penha dura:

Vendo as nymphas tammanha desventura,  
 Sôbre o pallido corpo aqui gemeram,

\* Fr. Francisco de sancto Agostinho Macedo compoz milhar de milhares de contos de contos, e compozera contos de contos de milhares de versos, se as suas *theologias*, se as suas *predicas* lhe não fossem á mão á despenhada torrente da sua caudalosa *metrificancia*.

FRANCISCO MANUEL.

*On dit que quelqu'un, croyant le pousser à bout, lui proposa de faire sur-le-champ la description de la Gigantomachie et celle de Médée en fureur; que Macedo les fit sur l'heure, et y employa plus de deux mille vers.*

MOREAU.

\*\* João Xavier de Matos.

\*\*\* D. Ignez de Castro.

**Fugi , fugi de amor, que a rigorosa  
Morte lhe trouxe aqui ! era innocente ;  
Se teve culpa , foi em ser fermosa.**



**Venus buscando a Amor andava um dia ,  
E a todos seus por elle procurava ;  
A mim me perguntou « onde elle estava ? »  
E eu lhe disse , « que em Lilia o acharia . »**

**A Lilia corre , e ve que Amor dormia  
Em seu molle regaço ; vozes dava ,  
Porque Amor acordasse : elle acordava ;  
Mas ria-se da mãe, e a dormecia :**

**Porfim lhe torna : — « Mãe, não mais te cances ,  
Qu'eu ja d'aqui não saio , ainda quando  
Rogues , ou mandes , ou grilhões me lances . »**

**— « Fica-te em paz ( diz Venus ) ja voltando ;  
Nem tu tens melhor collo , em que descances ,  
Nem Lilia maior bem , que ter-te brando . »**

**A. R. DOS SANTOS.**



---

**SONETOS.**

Os fachos pelos ares sacudindo  
 Voando baixam mil gentis Amores ;  
 Cingidas todas de festões de flores  
 As Graças vejo vir folgando e rindo.

De Dictos chocarreiros bando infundo ,  
 Brincos travêços , Beijos voadores ,  
 Travando dos Desejos matadores ,  
 Ledos se aprestam ao festejo lindo....

Eis chega Amor ! « Os miseros humanos  
 Vingamos hoje ( diz ) ; cesse a alegria ;  
 Não se celebrem de Marina os annos ;

Os males, que ella fez, punam-se um dia ;  
 Sinta murchar os olhos soberanos ,  
 E pague co' a doença a tyrannia. »

♦♦♦♦♦

Adeus, fica-te em paz Alcina amada ;  
 Ah ! sem mim sê feliz, vive ditosa ;  
 Que contra meus prazeres invejosa  
 A fortuna cruel se mostra irada.

Tam cedo não verei a delicada ,  
 A linda face de jasmins e rosa ,  
 O branco peito, a boca graciosa  
 Onde os amores teem gentil morada.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



---

## Epigrammas.

---

*A um homem extremamente feio.*

Podes ter com Narcizo igual ventura,  
 Mas na causa haverá desigualdade;  
 Elle morreu de ver sua figura,  
 Morrerás vendo a tua na verdade:  
 Elle d'amor de sua fermosura,  
 Tu de medo de tua fealdade;  
 E outra grau' differença em ti veremos,  
 Por elle se chorou, por ti riremos.

CAMINHA.

---

*Da Medicina.\**

A morte, perdendo a foice,  
 Creu sua força desfeita:

\* O apologo, o *epigramma* (n'este genero incluo os sonetos) a epistola, e a poesia anacreontica, eis em que Bocage primou. As suas composições d'êsta es-

**Disse-lhe um medico insigne :  
« Aqui tens ésta receita. »**

*A molestia e a cura.*

**Aqui jaz um homem rico  
N' ésta rica sepultura :  
Escapava da molestia ,  
Se não morresse da cura.**

*O pae enfermo e o doctor.*

**Um velho caiu na cama;  
Tinha um filho esculapino,  
Que para adivinhações  
Campava de ter bom tino :  
O pulso paterno apalpa,  
E receitar depois vai ;  
Diz-lhe o velho, suspirando :  
« Repara que sou teu pai.»**

*A molestia e a receita*

**Para curar febres podres**

**pecie, serão os foros, por que a posteridade o collocará no número dos paes de nossa poesia, como um dos esmaltes de nossa litteratura.**

**J. M DA COSTA E SILVA.**

Um doctor se foi chamar,  
Que , feitas as ceremonias,  
Começou a receitar.

A cada pennada sua  
O enfermo arrancava um ai!  
—« Não se assuste, ( diz Galeno )  
Que inda d' ésta se não vai. »

—« Ah senhor ! ( torna o coitado,  
Como quem seu fado espreita )  
Da molestia não me assusto,  
Assusto-me da receita. »

*Conselho a um impaciente.*

Homem de genio impaciente,  
Tendo uma dor infernal,  
Pedia, para matar-se,  
Um veneno, ou um punhal.

« Não ha ( lhe disse um vizinho  
Velho que pensava bem )  
Não ha punhal, nem veneno;  
Mas o medico ali vem.

*A Parca e o medico.*

— « Morte ! ( clamava um doente )  
Este misero soccorre. »  
Surge a Parca derepente ,

**E diz de longe : — « Recorre  
Ao teu medico assistente. »**

*Vingança de medico.*

**Um medico, resentido  
De certo seu offensor,  
Ante um amigo exclamava,  
Todo abrasado em furor :  
— « Para punir este indigno ,  
Este vil , tomara um raio. »  
Acode o outro : — « Ha um meio  
Muito mais facil ; curai-o. »**

*O recipe.*

**Poz-se medico eminente  
Em voz alta a receitar.  
— « Recipe, ( diz )... derepente  
Grita da cama o doente :  
— « Basta , que mais é matar. »**

*O adeus do doctor.*

**Um medico receitou:  
Subito o recipe veio ,  
Do qual no bucho do enfermo  
Logo embutiui copo e meio.  
— « Adeus até á manhan »**

( Diz o fofo professor )

Responde o doente : » — « Adeus  
Para sempre , meu doctor. »

*O letrado.*

Inda novel demandista  
Um letrado consultou ,  
Que , depois de cem perguntas ,  
Tal resposta lhe tornou :  
— « Em Cujacios , em Monochios ;  
Em Pegas e Ordenação ,  
Em Reinicolas e Estranhos  
Tem carradas de razão. »  
— « Sim , sim , per toda essa estante  
Tem razão , razão de mais.  
— « Ah senhor ! ( o homem replica )  
Tê-la-hei nos tribunaes ? »

*Titulo para uns aphorismos.*

Certo Averroes quiz no prelo  
Ver seus aphorismos junctos.  
Poz-lhes o edictor singelo :  
— *Arte de fazer defunctos.* —

*A cura.*

Lavrou chibante receita

Um doctor com todo o esméro,  
 Era para certa môça,  
 Que ficou san como um péro.  
 — « Tam cedo! é milagre — ( assenta  
 A mãe, que de gôsto chora — )  
 — « Minha mãe, não é milagre:  
 Deitei o remedio fora. »

*Terra para medicos.*

Uma terra dizem que ha,  
 Onde a fome acerba e dura  
 Cabo dos medicos da:  
 Porque é isto? é porque la  
 Págam somente a quem cura.

*Alliança de duas altas potencias.*

Arrumado ás duas portas  
 Pingue boticario estava,  
 E brandamente acenou  
 A um doctor, que passava.  
 Mal que chega o bom Galeno,  
 Diz o outro em ar jucundo:  
 « Unamo-nos, meu doctor,  
 E demos cabo do mundo. »



*A um procurador.*

Com tam má gambia andas tanto .  
 Tanto d'aqui para alli !  
 Procurador, não me enganas :  
 Tu procuras para ti.

*A razão cabal.*

Um escrivão fez um roubo,  
 Diz-lhe o juiz : — « Que razão  
 Teve para fazer isto ? »  
 Responde : — « Ser escrivão. »

BOCAGE.

*A um zole.*

Eu lia a um gran' doctor  
 De gorda catadura  
 Do sublime Camões a rima pura  
 Do nunca assás louvado Adamastor.  
 Quando mais enlevado  
 Em seu canto divino  
 Amcigo a voz, e em brando tom a a fino  
 Para lhe ler Ignez e seus amores .  
 E sua injusta morte, injustas dores . ,



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

*As pandectas e Camões.*

Vós perguntais as razões  
Porque tenho noite e dia  
Sobre a meza em companhia  
As pandectas e o Camões?  
É, se vós o não sabeis,  
Que a leitura do poeta  
É correctiva e dieta  
Depois de ter lido as leis.

*Artigos do Decalogo.*

*Não matarás* : é lei dada  
N'um e n'outro Testamento ;  
Ao medico é que pertence  
Este sancto mandamento.

*Não furtarás* : é preceito  
Tambem nos livros sagrados ;  
Isto pertence aos juizes ,  
Aos escrivães e letrados.

A. R. DOS SANTOS.

---

# Satyricos.

## SATYRA I.

### O POETA.\*

— « Corydon, Corydon, que negro fado,  
 Que frenezi te obriga a ser poeta?  
 Que esperas de teus versos? Ainda esperas  
 Pelos antigos seculos dourados,  
 Quando achavam Mecenas bons Ingenhos?

\* N'êsta *satyra*, onde se nota toda a correccão e pico, que se admira nas de Boileau, mostra o auctor de certos zoilos, que (incapazes de reflectir que nenhuma palavra é rasteira quando é bem collocada e congruente ao assumpto) tinham censurado alguns termos ao poeta, tachando-os de baixos. É pena que Garção fosse tam parco n'este genero de poesia, pois so êstas duas *satyras* nos deixou. Mas elle retocava muito as suas obras, e não as avaliava pelo número.

Não sabes que das musas portuguezas

Foi sempre um hospital o Capitolio?

Viste ja, que seis urcos arrastassem

Em douradas berlindas um poeta?

Não escreve *Lusiadas* quem janta

Em toalhas de Flandres; quem estuda

Em camarins forrados de damasco.

Quanto mais, que esses versos que assoalhas \*

São trovas, de que os doudos escarnecem;

Sem que lhes valha o titulo estrondoso

Com que talvez pretendes baptiza-los:

*Odes* lhes chamas tu? e elles murmuraem.

Não sei de que palavras. Outro dia

Me disse Fabio o docto, o longo Fabio,

Que d'estes bolos o chavão não tinhas;

Que no *alcaide* fallaste, e nos *bugios*,

Nos *descalços trombetas*, termos chulos,

E vedados a melicos cantores.

Pois um Matuzio, o fallador Matuzio,

Que inda mais livros leu de quantos teve

Ptolomeu, e conserva o Vaticano;

N'êsta mesma bigorna la de longe

Co' a pesada cabeça te martella!

Que furia te tentou com tal *alcaide*?

Antes *tribuno*, ou ja *lictor* dicesse;

\* Garção como era dotado de muito gosto e erudição, rompendo per todos os obstaculos do mau gosto de seu tempo, fez renascer ésta, e outras muitas elegancias de nossa lingua.

**E se sabes francez *sergent* , seria  
Enfeitar o teu cepo mais á moda.  
Mas tu não fallas? Cállas-te? Que dizes? »**

**— « Que hei de dizer, Calfurnio ! que ja cedo  
Como Horacio, aos prestigios de Canidia;  
Que as mãos te dou a ti, e aos bons lettrados  
Licurgos e Ulpianos de palavras,\*  
Com que me allegas, com que me intinuidas :  
Que alegre borrarei o nome de *ode*  
Dos versos meus, que por desastre víram :  
Feliz eu, se consigo com dous rasgos  
Da penna, que maneio tam ligeiro,  
Escapar aos malsins que me pesquisam. »**

**— « E não fôra melhor que te deixasses  
De uma arte desgraçada , que os prudentes  
Ja calvos Salamões , padres-conscriptos  
Aborrecem, desprezam e condemnam?  
Almotacel que queiras ser de um bairro,  
Excluido serás sendo poeta.  
Antes de ti se diga , que perdeste  
O dote da mulher, o pão dos filhos ,**

\* Para esses, e outros taes, que eu não nomeio, escreveu Francisco Manuel esta nota :

• Por mim não permitta Deus, que jamais lastime de caso pensado, o exquisito gosto de certos individuos, que se arrogaram o officio de — *aferidores dos termos de nossa lingua*. — O ceo os cubra com sua benção, e os continue no boa vocação, que tomaram, para que medre a utilidade, que de seus desvelos se nos segue. •

Porque Gelonio teve quatro d'bonras.  
 Antes de ti se diga, que roubaste  
 Ao pobre caminhante dés cruzados;  
 Que violaste as vestaes; que em vão juraste;  
 Que es braxo, delator, que es um falsario:  
 Tudo o tempo consome, tudo esquece,  
 Tudo douram riquezas; mas poeta!  
 É furia sem remedio, é cão damnado,  
 Todos o apupam, todos o apedrejam!  
 Tu andas pelas ruas mui contente  
 Com teus grandes canhões empertigado,  
 Indaque baixo e fusco, vas cuidando  
 Que reparam em ti, que todos dizem,  
 Com o dedo mostrando a má figura:  
 « Eis o grande poeta, que nos trouxe  
 A galante invenção de *versos soltos*,  
 O contagio das *odes*; que atrevido  
 Quer extirpar a seita dos *sonetos*; »  
 Mas quanto Corydon, quanto te enganas!  
 É certo que te apontam; mas bradando:  
 « La vai o novo Horacio auctor da ode  
*Varra o credor soberbo a pobre casa*  
*C'o desabrido alcaide!* » Circunspectos,  
 Embicando no *varra*, e mais no *alcaide*,  
 Põem as mãos na cabeça. Clamam que *odes*  
 Nunca víram com termos tam rasteiros;\*

\* Quando eu vivia em Lisboa, tinha muitos conhecidos (não é raro quando não ha pobreza que os afaste) entre elles uns eram oradores, outros poe-

**Pensamentos que foram condemnados  
Nos rusticos escolios de Lucilio ! »**

**— « Basta, Calurnio men , ante os juizes  
Que tam boa sentença proferíram ,  
Quizera retractar-me; e te prometto  
De abjurar o estylo que seguia :  
Buscarei novas pbrases , novos termos ;  
A lingua fallarei de Palaínhos :  
Ás minhas trovas , meus humildes versos ,  
Eu te juro, que nunca mais lhes falte  
O sonoro *zão zão* dos consoantes,  
Magestosas ideias sybillinas ,  
E outros taes atavíos , com que arreiam  
Suas composições esses bons mestres.  
Mas tu que tens a dita de pizares  
O portico sagrado de outra Athenas ;  
Que es estudante, e foste preservado  
Da culpa original da pobre Arcadia ,  
Descendente do Adão do grande monte ,  
Que larga as cans de prata no Mondego ;  
Por ancião famoso, e conhecido ,  
Vai , e por mim o oraculo consulta ,**

**tas á nossa moda ; e nas suas fallas, nas suas compo-  
sições , não encontrarieis c'uma phrase , c'um so  
termo, que não fosse digno *da nossa côrte* ; mas tam-  
bem observei, que esse nimio scrupulo de se *abaixa-  
rem* , ou de *afonsinharem* fez , que nunca disseram,  
nem escreveram cousa que *lamba o gato*.**

**FRANCISCO MANUEL.**



Pergunta se tambem o Venuzino  
 Clara estrella polar, o velho Horacio  
 Errou na opinião d'esses Cujacios,  
 Quando chamou sem pejo dentro em Roma  
 Ante a face de Augusto, em suas odes,  
*Garridos espadões, a mil eunuchos;*  
 Ao boim Añio chamou *vil usurario;*  
 A Mevio *fedorento, mastim a outro,*  
*Bruxa a Canidia: se varou em terra*  
 Seu baixel alteroso, quando disse  
 De um mau liberto, prodigo e soberbo,  
*Que fóra do verdugo c'o azurrague*  
*Nas costas fustigado até incharem*  
*Ao gritador porteiro as cordoveias*  
*Do vermelho pescoço que suava.*  
 Não te fallo na velha deshonestá,  
*Que os falsos arrebiques lhe caíam*  
*Pelo verde semblante descorado,*  
*Como o vermelho barro no alto monte*  
*Em laivos se derrama, quando a chuva*  
*Principia a correr em enchorrada...»*

— «Repara, Corydon, que n'essas odes  
 As palavras que allegas são latinas.»

— «Logo póde em latim dizer-se *preco*,  
 Porteiro em portuguez é condemnado!

Ora, Calfurnio, vai-te: em paz me deixa,  
 Que nem me lembro ja de taes doctores:

\* A vivacidade com que o auctor responde a ob-  
 jeção de Calfurnio, e a desfaz, é admiravel!



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



---

 SATYRA II.
 

---

SÔBRE A IMITAÇÃO DOS ANTIGOS. \*

Não posso , amavel conde, sujeitar-me  
 A que ás cegas se imitem os antigos ;  
 Quero dizer, aquelles Portuguezes,  
 A que hoje chamâmos *quinhentistas* :

\* Com as armas do ridículo, combate o Garção , n'êsta segunda *satyra*, alguns cegos admiradores das phrases e termos antiquados ; porque sem discernimento e escolha introduziam em assumptos serios, as palavras mais rasteiras, so porque eram antigas. Antonio Ribeiro dos Santos tambem impugnou admiravelmente n'uma epistola êsta louca mania , que lavrava em certos escriptores seus contemporâneos, como se ve n'estes versos :

Quantos folgam fallar a prisca lingua,  
 Qual Egas, qual fallou Fuas Roupinho,  
 Qual esse conde antigo, que levava  
 A villa de Condeixa por compadre !  
 Mas como a fallam ? Poem sua ineestria  
 Em palavras sedicças, termos velhos,  
 Terinos de saibo e môfo, que arrepiam  
 Os cabellos da gente. Uns ha que estupidos

O bom Sá, bom Ferreira, o bom Bernardes  
 Foram grandes poetas; qualquer d'elles  
 Foi discreto, e foi sabio; emfim as musas  
 Lhe embalaram o bérço, e lhe cubríram  
 Com murta, e com loureiro a sepultura;  
 Mas nem por isso os pobres escaparam  
 Á culpa original: teem suas faltas,  
 Teem seus altos e baixos, teem sedeiros;  
 Onde dá c' os focinhos um pedante,  
 Que va per onde fôr, hade segui-los,  
 Que hade furtar-lhe tudo quanto dizem;  
 E seja bom, ou mau, isso que importa?  
 O ponto está que o digá algum d'aquelles

Dos comicos de Sá, e Vasconcellos,  
 Palavras da mais baixa estofa tiram,  
 E as poem, como sainete, em grave assumpto  
 Enderençado a altas personagens;  
 Nem se pejam levar-lhes, como off'renda,  
 Um bico d'obra mal acepilhado,  
 E pôsto em maçorral cançada prosa:  
 Outros ja teem de sobremão palavras,  
 Ha ja mais de quinhentos annos mortas,  
 Que, em que lhe pez, bão de metter á cunha  
 Em todo seu fallar. Que dizes d'isto?  
 Como chamas a estes, meu Alexis,  
 Que eu não acérto a dar-lhe um nome proprio  
 Que bem quadre a tam rancidos guedelhas?  
 Quando éstas cousas desvairadas vejo,  
 Dão-me engulhos de riso, ou ja bocejos  
 Como arrepiques certos de gran' fome.

Que Cræesbeeck imprimiu : " ha maior teima !  
 As Graças são muchachas , são risonhas ,  
 São faceis , são suaves : elles querem  
 Á fôrça por-lhe brancas e bigodes ,  
 E não lh'os sabem pôr : que é o que eu digo ?  
 Imitam o peor ; mas não imitam  
 Os versos mais canoros e correntes .  
 A sisuda dicção, a phrase pura ;  
 Aquelle attico sal, que não conhece  
 Quem nunca viu o portico de Athenas  
 Sequer em caixas opticas pintado ;  
 Isto é , Anacreonte traduzido ,  
 Aristophanes , Sophocles , e Sapho :  
 Sem que fique de fóra o bom Homero ,  
 E outros , em que podêr não teve a morte .  
 Para imitares tu, senhor, os feitos  
 De teus claros maiores , necessitas  
 De calças e gibão ? Se hoje saïsses  
 Com jaquete e golilha , quem seria

\*O que falta n'este estylo (o de um poeta moderno)  
 é ser do seculo de *quinhetos* , para merecer as ido-  
 latrias com que se tem exagerado nos nossos tem-  
 pos o merecimento das *miseraveis poesias* de Luis  
 Percira de Castro , de Fr. Bernardo de Brito , de  
 Francisco de Andrade , e de outros novamente da-  
 dos á luz per pessoas , que julgam que so nos *qui-*  
*nhentistas* reside o bom gôsto de escrever, e n'elles  
 edictores a faculdade de o conhecerem , e o direito de  
 o annunciarem.

F. D. GOMES.

Tam serio, e tam sisudo , que podesse  
 Conter o riso ? Nada te valera  
 Responder-lhe gritando, « que imitavas  
 Os distinctos avós, que dos Noronhas  
 A prosapia exaltaram generosa  
 Nos seculos passados. » Todos sabem  
 Que o valor não consiste nos vestidos ,  
 Antes seguem as modas. A virtude  
 Assiste com socêgo inalteravel  
 Nos grandes corações. Ora ésta regra  
 Corre a nivel d'altura do Parnaso.  
 Imite-se a pureza dos antigos,  
 Mas sem escravidão, com gôsto livre ,  
 Com polida dicção, com phrase nova,  
 Que a fez, ou adoptou a nossa idade.  
 Ao tempo estão sujeitas as palavras ; \*  
 Umas se fazem velhas , outras nascem :  
 Assim vemos a fertil primavera  
 Encher de folhas ao robusto tronco,  
 A quem despiu o inverno desabrido.  
 Mudam-se os tempos , mudam-se os costumes !  
 Camões dizia *imigo*, eu *inimigo* ;  
 O ponto está que ambos expliquemos  
 Aquillo que pensamos. A energia

\* *Ut sylvæ foliis pronos mutantur in annos ,  
 Prima cadunt, ita verborum vetus interit ætas ,  
 Et juvenum ritu florent modo nata, vigentque.*

HORACIO, Art. poet.

Do discurso, e da phrase não consiste  
 No feitio das vozes, mas na fôrça :  
 Salvo, conforme aos garrulos trovistas ,  
 Que não te chamam *justo* , sem chamar-te  
 Ou *robusto* , ou *augusto* : inda que sabio  
 Detestas a lisonja. O raro Apelles,  
 Rubens e Raphael , inimitaveis  
 Não se fizeram pela côr das tinctas ;  
 A mistura elegante os fez eternos.  
 Quem não percebe bem este segredo ,  
 Cuida que em dizer *mor*<sup>a</sup> tem dicto tudo :  
 Que muito, se não ha discernimento,  
 E reina a affectação ! Vejo pedantes,  
 Trepados em cadeiras, descompoudo  
 Os mais honrados cidadãos de Athenas ,  
 Sem razão, nem vergonha : e vejo gente  
 Prudente e sábia embasbacar nos gestos  
 Do mono petulante ! Muito póde  
 A opinião, a teima ou o capricho !

*\* Some by old words to fame have made pretence,  
 Ancients in phrase, never moderns in their sense :  
 Such labour'd nothings in so strange a style  
 Amaze th' unlearn'd and make the learned smite.  
 Unlucky as fungoso in the play,  
 These sparks with awkward vanity display  
 What the fine gentleman wore yesterday ;  
 And but so mimic ancient wits at best ,  
 As apes our grandsires, in their doublets drest.*

POPE, Ens. sob. a crít.

E o pedantismo põe mais que tudo  
Pois arrasta a razão, piza a verdade ;  
E em sabendo servir-se da lisonja,  
Voa per esses ares, sóbe ao cume  
Onde a vaidosa ideia ergueu o templo  
Da phantastica fama. Alli se abraça  
A soberba e a vaidade co'a priguiça:  
Vive a ignorancia alli, d'alli pretende  
Dictar as leis ao mundo. Mas que digo?  
Que furor atrevido me arrebatá?  
Que demonio me inspira allegorias,  
Sem permissão do tribunal censorio  
Dos criticos modernos? Não é moda  
Um estro nobre ; tudo está mudado :  
Ha pragmatica nova, estreitas regras,  
Que obriga a jejuarmos , poesia,  
Tam longa quarentena ; e não me espanta  
Ver poetas mirrados , se a abstinencia  
Das clausuras fugiu para o Parnaso.  
Os nobres Portuguezes , christãos velhos,  
Acaso são gentios , como foram  
Pindaro, Homero, Sophocles, Virgilio,  
Para inventarem cousas inauditas?  
Fabulas novas? Bastam as pinturas  
De quatro bagatellas : uma fonte,  
Um bosque, um rio, um campo, um arvoredó,  
Um rebanho de cabras , dous pastores  
Com cajado e sorrão: uma pastora,  
Que se está vendo n'agua: ha melhor cousa ?



Quem póde fazer mais ? Que nos importa  
 Que o verso seja froxo ou deslocado,  
 Sem grammatica a phrase, sem pureza,  
 E sem graça a dicção; ou enfim tudo  
 Sem connexão, sem ordem, sem juizo ?  
 O caso está que lembrem as pedrinhas  
 La no fundo do rio, sem que esqueça  
 A gaita do pastor, nem os abraços  
 Da simples pastorinha : e que as palavras  
 Sejam humildes, velhas e caducas  
 Sequer de quando em quando. Ah senhor conde!<sup>\*</sup>  
 Se isto é ser bom poeta, bom poeta  
 Eu o prometto ser em pouco tempo.  
 Mas tu, senhor, bem sabes quanto custa  
 Ser fidalgo da casa do deus louro :  
 Não se compra a dispensa com dinheiro,  
 Nem vale ter o pae no Desembargo ;  
 Mas é preciso grande genio, longo  
 E escolhido estudo ; ouvir a todos,  
 Seguir a poucos ; conversar c'os mortos,  
 Quero dizer, c'os livros todo o dia,  
 E toda a noite : \*\* alli se faça branco  
 O cabello que foi ou preto , ou louro.

GARÇÃO.

\* O conde de san' Lourenço.

\*\* . . . . . *Vos exemplaria Græca.*

*Nocturná versate manu , versate diurná.*

HORACIO, Arte poet.

Garção, e outros bons poetas nossos, compozeram



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



## SATYRA III. \*



### AS VISITAS DAS SENHORAS.

Tomara-me cem legoas de visitas,  
 Que fazem mutuamente senboritas:  
 Muita sensaboria, cumprimentos,  
 Que, se os faço, parecem-me violentos;

\* Ésta *satyra* é producção de um grande observador dos costumes patrios, é de um homem que sabia habilmente fulminar os vícios; mas, não obstante esses predicados, não obstante ter elle derramado com mão larga (assim n'êsta, como em outras *satyras*) gran' copia de anexins e idiotismos puramente nacionaes, e ter-lhes, butrosi, applicado aquella côr local que tanto as distingue de alguns escriptos do mesmo genero; todavia nem sempre o bom gôsto presidiu á escolha de seus termos. Os escrupulosos talvez accusem de sordidas e rasteiras algumas expressões; mas a preferencia que o auctor deu ao verso hendecasyllabo rhymado em parellas (que não é dos mais felizes) sem dúvida contribuiu muito para isso. Em todo o caso elle é o unico escriptor que nos deixou uma collecção de *satyras* completa.

Se deixo de os fazer, vou arriscado  
A ficar com labéo de mal creado.

Entram, ponho-me empe; ellas se abraçam,  
E tornam a abraçar; e d'alli passam  
A mil satisfações dos muitos dias,  
Que umas de outras andaram arredias.

—«Ja nos perdeu o amor?»—«Mana, não diga;  
Lidamos no enxoval da rapariga,  
Que la para a semana, sexta feira  
Dia de sancta Clara, ha de entrer freira.»

— « Muito bem : Deus a faça uma sanctinha:  
Não veio ? » — « Tem defluxo. » — Coitadinha !

Cada par vem com conto similhante,  
Gastando em o contar tempo bastante;  
E eu empe aturando-lhe a matraca;  
Parece-me que é isto estar á estaca.

Pegando-se nas mãos tomam assentos,  
E costumam fazer dous parlamentos;  
Um d'elles é composto das mais duras;  
São membros do outro verdes e maduras.

As primeiras começam perguntando,  
— « Como vão os maridos ? » — « Vai andando,  
( Diz uma que do seu bem pouco gosta )  
Parece-me que dá com tudo á costa  
Na maldicta demanda : eu bem lh'o dice :  
Não te mettas em tal, que é parvoice :  
Tomam raiva á mulher, que os aconselha ;  
Por isso o meu agora torce a orelha. »  
Aqui véem mil histórias de maridos,

Que ficam quasi sempre bem mordidos.

La vem uma porém, que não acaba  
De dizer bem do seu; em tudo o gaba;  
Signal de que um e outro bem se porta,  
Ou de que é o marido um Ignez Dorta.

Alguma, que é viuva, se se falla  
Na falta que o seu faz, mostra que estalla  
Com chorar; carantonhas faz horrendas;  
Expõe em voz truncada as suas prendas,  
Truncada com soluço; e de improviso  
Ri muito, se algum conto vem de riso.

Se o parlamento môço dá risadas,  
Respondem as que estão ja bem passadas:  
— « Deixá-las, que são môças e meninas;  
Tambem fomos assim: » véem logo minas  
De cousas dos seus tempos; o que usavam  
No trajar; e que modas se cantavam,  
É materia. Da sua antiga história  
Firmaram estes pontos na memória.

La véem saias de crespos, véem picados  
Sapatos, serenins, e decotados;  
As toucas das viúvas, cuja altura  
Começava a medir-se da cintura.

Nas modas de cantar véem a *Amorosa*,  
*Ossos do canivete*, *Joanna Rosa*,  
*Passarinho trigueiro*, *Marinheira*,  
*Covanco*, *Serenim*, *Luis Teizeira*,  
*A Viuva*, *Nanita*, *Arcias*, *Parado*,  
*A Bella Damiana*, o *Oitavado*,

**E outras de que repetem as cantigas,  
Que raros teem ouvido por antigas.**

**Algumas movem prática a respeito  
Do govérno da casa : o que teem feito  
De roupa, o que remendam e atacoam,  
Como tudo concertam e afeiçãoam,  
Como poupam e são acauteladas  
Nos furtos e loucuras das criadas :  
Aqui fazem menção das que teem tido,  
Das causas porque muitas se teem ido ;  
Disputam que criadas são melhores,  
Se as môças, se as de idade ja maiores :  
As que são dos maridos mais ciosas,  
Não querem senão velhas carunchosas ;  
As outras as regeitam, porque ralham  
Muito, sendo bem pouco o que trabalham.  
Aqui véem os louvores da Luzia,  
Certa môça que teve uma algum dia ;  
Aquillo é que era môça ! que as de agora  
So alguma boleima não namora !  
Que as mais, quando se vai olhar per ellas',  
Acham-se estataladas nas janellas.**

**Outra vem com louvores do Rodrigo,  
Que foi um môço seu no tempo antigo ;  
Fidelidade aquillo ! e so se andava  
Occupado per fóra, o não achava :  
Os de agora são tudo marotagem ;  
So cuidam no passeio, e na pilhagem.**

N'isto gasta uma tarde o parlamento  
 Mais velho, sem calar-se um so momento  
 O mais môço tem la outros cuidados,  
 Que são vestidos, modas, penteiados.

Se uma traz um vestido de nova arte,  
 Alli se hade observar parte per parte;  
 Fazem que se levante, andam deroda,  
 Não escapa um pontinho da tal moda;  
 Perguntam quem o fez? onde se venda  
 Aquella qualidade de fazenda?  
 Se é de côres diversas: são pedidas  
 Amostras, que ja ficam promettidas.

Uma de casa diz: — « A minha mana  
 Acabou um vestido ésta semana,  
 Cujo talho é tambem d'essa maneira,  
 E a peça nada tem de corriqueira. »  
 — « Ora queremos ver (diz uma amiga.) »  
 — « Sim, responde a de casa: — « Ó rapariga  
 Abre esse gavetão, traze o vestido,  
 Que achares mais emcima, e com sentido:  
 Ve se tens as mãos limpas, não lbe botes  
 Os gadanhos de modo que o, amarrotas. »  
 — « Linda cousa diz uma! » a que mais dista,  
 Se chega para ver; passam revista;  
 Observam mangas, costas e cintura,  
 Se está baixa, ou se está em grande altura;  
 Emfim, por evitarmos outros contos,  
 So lhes falta contar todos os pontos.

D'allí tomam motivo de trazerem  
 Todos os seus arreios \* a se verem :  
 Ha leilão : alli volvem , e revolvem ;  
 Alli todas as modas que ha , envolvem  
 As côres de seu gôsto ; uma lhe agrada  
 A azul , outra quer verde , outra encarnada ;  
 Inda do mesmo azul uma se veste  
 Do pombinho , outra gosta do celeste ;  
 Do verde , uma quer gaio , e outra assenta  
 Que o de côr de esmeralda lhe contenta ;  
 Emfim sôbre o encarnado é o remate,  
 Que uma quer côr de rosa , outra escarlata.

Se, entre os trastes que alli andam em praça,  
 Ha algum que caísse a alguma em graça ,  
 Ja diz « que ha de mandar buscar aquelle,  
 Porque intenta talhar outro per elle ,  
 Ja que tanto a seu gôsto se accommoda : »  
 Respondem-lhe « que está da última moda. »

Com taes modas, taes côres se embaraçam,  
 Emperram; e somente d'alli passam

\* Adereços , ornatos , enfeites.

• Se concertou com el-rei D. Afonso casar a infanta D. Joanna , sua irman , que então era de désesette annos , e a mais fermosa dama que havia em Hespanha , sem mais outro dote , que os *arreios* de sua pessoa e recamara. •

D. N. DE LEÃO.

Ponho aqui ésta nota, porque ja houve crítico em



Com menino, ou menina que apparece;  
 Que então uma de lindo o encarece;  
 Outra o gaba de ser muito espertinho;  
 Outra pede um abraço, outra um beijinho,  
 Outra, e outra; de modo que a criança,  
 Depois de se metter n'aquella dança,  
 Não leva menos voltas, menos tratos,  
 Do que tinham levado antes os fatos.

Entra a mãe com a voz de trombetinha  
 A contar perfeições da criancinha:  
 Eis aqui o que é séca verdadeira;  
 Frioleira atropella frioleira:  
 Cuida que todos gostam; mas d'aquella  
 Narração ninguém gosta senão ella:  
 A mãe por mãe parece-lhe ser boa:  
 O mais, que não é mãe, tudo se enjoa.

Não fallemos no cha, e nas fatias,  
 N'aquellas duvidosas cortezias,  
 Se se hade pôr a chicata emborcada,  
 Se a colhér como tranca atravessada,  
 Ou dizer-se: « Não quero mais. » Sujeitos  
 Que o dizem, quanto a mim, vão mais direitos.

Vamos á despedida: se a tractara  
 Algum poeta antigo, elle invocara

Lisboa, que disse — Que *arreios* so convinham a  
 béstas — mas o pouco ou nenhum estudo do idioma,  
 em nossos tempos, faz dizer este e outros taes dis-  
 parates.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



Fazer bello o coração com grossa untura ;  
E tam grande aranzel d'aqui se engenha,  
Que é alta noite ja, sem que fim tenha.

Ora taes salabordias conversando,  
Tam grande diffusão comprimentando,  
Podem dar gosto a algum que está de fora ?  
A mim não ; e se alli fiz ja demora,  
Foi so para observar aquella alhada ;  
Mas agora mal vejo alguma armada,  
Procuro algum pretexto, marcho leve,  
Fazendo a despedida muito breve.

MIGUEL DO COUTO GUERRERO.

---

 SATYRA IV.\*
 

---

## CONTRA ELMIRO.

EM DESAFFRONTA DE OUTRA.

Satyras prestam, satyras se estimam,  
 Quando n'ellas calúmnia o fel não verte;  
 Quando voz de censor, não voz de zoilo,  
 O vício nota, o merito gradúa;  
 Quando forçado epitheto affrontoso,\*\*  
 (Tal que nem cabe a ti) não une áquelles,

\* N'esta satyra (que bem pôde equiparar-se ás mais mordentes de Juvenal) exhalou Bocage todo o fel de seu genio (facilmente irritavel) contra o escriptor que lhe menosprezou as producções; pois se lhe antolhava um zoilo todo o que o não acclamava o maior vate de seu tempo! Mas a pureza do estylo, muitos versos felizes, e sobretudo alguns preceitos e regras n'ella semeiadas concernentes á arte de bem traduzir; arte que elle intendeu melhor que ninguem, por quanto (como bem disse o seu estimavel edictor, tarde e mui tarde veremos nascer em Portugal um poeta que o rivalize) foram os motivos que me resolveram a inseri-la n'esta escolha.

\*\*Epitheto de *tolo*, que na satyra me dá Elmiro.—

Que ja na infancia consultavam Phebo.\*  
 Elmiro , de Paris Cotins são vivos  
 No metro de Boileau mordaz , mas pulchro.  
 Codros, Crispinos, Clovienos soam  
 No latido feroz do cão de Apullia ;  
 D'esse cuja moral mordendo imitas ,  
 E cuja phantasia em vão rastejas.  
 Nos igneos versos , que Venuza illustram ,  
 Nos que d'eterna fama honraram Mantua,  
 Involto no ludibrio existem Bavios ,  
 Mevios existem , e a existencia d'elles ,  
 (Se podesse durar ) sería a tua.  
 Refalçado animal , das trevas socio,  
 Depõe, não vistas de cordeiro a pelle.  
 Da razão, da justiça, o dom que arrogas,  
 Jamais purificou teus labios torpes ;  
 Torpes do lamaçal, d'onde zunindo  
 Navens d'insectos vis , te sobem trovas  
 Á mente, erma d'ideias , nua d'arte.  
 Como hasde, ó zoilo, eternizar meu nome,  
 Se os fados permanencia ao teu vedaram ?  
 Se a ponte que os heroes transpoem seguros,  
 Tem fatal boqueirão, per onde absorto  
 Irás ao vilipençlio, irás ao nada ;  
 Ficando emcima illeso o honrado nome ,

\* Vate nasci ; fui vate inda na quadra,  
 Em que o vello viril macio e tenro  
 Semelha o mimo da virginea face.

Quo em dicterios plebeus, em chulas phrases,  
 Debalde intentas submergir contigo.  
 Compraza-te a razão, responde, e treme:  
 Do philosopho a tez, a tez do amante,  
 O ar de meditação, a imagem d'alma,  
 Em que fundas paixões a essencia minam,  
 (Paixões da natureza, e não das tuas);  
 O que parece em mim, da vista objecto,  
 A mesta pallidez, o olhar sombrio,  
 O que a preterição desingenhosa  
 Dos çujos trevios na language aponta,  
 Qu'importa ó zoilo, ao litterato mundo?  
 Qu'importa descarnado e macilento  
 Não ter meu rosto o que alicia os olhos?  
 Em quanto nedio, rechonchudo á custa  
 De vão festeiro, estúpida irmandade,  
 Repimpado nos pulpitos, que aviltas,  
 Afofas teus sermões, venaes fazendas,  
 Cojos credores nos Elysios fervem!  
 Trovejas, enrouqueces, não comoves;  
 Gelas a contrição no centro d'alma!  
 Ostentas ferreo numen, ceos de bronze;  
 E cada berro minorando a turba,  
 Compras n'aldeia do barbeiro o voto:  
 Allí triumphas, e a cidade enjoas.  
 Tu de cerebro pingue, e pingue face,  
 Pharisaica ironia em vão rebuças,  
 Quando a penuria ao desvalido exprobras:  
 Que tem co' a natureza o que é da sorte?

Ou dá-me o plano d'attrahir-lhe as graças,  
 Mas sem que roje escravo; ou não profanes  
 Indigencia e moral, quaes tu não citas.  
 Pões-me d'inutil, de vadio a tacba  
 Tu que vadio, errante, obeso, inutil,  
 As praças d'Ulysea á loa opprimes;  
 Ou do bom Daniel \* na terrea estancia  
 Peçonhas d'invectiva espremes d'alma,  
 Qu'entre negros chapeos, tambem negreja: \*\*  
 E ante o caixeiro boqui-aberto arrotas,  
 Arrotas ante o vulgo a *encyclopedia*:  
 Fadas e agouras o esplendor, qu'invejas:  
 Arranhas mortos, atrapalhas vivos:  
 Imputas a grandeza, a immunidade  
 Do eterno Mantuano, e dás a Estacio  
 Um grau, que entregue ao deus, que ardendo em estro,  
 De Thebas o cantor tentar não ousa,  
 Quando á musa da morte enfreia os vôos,  
 E quer que a *Eneida* \*\*\* ca de longe adore,  
 De preferencia atroz inda não pago.  
 Das graças ao cultor, d'amor ao vate,  
 Da Nasonia elegia aos sons piedosos,

\* Chapelheiro bem conhecido.

\*\* Verbo audaz e sabiamente collocado. Com razão se diz: O genio inventa, o espirito embelleza, o gosto põe em seu lugar.

\*\*\* *Nec tu divinam Eneida tenta.*—

Que o Pindo ouviu com dor, com mágoa o Tibre,  
 Versos prepões Sarmatico-latinos ; \*  
 Versos qu'inda ao burel, e ao claustro cheiram,  
 E que affrontoso a ti, d'applausos crôas,  
 So por distarem de teus versos pouco,  
 Sanguesuga de putridos auctores,  
 Que vais em cobre vil remir das tendas.  
 Em quanto palavroso impões a nescios,  
 E a credulo tropel, roncando, affirmas  
 Que revolveste, o que roçaste apenas;  
 (Fallo das artes, das sciencias fallo);  
 Em quanto a estátua na ignorancia elevas,\*\*  
 Os dias eu consumo, eu vélo as noites  
 Nos desornados indigentes lares:  
 Submisso aos fados meus, alli componho  
 Á pesada existencia honesto arrimo  
 Co'a mão, que Phebo estende aos seus, a poucos:  
 Alli deveres, que não tens, nem prézas,  
 Com fraternal piedade acato, exerço;  
 Cultivo affectos á tua alma estranhos,  
 Dando á virtude, quanto dás ao vício.  
 Não m'envilece alli d'um frade o soldo;

\* O ex-frade tem desenterrado das tendas e lojas de confeitores *elegias*, e outros versos de Jesuitas Polacos, que denodadamente prefere a Ovidio. —

\*\* *Quoi donc! un écrivain veut que son nom partige  
 Le tribut de louange offert à son ouvrage,  
 Et sans crime on ne peut, s'il blesse la raison,  
 La venger par un vers égayé de son nom!*



Alli m'esforça ao genio , ou brio as azas  
 Coração bemfazejo; e tanto e tanto,  
 Que a ti, seu depressor, protege, acolhe ;  
 Que em redondo character te propaga  
 A rapsodia servil, poema intruso; \*  
 Pilhagem que fizeste em cem volumes,  
 Teu pejado armazem d'albeios fardos,  
 Onde a monotonia os meche, os volve,  
 E onde teimosa apostrophe s'esfalpa,  
 Ja c'os ceos entendendo, ja co'a terra !  
 Inda não m'elevei do Pindo ao cume  
 Com fama , que assoberbe os summos vates ;  
 Porém, graças ao dom que não desdouras  
 Co' a birra stulta d'emperradas trovas,  
 Vou sobranceiro a ti, de longe te ólho;  
 E, na pública voz, que se não merca,  
 Elmano a cysne aspira, Elmiro é ganço ;  
 É ganço que patinha e s'enlameia

*Comptable de l'ennui dont sa muse ni'assomme ,  
 Pourquoi s'est-il nommé; s'il ne veut qu'on le nomme?  
 Je prétends soulever les lecteurs détrompés  
 Contre un auteur bouffi de succès usurpés .—*

GILBERT, Satyra II.

- \* *Contemplação da Natureza*, poema para elle , e rapsodia para mim , e para todos os conhecedores fastidiosa compilação: usurpadora apostrophe chama de seis em seis versos, pouco mais ou menos; desaloja o rancho das Irmãs; e fica como vilão em casa de seu sogro.—



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

Sou do novo trifauce Alcides novo ;  
 Inda não farto d'arranca-lo ás sombras,  
 As tres gargantas levarei d'um golpe ;  
 E, se a canina espuma , ou sangue infeſto,  
 Monstros gerar que multiplique a morte ,  
 Das furias o tição lhes torre as fronteſ.  
 Braveja detractor, braveja insano,  
 Arde , blasphema em vão ; d'algoz te sirva  
 Tenaz verdade , que te roe per dentro ;  
 Em voz deprimes, o que admiras n'alma !  
 Se próvas queres, eu te exhibo as próvas  
 De que teu coração desdiz dos labios.  
 Traze á mente o lugar e a vez primeira,  
 Em que dado á tristeza , e curvo aos ferros,  
 Olhaste , ouviste Elmano, e grande o crêſte,\*  
 Quando inda os vóos tímido soltava  
 Na immensidade azul que aos astros guia ;  
 E so da natureza encaminhado  
 Seguia o rasto d'amorosos cysnes ,

seus inimigos ), e que confessem se , assim como eu,  
 o não admiraram ! Talvez se podessem colligir-se as  
 suas innumeraveis composições d'este genero ( os  
 improvisos ) seriam respeitadas como o ultimo es-  
 fôrço do ingenho humano ! Com todo o vigor se ve-  
 rificava em Bocage o *deus adsit in nobis , agitante*  
*cellessimus illo.*

MONIZ.

\* O satyrico antepõe os meus versos d'algun dia  
 aos de hoje ; affecta comtudo esquecer-se dos elogios  
 que me fez sendo ainda frade graciano. —

Pousando muito á quem do grau que occupa,  
 Ainda carecente de ignea fôrça  
 Que á patria deu Leandro, Ignez, Medea  
 O antro dos zellos, d'Arenen e Argira  
 A história que o sabor colheu d'Ovidio  
 Na dicção narrativa, experta, idonea,  
 E o mais ás musas grato, e grato a Lysia.  
 Da estancia, onde nem sempre habita o crime,  
*Epistola* sem sal, per ti guisada,  
 Em taes louvores incluiu meu nome:  
 Versos escuta, que negar não podes;  
 Estylo é teu, monotonia é tua;  
 O que n'elles s'involve escuta em prémio  
 Da empreza, que tomei de os pôr na mente:  
 « Do centro d'êsta grutta triste e muda,  
 Facundo Elmano, pelas musas dado,  
 O prisioneiro Elmiro te sauda,  
 De teus aureos talentos incantado  
 De ti so falla, so por ti suspira  
 Em teu divino canto arrebatado. »  
 Quem fertil nomeaste, e quem divino,  
 Hoje é servil, monótono, infecundo,  
 De texto opimo interprete engoiado? \*  
 Co'a idade e estudo o genio em todos cresce;  
 Em mim desfalleceu co'a idade o estudo?  
 Responde a teu juiz, ao são criterio,

\* Verso na satyra de Elmiro.—

Reo de lesa razão: trazer á patria  
 Nova fertilidade em plantas novas,  
 Manter-lhe as flôres, conservar-lhe os fructos  
 Quaes eram no sabor, na tez, na fórma,  
 Sendo o tronco, a raiz, a copa os mesmos,  
 Sem que os estranhe, ou desconheça o dono,  
 É fadiga vulgar? não tem mais preço  
 Do que esse que os carretos galardoa  
 De gallego boçal nos ferreos hombros?  
 Verter com melodia, ardor, pureza  
 O metro peregrino em luso metro,  
 Dos idiotismos aplanando o estôrvo,  
 D' um, d' outro idioma discernindo os genios,\*  
 O character do texto expor na glosa,  
 Proprio tornando, e natural o alheio,  
 É ser bugio, papagaio, Elmiro?  
 Confronta originaes e as copias d'elles,  
 Verás se a musa, que de rastos pintas,  
 No vôo altivo o Salmoneense atinge,  
 Castel transcende, e com Delille hombreia?  
 Citas um verso mau, mil bons não citas?

\* O Sr. C. X. é que tinha um bellissimo modo de traduzir: pegava d'um livro hespanhol, francez etc. e passeiando pela casa, em tom magistral, ia dictando a decantada versão a um amanuense; que, a todo o correr da penna, a estampava no papel, e era logo levada á imprensa, sem mais correcção ou mudança. Ora ponderem os leitores, que tratos não soffre o idioma portuguez em traducções d'essa estofa!

Citas um verso mau, que não transforma  
 Em matos os jardins? É natureza  
 Estarem par a par espinhos, flôres:  
 E não sabes, malevolo, que a regra  
 Une a tennes objectos simples phrase?  
 Se imparcial, se crítico escrevesses,  
 Centenas d'anreos versos sponparas  
 Sem d'um so deduzir sentença iniqua:  
 De Anzonía o quadro, ou venerando ou bello,  
 Com justa sábia mão presentarias:  
 —Idades cento blasonando ao longe  
 Co' a ruína immortal da excelsa Roma,\*  
 Ante as aras carpindo amor, saudade,  
 E ao ceo medrosas lagrymas furtando  
 Aos amigos dos homens, e aos numes;  
 Na terra verdejando elysios novos,  
 Correntes sem rumor, como as do Lethes,  
 Os males na memoria adormecendo;  
 E em marmores corynthios alvejantes,  
 O grande Fenelon, e o grande Henrique. —  
 Se o rival de Virgilio, o que proclamas,  
 Porque de Gallia é filho, e não de Lysia;  
 A cujo seio, em que borbulham Genios,  
 Chamas, com lingua audaz, esteril d'elles!  
 Se o rival de Virgilio ouvisse, olhasse  
 O interprete fiel, não rude escravo,  
 Honrara c'um sorriso uteis suores.  
 Pede ao molle Belmiro, auão de Phebo,

\* *Poema dos Jardins*, canto iv. —

Ao que ergues uma vez , e mil derrubas ;  
 Pede ao vampiro, que a ti mesmo, ha pouco,  
 Nas tendas , nos cafés deveu sarcasmos ;  
 Pede ao bom Meliseu, d'Arcadia fauno,  
 De avelada existencia , e mente exausta ,  
 Que affectas lamentar, e astuto abates ;  
 Que por alfeloá troca os sons d'Euterpe ,  
 (Os sons da sua Euterpe, e não da minha :)  
 Dize ao teu côro de garganta indocil ,  
 (Sem qu'esqueça o pygmeu no corpo e n'alma;\*)  
 Dize dos corvos d'Ulyssea ao bando,  
 Que interpretes, qual fui, d'eximios vates,  
 Não pagos d'ir no rasto, o vôo alteiem ;  
 Ou tu mesmo apresenta, off'rece á crise  
 Do gordo original versão mirrada ;  
 Sulcado o *Estacio* teu de unhasdas minhas , \*\*\*  
 De muitas que soffreste , e que aproveitas :

\*Elmiro , incapaz de açaimar a maledicencia que o caracteriza, exprobra a penuria ao resequido Melizeu, em vez de lhe notar unicamente o sestro, com que antepõe um pau de alfeloá ás composições Euterpicas , em que podia afamar-se. —

\*\*Todos sabem a applicação antiga d'aquelle meu verso. — *Pygmeu no corpo e n'alma* — Se houver todavia quem a ignore, declaro, que pertence a um nojento homeniculo engenhador de miudezas metricas , a quem o esquecimento de uma virgula arrouinou um soneto; e que propaga e psalmeia a *satyra* de Elmiro , porque nunca fiz a injustiça de gabar os seus *nadas*. —

\*\*\* O indigno traductor d'*Estacio* me rogou mil

N'elle ó mágoa ! ó labéo ! per ti mudados  
 A pompa na indigencia , o lucto em riso,  
 Mostra em teus versos as imagens suas  
 Tibias, informes, encolhidas , mortas,  
 Desdentado leão, leão sem garras ,  
 Que á longa idade succumbiu rugindo ,  
 Mas leão, que de perto, inda é terribil ,  
 E que no quadro teu vale um cordeiro !  
 Ousa mais, a *Lusiada* não sumas ,<sup>o</sup>  
 Que o número de versos fez poema ,  
 Tal que seu mesmo pae , sem dor o enterra !  
 Expõe no tribunal da eternidade  
 Monumentos d'audacia , não d'ingenho ,  
 O prologo alteroso , em que abocanhas  
 Do luso Homero as veneraveis cinzas !<sup>\*\*</sup>  
 E não de inepto , de apoucado arguas  
 Quem, porque teme a quéda, encolhe as azas ;  
 Quem d'ephemerios vivas , não contente,

vezes que lhe castigasse a versão onde o character e phrase do original padecem inclemencias ! —

<sup>o</sup> Movito de Elmiro aos seis mezes : obra em que a glória de Camões é enxovalhada no prologo , e resarcida no mais : o auctor a sumiu. —

<sup>\*\*</sup> *Que dans l'Europe entière on me montre un libelle  
 Qui ne soit pas couvert d'une honte éternelle ,  
 Ou qu'un oubli profond ne retienne englouti  
 Dans le fond du borbier dont il était sorti. —*

VOLTAIRE.



**Chegando a mais que tu , se atreve a menos.**

**Nem somente Melpomene dispensa**

**Gran' nome, nem Calliope somente :**

**Como os Voltaires , na memoria vivem**

**La Fontaine, Chaulieux, subsistem n'ella :**

**Todos tem nome e grau, tu mesmo o dizes**

**Contradictorio tumido versista.**

**Themas que escolhes , generos que abraças ,**

**Nem te honra, nem desluz : no desempenho**

**O lustre, a glória estão. Tem jus á fama**

**O vate, ou cante heroes , ou cante amores ;**

**Comtanto que de Phebo as leis não torça**

**Aos mais varios assumptos ajustadas.**

**Co' a materia convem casar o estylo ;**

**Levante-se a expressão , se é grande a ideia ;**

**Se a ideia é negra, a locução negreje ;**

**E tenue sendo , se atenne a phrase.**

**Segue o que tens de cór, mas não practicas ;**

**Serás o que não es, o que não foste ,**

**Quando das musas no *Almanak*... ai triste ,**

**Que a par de seus irmãos morre de traça !**

**Forjaste d'uma freira equorea nympha , \***

**Jacintha d'um tritão fingiste accessa !**

**Chamaste grande , harmonico a Lereño ; \*\***

\* Em um dos *Almanaks* citados ha um *Idyllio* piscatorio de Elmiro em que uma nympha do mar se chama Jacintha; nome que juncto com a pessoa, prôva a gôsto do auctor.—

\*\* Auctor de cantiguinhas com seus *ai lé lé*.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



Verdade, rectidão, vós sois meus numes;  
Ve se as adoro ó zoilo! eu amo Alcino,  
Filinto, Corydon, Elpino eu louvo;  
Todo me apraz Dorindo, Alfeno em parte:  
Nas trevas para mim reluz Thomino;  
Nos Genios transcendentos me arrebatou;  
Prézo alumnos phebeus, desprezo Elmiros.  
D'alta justiça que mais próva exiges  
Tu que de iniquo e parcial me increpas?  
Tu que em vez de razões, opprobrios vibras  
Perante um mundo, que te sabe a história?  
Tu que afeito á moral dos Tupinambas,  
Tens ampla consciencia, onde a amizade,  
Onde amor e outros vinculos sagrados  
São nomes vãos, phantasticos direitos?  
Tu... mas lingua de bronze, e voz de ferro  
Mal de teus vicios a expressão dariam  
Indomito molosso, ardido ex-frade:  
É contigo a razão qual é co' as ondas  
Arte e saber de naufrago piloto:  
Serás qual es, e morrerás qual vives.  
Prosegue em detrahir-me, em praguejar-me;  
Porque Delio dos prologos te exclue:  
Pregos, espalha em satyras, em lojas,  
Que zoilos não mereço, e sê meu zoilo:  
Chama-me de Thisyphone enteado;  
Porque em femeo Belmirico falsete  
Não juncto os zelos, não descrevo a morte.  
Erra versos, e versos sentençaia:

Condena-me a cantar d'Ulina os damnos ;  
 Aggrega o magro Elmano ao fulo Esbarra ;  
 Ignora o — *baquear* — que é verbo antigo ,  
 Dos Souzas , dos Arraes somente usado :  
 Montonymias , synecdoches dispensa :  
 Dá-me as pueris antithesis, que odeio :  
 D'estofador d'anaphoras me encoima : \*\*  
 Faze entre insanias , um prodigio faze ,  
 Qual anda o caranguejo, andar meus versos :  
 Suppoe-me entre barris , entre marujos ,  
 (D'alguns talvez teu sangue as veias honre ! )  
 Mas não desmaies na carreira : ávante,  
 Eia ardor, coração... vaidade ao menos !...  
 As oitavas ao Gama esconde embora ;  
 N'isso nem perdes tu , nem perde o mundo ;  
 Mas venha o mais , *epistolas , sonetos ,*  
*Odes, canções, metamorphoses, tudo,*  
 Na frente pões teu nome, estou vingado. \*\*\*

BOCAGE.

\* Veja-se a nota da pagina 155, no II volume d'êsta escolha.

\*\* Accusa.

\*\*\* *Laissez un vil Zoïle aux fanges du Parnasse ,  
 De ses croassemens importuner le ciel ,  
 Agir avec bassesse , écrire avec audace ,  
 Et s'abreuver de fiel. —*

VOLTAIRE.

Todas as notas com o signal — são de Bocage.

## SATYRA V.

## O BILHAR.\*

Por fugir da cruel melancholia,  
 Que a estragada cabeça me atropella,  
 Largando o pobre leito, em que jazia,  
 Fui sentar-me n'um canto da janella;  
 D'alli pela máda gelozia,  
 Espreitando, qual tímida donzella,  
 De tudo quanto vi te darei parte,  
 Se a tanto me adjudar ingenho e arte. \*\*

Mora defronte roto guriteiro,  
 Com jogo de bilhar e carambola;  
 Onde ao domingo o lepidio caixeiro  
 Co' a loja do patrão vai dando á sola;

\* Ésta *satyra* é olhada pelos conhecedores como uma obra prima no seu genero. Que singeleza unida a uma arte infinita! que propriedade de estylo, e que atecismo! É impossivel narrar melhor. O auctor possuía o segredo de dar vida e graça a tudo.

\*\* Verso de Camões.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

Lhe ondeia sôbre o hombro torneado ;  
 Alli suspira o triste, alli se queixa  
 De ir sendo ja per ella desprezado :  
 Conta, chorando, que ésta ingrata o deixa  
 Por esbelto cadete, que rafado,  
 Por mais que ao usurario os soldos peça,  
 A bolsa sempre tem como a cabeça.»

Alçando mais os olhos, vi defronte  
 Malhando a fio rígado banqueiro;  
 Que tendo ja de marcas alto monte,  
 Ia despindo o misero parceiro:  
 Em quanto um diz «que lavre, outro que conte,»  
 Sem valerem os oculos do olheiro,  
 N'uma paz ja vencida, um ponto afoito,  
 Subtilmente lhe encaixa *dues de oito*.

O perito banqueiro afronta os medos,  
 Tendo nas mãos em que se va vingando ;  
 Com cuspo milagroso ungingo os dedos,  
 Vai destramente as cartas recuando :  
 De sciencia infernal, subtis segredos,  
 Com mão ligeira prompto executando,  
 Marcando cartas, inventando nicas,  
 Fazia, em vez de banca, peloticas.

Mas não se livra de subtil calote,  
 Que um velho mansamente lhe tecia;  
 Julgando-o todos misero pixote,  
*Parolins de campanha* impune erguia :  
 Embuçado em diaphano capote,  
 Per um buraco os ganhos recebia;

Fôra no *Cabra* das melhores pernas ;  
Hoje joga os *tres settes* nas tavernas.

Os roixos olhos para o ar alçados,  
Encostado na quina de um bofette,  
Pensativo taful mordida uns dados,  
Que seis vezes tiraram *quatro a sette* :  
Com suspeitas de que eram carregados,  
Em duro almofariz o triste os mette;  
E a golpes de martello aberto o centro,  
Per fóra são marfim, chumbo per dentro.

Mais ao longe, com pallida viseira,  
Çujo poeta está vociferando ;  
Da nojosa empeçada cabelleira  
Varias pontas de palha veem brotando :  
Os papeis , que lbe pejam a algibeira,  
Vão pelo forro larga porta acbando ;  
Faz da véstia camisa ; e é collarinho  
Torcido solitario pescocinho.

Fôra cem vezes em nocturno oiteiro  
Da sábia padaria apadrinhado ;  
E diz-se que glosava por dinheiro,  
Mas creio que atéqui não tem cobrado :  
Seguindo em môço o officio de barbeiro,  
E das filhas de Jove \* namorado,  
Abriu ao mundo asperrima batalha,  
Tanto co' a penna, como co' a navalha.

Fallou, por affectar musa campestre,

\* As musas.



Em surrão e cajado muitas vezes ;  
 Era um flagello este tyranno mestre  
 Dos ouvidos e faces dos freguezes :  
 Todos os versos leu da estátua equestre ,  
 E todos os famosos entremezes ,  
 Que no arsenal ao vago caminhante  
 Se vendem a cavallo n'um barbante.

De cançada rançosa poesia  
 Grosso volume na algibeira andava ;  
 Em vendo gente , logo la corria ,  
 E o fatal cartapacio lhe empurrava :  
 Acrosticos sonetos repetia ,  
 Que so elle entendia , e so louvava ;  
 Punha em prosa tambem muita parola ,  
 E acabava porfim pedindo esmola.

\* A frenetica mania d'este mau poeta , traz - me à lembrança os seguintes versos de Boileau :

*Gardez-vous d'imiter ce rimeur furieux<sup>1</sup>  
 Qui, de ses vains écrits lecteur harmonieux ,  
 Aborde en récitant quiconque le salue ,  
 Et poursuit de ses vers les passans dans la rue.  
 Il n'est temple si saint des anges respecté  
 Qui soit contre sa muse un lieu de sûreté.*

<sup>1</sup> *Durant toute une messe, Dupérier récitait à Boileau une ode qui avait concouru sans succès pour le prix proposé par l'Académie française. Au moment de l'élevation, Dupérier s'écria : - Ils ont dit que mes vers étaient trop malherbiens !*



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



O que são consoantes ou toantes :  
 Sei tudo ; e unicamente me confundo  
 C'uns taes versinhos , que eu não via d'antes ;  
 Aos novos ursos todo o povo acode ,  
 O estylo é sybillino, o nome é *ode*.

Faze-las eu não posso, nem desejo ;  
 Porém sei conhece-las facilmente :  
*Co'as verdes mãos o serpeado Tejo*  
*Alça o trilingue madido tridente ;*  
*Mas que Gorgona filtra ? eu vejo !... eu vejo !...*  
 Em dizendo isto, é ode certamente ;  
 É filha d'arte a escuridade d'ellas,  
 É um preceito das *desordens bellas*. \*

As taes possias (que a intender não chego)  
 Podres palavras teem desenterrado ;  
 Se levam nó é tam occulto e cego,  
 Que quem quer desata-lo, vai logrado :  
 Dizem que imitam n'isto um certo Grego,  
 Glória de Thebas , Pindaro chamado ;  
 Se isto é assim , a sua lingua de oiro  
 Seria grega, mas fallava moiro.

Quatro rapazes estendendo o pano,  
 Deixam as gentes aoredor absortas ;  
 Fallando em Venuzino e Mantuano,  
 As musas portuguezas poem per portas :

\* *Son style impétueux souvent marche au hasard :*  
*Chez elle un beau désordre est un effet de l'art.*

Aprendendo francez e italiano,  
 E umas taes linguas, a que chamam mortas,  
 Trazem com ellas perigosas modas;  
 Mas ainda bem, que eu as ignoro todas\*

Diz um sabio — «que o seculo presente  
 Ia emendando os erros do passado;  
 Mas que das odes a infeliz torrente  
 Tinha a lingua outra vez estropeado:  
 Que amontoam com mão impertinente  
 Quantas palavras velhas teem achado;  
 Que se envergonham das que usamos todos,  
 E vão busca-las muito além dos Godos.»

Como a caruncho e podridão condena  
 A lição affectada dos antigos;  
 Não leio Barros, Souza, nem Lucena,  
 Porque sempre foi bom fugir dos p'rigos:  
 Ou sempre escreveu mal a sua pena,  
 Ou nunca os lêram bem os taes amigos:  
 E por cautella, arreda bolorentos  
 Ginjas fataes do tempo de quinhentos!

Não podem crer os Genios lusitanos,  
 Que as modas, como as vidas, são pequenas;  
 Que ja murchou esse estro dos Romanos,  
 E influem sóbre nós outras camenas:  
 Que o tempo tragador, volvendo os annos,  
 Fez cair Roma, fez cair Athenas;  
 Que jaz no po a Iliada involvida,  
 E que alça a frente a *Phenix-renascida*.\*

\* Para dar uma amostrinha aos meus leitores do

Mais ia per diante o monstro horrendo \*  
 C'o sermão, que ninguem lhe encommendara;  
 Mas inimiga mão lhe foi batendo  
 C'um baralho de cartas pela cara :  
 Era um ponto infeliz , que estando ardendo,  
 No innocente poeta se vingara ;  
 Que não sentiu o ver-se maltractado,  
 Mas ter a porcos perolas lançado.

Eis que o dono da casa espavorido,

estyllo da maior parte das poesias , que compoem a tal *Phenix-renascida*, transcreverei aqui um soneto de Fr. Jeronimo Vahia , feito a um *gyrasol*. Acha-se nas obras de Francisco Manuel.

*Amante gyrasol, aguia das flores ,  
 Que com vista de bronze, em olhos de ouro ,  
 Cantas no louro deus, no deus do louro  
 Iguaes a suas luzes, teus ardores :*

*Tu, que finezas mil , e mil rigores  
 Mostras sem prémio, e vestes sem desdouro ;  
 Pallido pelo amor, pelo sol louro,  
 Côres do teu amor, do teu sol cores :*

*Tambem pallido sou , tambem amante ;  
 Um sol amo tambem , pois amo Estella ,  
 E se foges veloz, sigo constante.*

*Mas eu te venço a ti, vence ao sol ella ;  
 Pois tu no amor pygmeu , eu sou gigante ;  
 E Estella é sol na luz , e o sol estrella.*

VIVA !

\* Verso de Camões.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

**Nos costumes tambem ; que aqui enfreias  
As baldas proprias , rindo das alheias.**

**NICOLAU TOLENTINO.**

**Póde-se dizer do nosso amavel satyrico o que ja  
de Moliere disse um escriptor francez .**

***• Il ne fait que des peintures générales ; il ne  
nomme personne ; et les traits qu'il lance frappent  
d'autant plus sûrement, qu'ils frappent de tous côtés. •***

---

 SATYRA VI.
 

---

## OS AMANTES.\*

Amor, é falso o que dizes;  
 Teu bom rosto é contrafeito;  
 Tenta novos infelizes;  
 Que eu inda trago no peito  
 Mui frescas as cicatrizes.

O teu mel, é mel azedo;  
 Não creio em teu gazalhado;  
 Mostras-me em vão rosto ledô:  
 Já estou muito escaldado,  
*Já d'aguas frias hei medo.*\*\*

\* . . . . Se ajunctar quizeres  
 Obra de nossa idade, a mor que temos,  
 Ajuncta-lhe as *quintilhas* saborosas  
 Do claro Tolentino.

Primores cortezãos, ricos fallares,  
 Plautinas graças, joviaes donaires,  
 Flôres de toda a vária côr lançaram  
 Em seu regaço as musas.

A. R. DOS SANTOS

\*\* Proverbio mui antigo e usual.



Teus premios são pranto e dor ;  
Chóro os mal-gastados annos ,  
Em que servi tal senhor ;  
Mas tirei dos teus enganos  
O saír bom pregador.

Fartei-te assás a vontade ;  
Em vãos suspiros, e em queixas  
Me levaste a mocidade :  
E nem ao menos me deixas  
Os restos da curta idade ?

Es como os cães esfaimados ,  
Que comendo os troncos quentes ,  
Per destro negro esfolados,  
Levam nos ávidos dentes  
Os ossos ensanguentados ?

Bem vejo aljava dourada  
Os hombros nus adornarte :  
Amigo, muda de estrada ;  
Põe a mira em outra parte ,  
Que d'aqui não tiras nada.

Busca algum fofo morgado ,  
Que sôlto ja dos tutores ,  
Ao domingo penteiado ,  
Vai dizendo á toa amores  
Pelas pias encostado.

Que sisuda casa honrada ,  
De papeis nunca avarento ,  
Dá com mão refalseiada  
Escriptos de casamento ,



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



Das suas immensas rendas,  
Vai-se sem lhe dar real.\*

Mas se a teus farpões dourados  
Não achas digno consumo',  
E os julgas mal empregados  
N'estas cabeças de fumo,  
N'estes peitos altanados;

Busca algum novel basbaque,  
Que por pobre não saia,  
Mas ja mette o bairro a saque,  
Depois que engenhosa tia  
Lhe armou de uma saia um fraque.

Que gravesinho namora  
Com brando e risonho aspeito;  
Ponta de lenço de fora,  
Mólho de flôres no peito,  
Prenda de certa senhora.

Que um trapo a teu geito ordena,  
Temendo o po das calçadas;  
E antes de entrar na novena,  
Com cuspo, pelas escadas,  
Vai dando aos çapatos crena.

De gêlo as pedras cubertas,  
Como ás vezes me fizeste,  
Alta noite, e a horas certas,  
Quando o rígido nordeste

\* O ridículo assim espalhado destramente, dá mais fôrça e incanto á verdade.

**Deixou as ruas desertas ;  
Oíça duros assobios ,  
Precursores de alto insulto ;  
Retalhem-no ventos frios ;  
Ladrem ao postado vulto  
Com nocturnos cães vadios.**

**De paisanos salteiado,  
(Ronda sem fe, e sem lei,)  
De espadas velhas cercado ,  
E ao som *da parte de el-rei,*  
Per fôrça desembuçado.**

**Membrudo cabo vermelho  
O apalpe entre os mais senhores ;  
Acha uma escova, e um espelho,  
Désoito escriptos de amores ,  
E um çujo lencinho velho.**

**Fíram teus accessos raios  
Tambem na gentalha vil ,  
De crestados peitos baios ,  
Que começando em barril ,  
Vão, por augmento, a lacaios.**

**Busca algum que da cocheira,  
Quando o patrão não sai fora,  
Com os olhos na trapeira ,  
Limpando a sege, namora  
Desgrenhada cuzinheira.**

**Que de noite á sua porta,  
Com famosos tangedores ,**

Que o Talaveiras \* conforta ,  
 Lhe manda ternos amores  
 Sôbre as azas da comporta :

Aquem a çuja donzella,  
 Por almoço do costume,  
 Manda em sordida tigella  
 O primitivo chorume  
 Da desflorada panella.

E se te não satisfazes  
 Com tanta conquista brava,  
 Que n'êsta canalha fazes ;  
 E ainda a funesta aljava  
 Pejada de settas trazes ;

Não tens velhas presumidas,  
 Que em fim de mez fingem dôres ,  
 So ás môças concedidas ;  
 E teem de compradas côres  
 As roixas faces tingidas ?

Cuja boca pestilente,  
 Ante um espelho ensaiada ,  
 Torcendo-se destramente ,  
 Aprende a abrir a risada  
 Per onde inda resta um dente ?

Que ha sessenta annos donzellas,  
 ( Caso raras vezes visto ! )  
 Teem titulos de capellas,

\* Casa de povo.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

Um d'estes de gôsto chora ,  
Lambe com respeito a obreia,  
Por ter cuspo da senhora.

Pôsto na insipida \* grade ,  
Em almiscar perfumado,  
Todo amor, todo saudade ,  
Comendo, em doce babado,  
Os sobejos de algum frade.

Ao sublime estylo guinda  
Sua discrição notoria ;  
A que logo a freira linda,  
Revolvendo na memoria  
Os dous livros da *Florinda*,\*\*

Responde: « *Os conceitos sigam  
Os holocaustos do altar ;  
Pois são, e as chammas o digam ,  
Pedir, quem póde mandar,  
Preceitos que mais obrigam.*»\*\*\*

Entretanto um chantre velho ,  
A quem a rodeira engoda ,

\* Todos os epithetos de que usa o nosso *satyrico* são adequadissimos.

\*\* Novellas muito estimadas das senhoras.

\*\*\* *Lingua freira* ou *freiratica*, é uma certa lingua delambida, inintelligivel (por muito refinada) despida de todo o termo energico, confeitada de phrases de conventual invenção, cujo significado é so claro para os adeptos.

E que, em fechando o evangelho,  
Vai metter dentro da roda  
O seu cachaço vermelho :

Freiratico por fadario,  
Tam goloso, como amante,  
Condecinhas pelo armario,  
E sôbre a deserta estante  
Manjar-branco, e o breviario.

Que em podre philosophia,  
Sectario da antiga lei,  
*Os Universaes sabia ;*

E armado do *a parte rei* ,  
Tudo a eito distinguia :

Arranca oleoso escarro ;  
Diz á rodeira um conceito  
D'aquelles que ja teem sarro ;  
Mette os oculos no peito,  
Throno de amor e catarro.

Pois ja que estes peitos vão  
Franca entrada offerecer-te,  
Amor , carrega-lhe a mão ;  
Aprendam a conhecer-te,  
Mas paguem caro a lição.

Mette n'um carcere a dama ;  
Do bom chantre\* os calcanhares

\*... *Cet épais et lourd casard  
Qu'ébaucha le ciel au hasard  
Pour végéter, ronfler et paître.*

GRESSET.



Vão curtir gotta na cama ;  
E o secular cruze os mares  
Que foi descobrir o Gama.

E se queres empregar  
As tuas settas de prova,  
Quando alva lua raiar,  
Vai sobre a *Ribeira-nova*  
As azas equilibrar.

Brandos vestidos tomados  
Descubrindo as saias altas;  
Entre as nuvens os toucados;  
E com esbeltos peraltas  
Os braços entrelaçados.

Verás ser acceito logo  
Teu riso enganoso e brando;  
Não esperam per teu rogo;  
E em tu do alto assoprando,  
Verás chammejar o fogo.

Que alvos dedos delicados  
A furto se vão beijando,  
Em quanto os paes descuidados  
A loja nova admirando  
Pararam embashacados!

Verás sisudo estrangeiro  
Contando grossos tostões  
Ao refinado brejeiro,  
Correio de corações,  
Que se compram por dinheiro.

Verás môça rebocada,



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



Que tremor de coração,  
Que semblantes enfiados  
Os amantes não terão ,  
Que c'os collos levantados  
Ouvindo o rumor estão?

Da janella debruçada  
Desinvolve degraus falços  
Pallida dama assustada ;  
Os mimosos pés descalços ,  
A madeixa ao vento dada :

Pois se estes teus escolhidos ,  
Por cabedaes , por figura,  
Das Nises favorecidos,  
Maldizem sua ventura,  
E descem arrependidos ;

Como hei de eu crer-te, que apenas  
Vi de longe tranças de ouro ?  
Debalde outro engano ordenas  
Aquem de teu vão thezouro  
Nunca teve mais que penas.

De teu rol meu nome risca ;  
Em peito inda não cortado  
Cevados anzoes arrisca ;  
Mas com peixe ja sangrado,  
Não gastes a tua isca.

De meu pranto rociadas  
Penduro as fataes cadeias ,  
Ao som de meus ais forjadas ;  
Arranco das rotas veias

**Cruas settas despontadas :**

**Sangue innocente esparziram;  
Mais á ideia me não tragas  
Uns olhos, que enxutos víram  
Éstas desgraçadas chagas,  
Que em teu serviço se abríram.**

**Dei-te os cuidados, e os dias ;  
De tudo ja foste dono;  
Restam so melancholias :  
Que gloria te dá um throno  
Pôsto sôbre cinzas frias ?**

**Teus golpes de mim que esperam ?  
Dá fôlgo aos escravos mancos ,  
Que em teu carro entorpeceram ;  
Deixa em paz cabellos brancos,  
Que entre os teus ferros nasceram.**

**NICOLAU TOLENTINO.**

## SATYRA VII.

## O PASSEIO.

A vós, que favor me dais,  
Illustre e sabio Martinho,\*  
Que meu fraco ingenho alçais,  
E das lettras o caminho  
Dentro d'ellas me mostrais:

Homem são, e sem reserva,  
Que pondes sangue de parte,  
Que vãos respeitos conserva;  
Nutrido aos braços de Marte  
Com o leite de Minerva:

Vosso servo hoje se atreve  
A mandar em má poesia  
Bons desejos que ter deve;  
Que tenhais paz e alegria,  
Mais que o triste que isto escreve:

Que n'essas vastas campinas,  
Que assombram ermos outeiros,  
Vivais horas mais beninas;

\* D. Martinho de Almeida.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

Quantas mazellas lhe achamos?

Porêm temos a fraqueza

De amar o que condenamos!

O bom Democrito<sup>\*</sup> ria

Do que a nós nos causa dor;

Elle mui bem o intendia:

Vamos nós também, senhor,

Fazer o que elle fazia.

Dos homens na van loucura

Um pouco meditaremos;

E com alchimia segura,

Do mal alheio faremos

Para o nosso mal a cura.

Quando vierdes, então

Correremos a cidade;

Uns que vêem, outros que vão:

Acharemos á vontade

Onde mettamos a mão.

Veremos o vão peralta

Calcando importuna<sup>\*\*</sup> lama,

Que as alvas meias lhe esmalta,

Na esteira de esquiva dama

Que de pedra em pedra salta.<sup>\*\*\*</sup>

Aos cafés iremos vello

\* Philosopho grego.

\*\* Bello epitheto!

\*\*\* O nosso poeta satyrico tem tal destreza e variedade nas pinturas alegres; dá-lhe uns toques tam bellos e verdadeiros, que deleita summamente.

No mostrador encostado  
 Sôbre o curvo cotovêllo,  
 Tendo á esquerda sobraçado  
 Gigante chapeo de pêllo.

Alli em regras de dança,  
 Com outros taes conversando,  
 Dirá, que desde criança  
 Andou sempre viajando,  
 Que viu Londres, que viu França:  
 Que gastou grossos dinheiros;  
 Pois ver com socêgo quis  
 Cidades, reinos inteiros:  
 Jura que como em Paris  
 Nunca achou cabelleireiros.

Exalta os môlhos francezes  
 Dos banquetes que lhe deram;  
 E balbuciará ás vezes,  
 Fingindo que lhe esqueceram  
 Muitos termos portuguezes.\*  
 Chamará á patria ingrata:

\* Não é exageração: um conheci eu aqui em Paris, que, quando lhe fallavam em portuguez, respondia sempre em francez; e n'este mesmo idioma (em que apenas começava a exprimir-se) pedia á pessoa que o interrogava — *Lhe desculpasse o não lhe responder em portuguez, porque ja lhe não lembravam os termos d'essa lingua!* — Ora o tal bonifrate, não havia bem dous mezes que deixara Lisboa, e ja desprezava o seu idioma!...



Murmurará do governo,  
Que do bom gosto não trata,  
E consente que de inverno  
Haja fivellas de prata.

Em dous minutos emenda  
O mundo, que vai perdido;  
E quer que com elle aprenda  
Em que quadra, e em que vestido  
São proprios punhos de renda.

Carregando a sobancelha,  
A fallar na história salta;  
E logo da França velha  
Reconta o pobre peralta  
Cousas que pescou de orelha.

Faz ao bom Sully\* justiça,  
Que os fios da espada embota  
Ao rei, que em furor se atixa;  
E não lhe esquece a anedota,  
*Que um reino vale uma missa.*

Falla em *san' Bartholomeu*,\*\*

\* Ministro francez. Afeiçãoou-se, inda môço, a Henrique iv, primeiramente principe, depois rei de Navarra, e per ultimo rei de França; do qual gran- geou toda a confiança, além de muitas honras e bene- ficios.

\*\* *Jour affreux, jour fatal au monde,  
Que l'abîme éternel du temps  
Te couvre de sa nuit profonde!*



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



Trinta naus desarvorar;  
 Outro levanta em um mez  
 O cerco de Gibraltar.

Um, riscando a terra, ensina  
 Co' a bengala a geographia;  
 E nos diz com quem confina  
 Ao poente, e ao meio-dia  
 A Georgia, e a Carolina.

Outro aos Inglezes deseja  
 Na armada o fogo ateiado;  
 E pinta em crua peleja  
 Dês Lords fugindo a nado  
 Sôbre barris de cerveja.

Outro conta os graves damnos,  
 Que ésta gazeta declara  
 Tiveram os Castelhanos;  
 E o triumpho inglez compara  
 C'os triumphos dos Romanos.

Ao seu partido se aferra;  
 Diz que inda c'os mastos rotos

pelho, embellezando-se na sua guapice, decidindo com sacudido ademan, (como qualquer caixeirinho do café do Caes do Sodré:). *Ce ne vaut rien*: o auctor é insignificante: começa por não saber a sua lingua, nem a lingua do auctor que traduz: não chega ao bico do sapato da mais ligeira traducção dos nossos modernos. Leiamos alguma obra que tenha mais chorume, e mais elegancia. — ó *Lafleur*, dá ca a gazeta. •

Ao mundo farão a guerra;  
Mas fica vencido em votos,  
E leva a breca Inglaterra.

Dão ao leão furibundo  
Gibraltar em justa guerra;  
É este concílio profundo,  
Sem ter um palmo de terra,  
Está repartindo o mundo!

Dando enfim o Inglez á sola,  
Qualquer dos dictos confrades  
Na rota capa se enrola;  
E tendo dado cidades,  
Nos vem pedir uma esmola.

D'alli, senhor, voltaremos  
Pelas praças principaes;  
Que bellas cousas veremos!  
Quê famosos editaes  
Pelas esquinas leremos!

*Chegou monsieur de tal,\**  
*Chymico em Paris formado;*  
*Traz segredo especial;*

\*Este charlatão (de que falla o auctor) trazme á lembrança outro de quem fallou Francisco Manuel; copiarei os seus proprios termos:

- Era eu rapaz, e passava pelo Loreto; vi o adro atulhado de gente, e quiz saber (curiosidade de rapaz!) o que os apinhava alli. Vi um estrangeiro com uma caixinha toda de escaques cheios de papeli-nhos quadrados, que encerravam em suas dobras

*Um elixir approvedo,  
Um remedio universal.*

*Não pretende ajunctar fundo  
C'os grandes segredos sens;  
E cheio de dó profundo,  
Tira polo amor de Deus  
Os dentes a todo o mundo.*

*Iremos ler no outro lado,  
Onde acaso os olhos puz:  
Em quarto grande e estampado  
Saiu novamente á luz  
Carlos Magno commentado.*

*Na mesma loja hão de achar  
As obras de Caldeirão,  
Que em bom preço se hão de dar;  
E o Cavalheiro christão,  
E as Regras de partejar.*

*D'éstas ridicularias,  
E de outras taes, murmurando,  
Co' as nossas philosophias,  
A tarde iremos gastando*

certos pós, que elle apregoava miraculosos e infalliveis para sarar pernas e braços quebrados, impedir a gôta e apoplexia, tirar os signaes de bexigas, atalhar a velhice, fazer nascer novos dentes, etc., etc. mas sôbre tudo para matar pulgas no verão. Muita gente lh'os comprava; mas muita mais se desfazia em perguntas, em objeccões, em reparos, e elle a tudo respondia: — *comprae meus pós.* —



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

Ha ja mais de vinte annos,  
 Que guarda a fe conjugal:  
 Posta deroda no centro,  
 Cruza a perna, mestra abelha;  
 E de longe a ver-lhe eu entro  
 Sapatos de seda velha,  
 Bicos de pés para dentro.

A tia séria mulher,  
 Que os longos vestidos seus  
 Ao Carmo manda fazer,  
 E d'éstas que dão a Deus  
 O que o mundo ja não quer:  
 Sente um desgosto infinito,  
 Que o mundo a deixe tam cedo;  
 Affecta mystico espirito;  
 Porêem suspira em segredo  
 Polas cebolas do Egypto.

L'Abbé,\* que encurta as batinas,  
 Por mostrar bordadas meias;  
 E presidindo em matinas,  
 Vai depois ás assembleias  
 Cantar modas co' as meninas;  
 É quem lhe rouba attenções,  
 E lhe accende um fogo interno;

\*. . . *Dans la chambre entre monsieur l'abbé,  
 Fade plaisant, galant escroc, et prêtre,  
 Et du logis pour quelques mois le maître.*

VOLTAIRE.

**Tracta-o com mil expressões;  
Diz-lhe quanto ha de mais terno  
Nos seus livros de orações.**

**Riremos do tal dragão ,  
Que tantas figuras faz;  
E sabe , com habil mão ,  
Unir em profunda paz  
Babylonia com Sião.**

**Pouco ás filhas fallarei ;  
São feias e mal-creadas ;  
Mas sempre conseguirei ,  
Que cantem desafinadas  
*De saúdades morrerrei.***

**Cantada a vulgar modinha ,  
Que é a dominante agora ,  
Sai a môça da cozinha ,  
E diante da senhora  
Vem desdobrar a banquinha.**

**Na farpada meza logo  
Bandeja e bule apparece;  
Que mordais os beiços rogo;  
Pois são trastes, que parece  
Que escaparam de algum fogo.**

**Em bule chamado inglez ,  
Que ja para pouco serve ,  
Duas folhas lança ou trez  
De cañado cha , que ferve  
Com ésta , a septima vez.**

**De fatias , nem o cheiro,**



Por mais que ás vezes as quiz;  
Que o carrancudo tendeiro,  
Cançado de gastar giz,  
Ja não dá pão sem dinheiro.

Saíremos de improviso,  
Despedidos á franceza;  
E iremos, pois é preciso,  
Na vossa esplendida meza  
Largar redea á fome, e ao riso.

De tudo nos lembraremos;  
A famosa digressão  
Ao bom marquez contaremos;  
E do vermelho Monção  
Mil saúdes lhe faremos.

Mas, senhor, agora vejo  
Quanto o pensamento voa;  
Estar com vosco descjo:  
Não podendo co' a pessoa,  
Fui ao menos c'o desejo:

Correu com largueza a mão;  
Escrevi mais do que devo;  
Foi culpa do coração,  
Quando vos fallo ou escrevo,  
As horas instantes são.

Quem me seja pouco affeito,\*  
Vendo éstas regras singellas,  
Dirá com damnado peito,

\* Por affecto.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



# SATYRA VIII.

---

## A FUNÇÃO.

Musa, basta de rimar ;  
Ja fazes esforços vãos,  
Vai a lyra pendurar ;  
Não sabem trémulas mãos  
Com as cordas acortar :

Ja a velhice pesada  
Te encheu de rugas a testa ;  
Ja co' a dura mão gelada  
Te poz a marca funesta  
Na madeixa branqueiada :

Teu estro, falto de meios ,  
Ja furta mais do que imita ;  
Vas dando airosos passeios ,  
E todo o povo te grita  
*Larga os vestidos alheios !*

Tua vaidade faz dó ;  
Cinges cascos enrugados,  
Cheios de caruncho e pó,  
Com velhos louros fartados  
Do sepulcro de Boileau :

Lêste, por teu mal, um dia  
 Este livro endiabrado ;  
 Tal te poz a phantasia,  
 Que o corpo velho e caçado  
 Inda te pede folia.

Depois que vistosa quinta  
 Te deu brilhante função,  
 Tu de discordias faminta,  
 Vens com damnada tenção  
 Por-me ao pe papel e tinta.

Bem me lembra o sítio ameno ;  
 Quanto vi, tenho presente ;  
 Mas a ti é que eu condeno,  
 Que na acção mais innocente  
 Vas sempre deitar veneno.

Com felpudos chapelinhos ,  
 Que estofada pluma ornava,  
 Per apraziveis caminhos,  
 Formoso esquadrão montava  
 Ajaezados burrinhos :

Marcha a tropa ; Amor a guía :  
 Tu que a mesma estrada trilhas ,  
 Mostra-me em todo esse dia  
 Cousas , que não fossem filhas  
 Da innocencia, e da alegria? \*

\* O tom ironico do auctor, n'êsta bella *satyra* ,  
 constitue-lhe o principal merito. Bem se ve que o  
 nosso poeta sabía imitar os bons modelos.

Dizes, que pobres donzellas  
Vão os olhos enganando  
Com postiças tranças bellas,  
E chitas de contrabando,  
Que ainda são das adellas;

E que em quanto em taes desmanchos  
A irmaa, com titulos falços,  
Faz a glória d'estes ranchos,  
Corre o irmão, c'os pés descalços,  
Vendendo em Lisboa ganchos.

Dizes, que um, o qual eu callo,  
Assentando que as senhoras  
Querem todas namorallo,  
Cravando a furto as esporas,  
Mettia em obra o cavallo.

Que outro, falto de expressão,  
Traficar de longe quiz;  
E com o lenço na mão,  
Pagava o pobre nariz  
Os crimes do coração.

Mas quanto atéqui exprimes,  
Por mais que as côres lhe mudes,  
Por mais que a teu geito o rimes,  
Creio que não são virtudes,  
Porêm tambem não são crimes.

No largo pateo apeiados,  
Que alva cal emtórno pinta,  
Dizes, que de braços dados,  
Fomos passeiar na quinta



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

E entalha, em letra romana,  
 O nome de sua amada;  
 Beija então as letras bellas;  
 E de versos curioso,  
 Pondo brandos olhos n'ellas,  
 Pede ao tronco venturoso,  
 Que as va erguendo ás estrellas.

Dizes, que por mais que eu pregue,  
 São baldados meus officios;  
 Que ninguem jamais consegue  
 Marchar sôbre precipicios,  
 Sem que algum pe lhe escorregue.

Sentam-se entretanto os pais;  
 Vem gazeta e rei da Prussia,  
 Véem os estados-gerais;  
 Marcham com as tropas da Russia  
 As tropas imperiais.

Um conta da Porta o estado;  
 Diz, « que das pazes o artigo  
 Vai mui pouco acautelado; »  
 E tendo a filha em perigo,  
 Ri do Turco descuidado!

Co'a pintada sobrancelha  
 Vai sosinha passeiando  
 Boa mãe, sincera velha;  
 Dos esgalhos resguardando,  
 Ora a pellicia, ora a telha:

Pondo contra a luz a mão,  
 E crendo que n'êsta rua

Está san' Sebastião,  
De Venus á estátua nua  
Faz mezura e oração.\*

Emtanto as Venus melhores  
Do que ésta, que a arte fes;  
Escutam ternos amores,  
Que estão jurando a seus pes  
Felizes adoradores.

Basta, musa ; pare ahi  
Esse montão inimigo  
De mentiras , que te ouvi ;  
Tu sempre andaste comigo,  
Mas eu nada d'isso vi.

Foi per meu braço levada  
Uma das dictas douzellas ;  
Feia , mas a estudos dada ;  
E sôbre doctas novellas  
De tenros annos creada :

Levantou sábias questões  
Que ella mesma resolveu ;  
Fez profundas reflexões ;  
E porfim me prometteu  
Ler-me as suas traducções :

Jurou que aprendeu grammatica,  
E que hoje os livros não feixa  
Da infallivel mathematica ;  
E quer ver se o pae a deixa

\* Que bellissima quintilha !



Ir na máchina aerostatica.

So de nós podes fallar ;  
Dos mais , como has de saber,  
Se vendo-os no bosque entrar,  
Quando os tornámos a ver  
Foi ás horas de jantar ?

Dizes , que é falso este nome ;  
Que foi jantar de matula ,  
Onde so quem furta, come :  
Juras que no altar da gula  
Fostes víctima da fome ;

Mas de tua semrazão  
Eu vi próva verdadeira ;  
De habil velha a crespa mão  
Foi atacando a algibeira  
C'os sobejos da função.

Se Nise, que faz estudo  
De affectar moral virtude,  
Com ar austero e sisudo  
Faz criminosa saude  
Com os olhos no seu *Tudo* ;

Se o Xixisbeo seu visinho  
Lhe vai afagando os dedos  
Do tenro surdo pesinho ;  
E por saber-lhe os segredos  
Lhe bebe o resto do vinho ;

Se mau trinchante novato,  
Mostrando annel de brilhantes,  
Mas errando a fôrça e o tacto,



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



E depois que elle deu fim,  
Foi mau ver contradançar  
Toda a tarde no jardim?

Destros pares perfilados,  
Que o brilhante enredo tecem,  
Deram promptos e acertados,  
Um prazer, que so conhecem  
Os corações delicados.

Venus mesma não fizera  
Jogos mais incantadores,  
Quando dizem que descera  
Entre as Graças, e os Amores  
Sóbre os jardins de Cythera.

E que mal te fez então,  
No furor das contradanças,  
Ver parceiro cortezão  
Ir levar á dama as tranças,  
Que lhe caíram no chão?

Das tres velhas que dançaram,  
Se uma gritou derepente,  
Foi porque os pés a entregaram,  
Quando desgraçadamente  
O dous callos se encontraram.

E se acaso em ti não há  
Gôsto por tal passatempo,  
Enfreia essa lingua má;  
São modas que véem c'o tempo,  
O tempo as acabará.

Não são os gostos eternos;

Teve o *passapie* amigos ,  
Ainda não ha quinze hibernos ;  
Foi a glória dos antigos ,  
Hoje é mofa dos modernos.

Debalde em ralhar te canças ;  
Deixa ao tempo os seus caminhos ;  
Ir-se-hão poupas, ir-se-hão tranças,  
Istericos , josésinhos,  
Feitiços e contradanças.

Em bandolim marchetado,  
Os ligeiros dedos promptos,  
Louro peralta adamado,  
Foi depois tocar per pontos  
O doce *londum chorado*.

Se Marcia se bamboleia  
N'este innocente exercicio,  
Se os quadriz saracoteia ,  
Quem sabe se traz cilicio  
E por virtude os meneia ?

Não sentenceies de estalo ;  
Teem as danças fim decente ;  
Ama o pae , mas por deixalo ,  
Dança a donzella innocente  
Diante de san' Gonçalo.

Cobrando o pardo dinheiro,  
De que o povo é tributario,  
Velho preto prazenteiro,  
Para glória do Rozario,  
Remeche o corpo , e o pandeiro.

Em solemne procissão  
 Une a frialeira casta  
 O fandango, e a devoção;  
 Mas emfim de exemplos basta,  
 E tornemos á questão.

Ja d'entre as verdes murteiras;  
 Em suavissimos assentos,  
 Com segundas e primeiras,  
 Sobem nas azas dos ventos  
 As modinhas brazileiras.

E que mal te fez na porta  
 Pae, que ronda de quadrilha,  
 Cabelleira loura e torta,  
 Dizer, que peçam á filha  
 Um bocado de *comporta*?\*

Com que graça vem trazidas,  
 Fingindo-se envergouhadas,  
 Tenras faces incendidas,  
 Per destros galgos achadas  
 No jogo das escondidas?

Musa, abre os olhos escassos,  
 Não te enganes co'a apparencia;  
 Senão torcesses os passos,  
 Acharias a innocencia  
 Té no jôgo dos abraços.

Marilia as linhas espalha;  
 E a candida mão sem luva

\* Moda que canta a gente da plebe.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

Nem sempre seriedade,  
 Como nem sempre folia;  
 Na discreta variedade  
 Está do mundo a harmonia.

Bravo Inglez sanguinolento,  
 Depois de deixar votado,  
 Que se afronte o mar, e o vento,  
 Cuidas que fica fechado  
 Nas salas do Parlamento?

Se pola patria se cança,  
 Tambem prazeres deseja;  
 De manhan assusta a França,  
 Arrota á noite cerveja,  
 Canta mal, e contradança.

Tracta pois de te emendar,  
 E deixa vidas alheias;  
 Que o povo está a zombar  
 Em quanto te incham as veias  
 Com a fôrça de prégar.

Thomaz dos Pôs fez missões; \*  
 Ajunctou gente infinita;  
 Mas inda em negros vergões  
 Traz nos artelhos escrita  
 A paga dos seus sermões.

Toma emfim a lição minha;  
 Mas se estás na mesma fragoa  
 D'aquella mulher mesquinha,

\* Donato, que por pregar, foi para as galés.

Que alçando a mão fóra d'agoa ,  
 Fez c'os dedos tesourinha :

Teme o raivoso furor  
 Do exército dos peraltas ,  
 Que em armas se vai ja por ;  
 Tambem o das poupas altas ,  
 Que é inimigo peior :

Guardam no peito odio velho  
 Por motivos semelhantes ;  
 E se crês no meu conselho ,  
 Mata-lhe antes os amantes ,  
 Quebra-lhe o melhor espelho ;  
 Prohibe-lhe as convulsões ;  
 Abre-lhe ao cãosinho as veias ,  
 Que para tudo ha perdões ;  
 Mas nunca lhe chames feias ,  
 Nem lhe entendas co' as funções .

NICOLAU TOLENTINO.

Estes versos de Gilbert são a melhor apologia que se póde fazer a Nicolau Tolentino, e ás suas satyras :

*Si je vois mes travaux payés d'un peu d'estime ,  
 Ce peu de gloire au moins est juste et légitime ;  
 Tous mes écrits , enfants d'une chaste candeur ,  
 N'ont jamais fait rougir le front de la pudeur ;  
 Ils plaisent sans blasphème et vivent sans cabales ;  
 Mes modestes succès ne sont pas des scandales ;  
 Et si du temps jaloux mon nom est respecté ,  
 Mon nom ira sans tache à la postérité .*



---

# Lyrícos.

ROMANCES, CANÇÕES, LYRAS, ENDEIXAS  
E DECIMAS.

—  
ROMANCE.

—  
A VISÃO.\*

Ao longo de uma ribeira,  
Que vai pelo pe da serra,  
Onde me a mi fez a guerra

\* O estylo de Bernardim Ribeiro é o dos antigos *romances*, porém mais voluptuoso, e mais terno: algumas vezes pécca em demasiadas argucias, trocadilhos e repetições (como todas as poesias hespanholas d'essa era); mas, em desconto, reluz n'elle aquella graça, que so provem da franqueza e cordialidade. Antonio Ribeiro dos Santos disse:

O nobre Bernardim, unuito saudoso,  
Alma amorosa e terna, que gran' somma  
De maneiras eroticas, de phrases  
De grande extremo em seus escriptos volve!



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



Per estes olhos mesquinhos,  
 Que teem abertos caminhos  
 Pelo meio do meu rôsto;  
 E ja não tenho outro gôsto  
 Na grande desdita minha;  
 O que eu cuidava que tinha  
 Foi-se-me assi não sei como;  
 D'onde eu certa crença tomo  
 Que para me deixar veio.

Mas tendo-me assi alheio  
 De mi o que alli cuidava,  
 Da banda d'onde a agua estava  
 Vi um homem todo cão,\*  
 Que lhe dava pelo chão  
 A barba e o cabello;  
 Ficando eu pasmado d'ello,\*\*  
 Olhando elle para mi,  
 Fallou-me, e disse-me assi:  
 « Tambem vai ésta agua ao Tejo. »

N'isto olhei, vi meu desejo  
 Estar de trás, triste, so,  
 Todo cuberto de do  
 Chorando sem dizer nada,  
 A cara em sangue lavada,  
 Na boca posta uma mão,  
 Como que a grande paixão

\* Cano, encanecido, de cabellos brancos.

\*\* Variação antiquada de *elle*.

**Sua falla lhe tolhia ;**  
**E o velho, que tudo via ,**  
**Vendo-me tambem chorar,**  
**Começou assi fallar :**  
**« Eu mesmo sam \* teu cuidado,**  
**Que, n'outra terra creado,**  
**N'êsta primeiro nasci;**  
**E est'outro que está aqui**  
**É o teu desejo triste,**  
**Que em má hora o tu viste ,**  
**Pois nunca te esquecerá ;**  
**A terra e mar passará**  
**Traspassando a mágoa a ti : »**  
**Quando lhe eu aquisto \*\* ouvi,**  
**Soltei suspiros ao choro ;**  
**Alli claramente o foro**  
**Meus olhos tristes passaram**  
**De um bem so qu'elles olharam ,**  
**Que outro nunca mais tiveram :**  
**Nem o tive, nem m'o deram ,**  
**Nem o esperei somente :**  
**De so ver fui tam contente ,**  
**Que para mais esperar**  
**Nunca me deram logar.**  
**E na quisto, \*\*\* triste estando,**

\* Sou.

\*\* Isto.

\*\*\* N'isto.

C'os olhos tristes olhando  
D'aquellas bandas d'alem,  
Olhei, e não vi ninguem.

Dei então a caminhar  
Rio abaixo, até chegar  
Acêrca\* de Monte-mor.  
Com meus males derredor,  
Da banda do meio-dia,  
Alli minha phantasia  
D'antre uns medrosos penedos,  
Ond' aves que fazem medos  
De noite os dias vão ter,  
Me saiu a receber  
C'uma mulher pelo braço,  
Que, ao parecer, de canção  
Não podia ter-se em si,  
Dizendo : « Ves triste aqui  
A triste lembrança tua. »

Minha vista então na sua  
Puz, d'ella todo me enchi :  
A prima\*\* cousa que vi,  
E a derradeira tambem ;  
Que no mundo vão e véem  
Seus olhos verdes rasgados,  
De lagrymas carregados  
Logo em vendo-õs, pareciam

\* Vizinho a, perto de.

\*\* A primeira.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

E vi tudo escuridão;  
Cerrei meus olhos então,  
E nunca mais os abri;  
Que depois que os eu perdi  
Nunca vi tam grande bem;  
Porém inda mal, porem !...

BERNARDIM RIBEIRO.

Foi este poeta o primeiro que em Portugal adquiriu grande reputação no genero *bucolico e romantico*. Camões tinha-o em muito aprêço. E na verdade, elle deu todo o impulso á poesia pastoril do decimo sexto seculo. Seus versos respiram aquella candura melancholica tam natural a um poeta amavel, que suspirava de contino *por certo amor ausente, cujas saudades lhe acabaram a vida.*

† M. DA S. MASCARENHAS.

~~~~~

**CANÇÃO.\***

—

**PSYCHIS.**

Dura necessidade quando engrossa ,  
 Como agua na ribeira ,  
 Quem não foge , podendo , vendo-a vir ?  
 Quem ha porém que possa ?  
 Cumpre de ter maneira ,  
 Ou de pôr peito á agua, ou de fugir.  
 Buscando pelos vãos contos passados ,  
 De que cante , que hei mêdo ao mau ensino,  
 Maior que a cantar mal versos rhymados ;  
 Emfim , direi d'Amor cego e menino ,  
 Por desastre malino  
 Como lhe aconteceu ;  
 Mas se Amor foi vencido, Amor venceu.

\* *Esta canção é de muita belleza. O pincel de Sá de Miranda ensopou-se, para traça-la, na mesma tincta, com que Bocace, e depois d'elle o feiticeiro La Fontaine, coloríram seus graciosos contos. Mas o nosso poeta deu uns toques tam sensiveis e maviosos a este bellissimo quadro! usou de expressões tam singelas e incantadoras, que é mais facil senti-las, que annalyza-las.*



Em tempo antigo, longe em terra estranha,  
Um rei e uma rainha  
Houveram filhas: a primeira veio  
De belleza tammanha,  
Que algũa igual não tinha,  
Somente a que depois foi a do meio;  
Mas logo sobreveio  
Inda outra, que a éstas fez como ás estrellas  
Faz o sol claro tanto que apparece:  
Fallavam cavalleiros e donzellas,  
Como nas cousas raras acontece:  
A gente se lhe offr'ece  
Como a deusa immortal;  
Té do bem o sobejo sempre é mal.  
Não soffreu tal offensa Amor altivo  
Que fosse aos deuses feita,  
Seu arco toma, os tiros apurou  
De chumbo e d'ouro vivo,  
Voando ao ar se deita,  
E n'um momento tudo atravessou:  
Mas enleiado ficou  
Quando tal fermosura ante si viu;  
Fugiu-lhe o coração, a setta cae,  
E no pe, que diante ia, o feriu:  
Chora o menino, e grita pela mae.  
Com tal conselho sae;  
Faz um bosque incantado,  
Alli geme e suspira magoado.  
Ja antes d'isto aquella grande fama



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



Deixa per um tam longo espaço atrás?

Bespeito ao sol havendo,

Direi de um so partido,

Que Amor logo tirou, mas duro assás.

Disse: « Não me verás,

Contente-te o que ves, » Ah sorte esquerda,

Cruel e cubiçoso pensamento!

Representou-se a Amor a grande perda

Do par que esvaecido é n'um momento:

Ha mister soffrimento

O mal, e inda o bem,

Pouco estimado so de quem o tem.

Promette do porvir ousadamente;

Fazem-se cunprimentos,

Que depois se cumpriram muito mal:

Deseja ella a sua gente

Para assoalhar seus ventos,\*

Quer-lhe mostrar, andando, o tal e o tal;

Cousa que tanto val,

C'os nossos coraçõezinhos pequenos.

Ora indo assi crescendo estes desejos,

A fermosura cada vez é menos;

Quanto dos minos mais, mais dos entejos.

Emfim, diz « Bens sobejos

Sem as minhas irmaãs,

Não sois riquezas não, mas visões vans. »

Ouviu, estremeceu Amor, porém

\* Isto é — ostentar seus haveres, riquezas.

Houve de dar licença ,  
 Dizendo de vagar : « Pois assi quer,  
 Razão é que tambem  
 Agora n'isso vença  
 Quem sempre em tudo soe de vencer. »  
 Véem-na as irmans a ver;  
 E vendo hi tanto de que ter inveja,  
 Confusas dizem : « Tristes mal-fadadas,  
 C'o que se perde aqui , c'o que sobeja,  
 Foramos todas bemaventuradas !  
 Nadas , menos que nadas  
 Nossas ricas riquezas  
 Como ésta as chamará pobres pobrezaas ! »  
 A môça amostra ca, e amostra la;  
 Do que não vêem lhes conta :  
 Toda de face andava , ellas do envés,  
 Não soffrem ver mais ja;  
 Não podem com a afronta ,  
 Com tudo cedo irão dar a través.  
 O sol anda de pés ,  
 Os prazeres tambem c'o elle desandam ,  
 Tambem as que fingiam suspiravam :  
 Quem sabe os corações albeios que andam  
 Fazendo ? Se quereis , inda choravam.  
 Mas onde se entornavam

\*\*Estes dous versos sempre foram citados pelos co-  
 nhecedores como modelos de elegancia, e singe-  
 leza antiga.

Aquelles vasos d'agoa  
 Parecia irmandade, ella era magoa.  
 Não se podem ter mais. « Ora em tal vida  
 Que gôsto podes ter  
 ( Disse uma ) triste irman uossa enganada?  
 Choramos-te perdida,  
 E vindo-te assi ver,  
 Tornamos-te a chorar por mal achada! »  
 A outra mais ousada  
 Tomando a mão, lhe disse : « Quem seria,  
 Que outra cousa cuidasse? se elle tanto  
 Te amasse, e se tal fosse, mostra-se-hia:  
 Responder, que não quer, d'isso me espanto!  
 Ora eu nan o levanto;  
 Mas diz que n'este lago  
 Se ve ás noites vir voando um drago! »  
 Não disse mais. Os olhos, não sei mais,  
 E os geitos, que disseram  
 Fazendo casos : a môça enfraquece  
 Com suores mortais:  
 Todas emfim vieram \*  
 Que quando ha tempo o dilatar empece.  
 Eis a barca apparece  
 Em que se hão d'ir: « Deixam-lhe lume acceso:  
 Ordenam-lhe o que faça antes que vão-se.  
 Veja-se em todo caso o tam defeso

\* Por *convieram*, *assentaram*.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

Ás más irmans, más furias infernaís ,  
 Como assanhadas bichas , lança fora :  
 A mesma paga sempre hajam as tais.

A môça que errou mais  
 Com singeleza , jouve \*  
 Chorando em terra um tempo, e perdão houve.  
 Ésta canção que eu fiz  
 Cantando, minha em parte ,  
 Ja algum acena, e diz :  
 « Não sei que eu d'isto ouvi ja n'outra parte ? »  
 Perdão de parte a parte :  
 Vós , musas, me ensinastes ,  
 Que, do que outrora ouvistes, nos cantastes.

SÁ DE MIRANDA.

\* Jazeu.

Este philosopho poeta, rompendo per mil obstaculos, que lhe oppunha um idioma pouco ou nada acostumado a operações poeticas, sem modelos, sem guia mais do que o exemplo dos metros italianos; domando a rudeza da phrase, e adaptando-a a infinitas combinações harmonicas, estabeleceu novas leis ás cesuras metricas, e determinou a harmonia da lingua na poesia portugueza. Apartando-se pois do uso commum, que então supersticiosamente se fazia do verso octonario, fixou os accentos do hendecasyllabo, inda pouco ou quasi desconhecido, e mostrou que este devia fazer o principal fundamento de nossa harmonia metrica, e com razão; porque notando nas palavras do idioma portuguez o

mesmo compasso, a mesma distribuição de vogaes e consoantes, a mesma e igual melodia que na lingua italiana; colligiu que a harmonia total da portugueza devia ser o metro principal de nossa poesia, assim como o era da toscana havia mais de dous seculos, e ja entrava a sê-lo na castelhana pelas tentativas que iam fazendo Buscan e Garcilasso. Foi Sá de Miranda quem trouxe para a nossa poesia o verso septenario, totalmente desusado dos versificadores portuguezes; e o primeiro que mostrou que não podia haver combinação mais harmonica e legitima na poesia lyrica do que a d'este com o hendecasyllabo.

O soneto introduzido na poesia portugueza pelo famoso infante D. Pedro de Alfarroubeira, poeta insigne, o principe mais sabio de seu tempo, e o maior homem da nação portugueza, foi pelo Sá de Miranda aperfeiçoado, e estabelecido da maneira que aopresente o vemos. Elle nos ensinou a estrutura da *canção*, da *oitava rima*, do *terceto*; e pôsto que o sabio Manuel de Faria e Souza affirme, e próve, que muito antes do poeta Miranda, ja entre nós existia o *hendecasyllabo*, e a *oitava rima*; contudo estavam tam pouco determinados, que não havia norma alguma positiva na construcção accental do primeiro, nem na disposição das simulcadenças do segundo, e por isso não erao usados; nem os ouvidos se podiam familiarisar com aquella harmonia, que então conservavam, por ser estranha e repugnante á melodia do idioma, e ao gosto da nação.

F. D. GOMES.



---

**CANÇÃO I.**


---

**MEMORIA****DE AMORES PASSADOS.**

Vão as serenas agoas  
 Do Mondego descendo  
 E mansamente até o mar não param :

\* Estas *canções* são conformes ás de Petrarca, e de Bembo; e verdadeiramente admiraveis pola elegancia da linguagem e harmonia dos versos. Ninguem conheceu e imitou melhor do que Luis de Camões a poesia de Petrarca; mas atrevo-mo a dizer, que lhe é superior na força dos pensamentos, e na descripção viva das scenas da natura, que elle pinta, como quem as vira e soubera sentir; o que a imaginação e arte não podem alcançar.

J. M. DE SOUZA, *Vida de Camões.*

Camões, com ser excellente em toda sorte de *rhythmas*, e em especial do verso pequeno, muito mais o foi nas *canções*, onde guardou de maneira todas as leis d'ellas, que nenhuma inveja póde ter a Petrarca, Bembo e Garcilasso, que n'este genero são os mais louvados.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



Para que desde agora,  
Ja perdida a esperança,  
Visse o vão pensamento  
Desfeito em um momento,  
Sem me poder ficar mais que a lembrança,  
Que sempre estará firme  
Até no derradeiro despedir-me.

Mas a mor alegria  
Que d'aqui levar posso,  
E com que defender-me triste espero,  
É que nunca sentia,  
No tempo que fui vosso,  
Quererdes-me vós quanto vos eu quero.

Porque o tormento fero  
De vosso apartamento,  
Não vos dará tal pena  
Como a que me condena:  
Que mais sentirei vosso sentimento,  
Que o que a minha alma sente.  
Morra eu, senhora, e vós ficae contente.

Tu canção estarás  
Agora acompanhando  
Per estes campos éstas claras agoas;  
E por mi ficarás  
Com choro suspirando;  
Porque ao mundo dizendo tantas magoas,  
Como una larga historia  
Minhas lagrymas fiquem por memoria.

## CANÇÃO II.\*

## A AUSENCIA.

Com fôrça desusada  
Aqueita o fogo eterno  
Uma ilha nas partes do Oriente ,  
De estranhos habitada,  
Onde o duro inverno  
Os campos reverdece alegremente.  
A lusitana gente  
Per armas sanguinosas  
Tem d'ella o senhorio:  
Cercada stá de um rio  
De maritimas aguas saúdosas.  
Daservas que aqui nascem,  
Os gados junctamente , e os othos pascem.  
Aqui minha ventura  
Quiz que uma grande parte  
Da vida, que eu não tinha, se passasse;

\* N'êsta canção, feita nas Molucas, póde notar-se a viveza das descripções, e a dos sentimentos.

Para que a sepultura  
Nas mãos do fero Marte  
De sangue, e de lembranças matizasse.  
Se amor determinasse  
Que a trôco d'êsta vida,  
De mi qualquer memoria  
Ficasse como historia,  
Que de uns fermosos olhos fosse lida:  
A vida, e alegria  
Por tam doce memoria trocaria.  
Mas este fingimento,  
Por minha dura sorte,  
Com falsas esperanças me convida.  
Não cuide o pensamento  
Que póde achar na morte  
O que não ponde achar na longa vida.  
Está ja tam perdida  
A minha confiança,  
Que de desesperado,  
Em ver meu triste estado,  
Tambem da morte perco a esperança.  
Mas oh, que se algum dia  
Desesperar podesse, viviria!  
De quanto tenho visto  
Ja agora não me espanto,  
Que até desesperar se me defende.  
Outrem foi causa d'isto,  
Pois eu nunca fui tanto  
Que causasse este fogo que me incende.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

Que o medico advertido ,  
Tudo quanto deseja lhe consente ;

O amor me consentia  
Esperanças , desejos e ousadia.

E agora venho a dar  
Conta do bem passado  
A ésta triste vida e longa ausencia.

Quem pôde imaginar  
Que houvesse em mi peccado  
Digno de uma tam grave penitencia!

Olhae que é consciencia  
Por tam pequeno êrro,  
Senhora, tanta pena :  
Não vêdes que é onzena?  
Mas se tam longo e misero destêrro  
Vos dá contentamento,  
Nunca me acabe n'elle o meu tormento.

Rio fermoso e claro,  
E vós, ó arvoredos ,  
Que os justos vencedores coroaes,  
E ao cultor avaro ,  
Continuamente ledos,  
De um tronco so diversos fructos dais;  
Assi nunca sintais  
Do tempo injúria alguma,\*  
Que em vós achem abrigo  
As magoas que aqui digo,

\* Alguma.

Em quanto der o sol virtude á lua;  
 Porque de gente em gente  
 Saibam que ja não mata a vida ausente.  
 Canção, n'este destêrro vivirás  
 Voz nua e descoberta,  
 Até que o tempo em echo te converta.

---

CANÇÃO. III. \*

O DESEMPARO.

Juncto de um sêcco duro esteril monte  
 Inutil e despido calvo e informe,  
 Da natureza em tudo aborrecido,

\* *Esta canção*, composta quando o auctor cruzava defronte do cabo Guardafú, é um modelo da mais harmoniosa poesia, e de uma profunda paixão de amor. O coração sente-se por extremo enternecido, quando se considera este grande homem longe de sua patria, e da sua amada, militando em climas tam distantes, e exhalando suas penas e saudades nos mais bellos e ternos versos.

J. M. DE SOUZA.

É *esta canção* o mais bello de todos os poemas do mesmo genero, que se encontra na poesia moderna.

F. D. GOMES.



Onde nem ave voa, ou fera dorme,  
 Nem corre claro rio, ou ferve fonte,  
 Nem verde ramo faz doce ruído;  
 Cujó nome, do vulgo introduzido,  
 É *felis*, por antiphraſi *infelice*;

O qual a natureza

Situaou juncto á parte

Aonde um braço do alto mar reparte  
 A Abassia da Arabica aspereza,  
 Em que fundada foi ja Berenice,

Ficando á parte d'onde

O sol, que n'ella ferve, se lhe esconde:

O cabo se descobre, com que a costa  
 Africana, que do Austro vem correndo,  
 Limite faz, Arómata chamado:

Arómata outro tempo; que volvendo  
 A roda, a ruda lingua mal composta  
 Dos proprios, outro nome lhe tem dado.

Aqui no mar, que quer apresurado  
 Entrar pela garganta d'este braço,

Me trouxe um tempo, e teve  
 Minha fera ventura.

Aqui n'êsta remota aspera e dura  
 Parte do mundo, quiz que a vida breve  
 Tambem de si deixasse um breve espaço;

Porque ficasse a vida

• Pelo mundo em pedaços repartida.

Aqui me achei gastando uns tristes dias,  
 Tristes, forçados, maus e solitarios,



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



Nem esperança alguma onde a cabeça  
Um pouco reclinasse por descauso :  
Tudo dor lhe era e causa que padeça ,  
Mas que pereça não; porque passasse  
O que quiz o destino nunca manso.  
Oh que este irado mar, gemendo, amanso !  
Estes ventos da voz importunados  
    Pareco que se enfreiam;  
    Somente o ceo severo  
As estrellas e o fado sempre fero  
Com meu perpétuo damno se recreiam;  
Mostrando-se potentes e indignados  
    Contra um corpo terreno ,  
Bicho da terra vil e tam pequeno !  
    Se de tantos trabalhos so tirasse  
Saber inda porcerto que algum' hora  
Lembrava a uns claros olhos que ja vi;  
E se ésta triste voz rompendo fora  
As orelhas angelicas tocasse  
D' aquella em cuja vista ja vivi;  
A qual tornando um pouco sóbre si,  
Revolvendo na mente presurosa  
    Os tempos ja passados  
    De meus doces errores ,  
De meus suaves males e furores,  
Por ella padecidos e buscados;  
E (póstoque ja tarde) piedosa .  
    Um pouco lhe pezasse ,  
E la entre si por dura se julgasse:

Isto so que soubesse , me seria  
 Descanço para a vida que me fica ;  
 Com isto afagaria o soffrimento.  
 Ah senhora ! ah senhora ! e que tam rica  
 Estais , que ca tam longe de alegria  
 Me sustentais com doce fingimento !  
 Logo que vos figura o pensamento ,  
 Foge todo o trabalho e toda a pena.

So com vossas lembranças  
 Me acho seguro e forte  
 Contra o rosto feroz da fera morte ;  
 E logo se me junctam esperanças  
 Com que a fronte tornada mais serena  
 Torna os tormentos graves  
 Em saúdades brandas e suaves.

Aqui com ellas fico perguntando  
 Aos ventos amorosos , que respiram  
 Da parte d'onde stais , por vós , senhora ;  
 Ás aves, que alli voam, se vos viram ?  
 Que fazieis ? que staveis praticando ?  
 Onde , como , com quem , que dia e qu' hora ?  
 Alli a vida cançada se melhora ,  
 Toma espiritos novos com que vença  
 A fortuna e trabalho ,  
 So por tornar a ver-vos ,  
 So por ir a servir-vos , e querer-vos . \*

\*Em todas as poesias, compostas no Oriente, se ve quanto Camões conservava sempre viva a paixão por D. Catherina.

Diz-me o tempo que a tudo dará talho :

Mas o desejo ardente , que detença

Nunca soffreu , sem tento

Me abre as chagas denovo ao soffrimento.

Assi vivo ; e se alguém te perguntasse ,

Canção , porque não mouro ? \*

Podes-lhe responder ; que porque mouro.

CAMÕES.

\* Por mouro.

Luis de Camões, natural de Lisboa, é sem contradicção alguma, o maior poeta, não só de Portugal, mas de toda Hespanha. Os seus talentos resplandeceram em mais de um genero. A imitação phantastica, como mais propria, mais analogá á grandeza das idelas que fermentavam na sua phantasia, foi o principal objecto de seu pincel, que isso não obstante, quando descia á imitação icastica, na primorosa destreza com que executava as pinturas d'este genero, mostrava quam habil era para isso. As personagens de seus quadros todas estão no logar que devem occupar. Os seus rasgos são os mais liberaes, as suas tinctas as mais brilhantes e macias. A verdade da sua imitação está no maior auge. A vivacidade, a grandeza, a sublimidade são os caracteres principaes de sua poesia; cujo maravilhoso tanto se remonta, que vai buscar no imperio do ideal assumptos nunca sabidos, nunca imaginados; para cuja expressão acha novas tinctas, novas côres tam vivas, tam fortes, tam cheias de fogo, que movem, que accendem, que abrasam o coração do lei-



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

causa de muitos, que sem terem forças para imitar as suas bellezas, o seguiram nos seus defeitos. Finalmente foram tantas as graças que este grande homem communicou á lingua, e á poesia portugueza, que seguramente se póde affirmar que elle creou uma poesia, e uma linguagem nova em Portugal. Teve a maior propriedade para pintar o sublime; cujo resplendor, póstoque immenso, é tam suave que não cega, antes se faz com summo prazer accessivel á vista. No pathetico foi o mais insigne mestre: oh com que vehemencia o pinta, sem causar tedio! com que arte afeição e interessa! e com que força de expressão não traça o terrivel!

F. D. GOMES.

. . . Vence a todos esse genio immenso  
Do tragico cantor de Ignez, que os varios  
Coros discorre das castalias musas:  
Não se streita somente á lyra e á frauta;  
Com gran' destreza tóca a rude avena,  
Que ja foi honra dos Menalios bosques:  
Ao som das sette canas brando entoa  
As pastoris canções, que invejariam  
O Syracusio vate, o Mantuano,  
E o môço pescador de Margelline. <sup>1</sup>

A. R. DOS SANTOS.

<sup>1</sup> Theocrito, Virgílio e Sannazaro.

---

**CANÇÃO.\***


---

**A AMOR.**

Amor, pois m'inflammaste  
 No teu mais vivo fogo,  
 Onde o melhor de mi arde e s'apura ;  
 Pois nova luz mostraste  
 A meus olhos, meu rogo  
 Ache piedade em ti, ache brandura :  
 D'aquella fermosura  
 Na terra peregrina,  
 Do ceo mais natural,

\* Diogo Bernardes, vendo a celebridade de Camões, cujo merecimento conciliava a estimação geral, mudou a maneira ferreiriana que seguia, e de tal modo imitou a phrase do grande epico, que algumas vezes se equivoca com a d'este. O em que elle porèm o não imita, é em fallar, nas canções, aquella language ternissima e apaixonada que o auctor dos Lusíadas fallou nas suas.

. . . . *Pour bien exprimer ces caprices heureux,  
 C'est peu d'être poète, il faut être amoureux.*

BOILEAU.



Com estylo immortal  
Segredos altos a cantar me ensina :  
Tu minha voz levanta,  
Em mi, tu d'ella canta.  
Cantar de tal belleza,  
Amor, a glória é tua;  
Que tu não tens mor honra, nem mor gloria:  
Humana natureza  
Na bella fórma sua  
Lhe quiz das mais fermosas dar victoria.  
Qual dina de memoria  
Se viu, na idade d'ouro,  
Qual, na de ferro, nossa,  
Que comparar-se possa  
A ésta, por quem eu tão ledo mouro?  
Que estimo mais tal morte  
Que uma felice sorte.  
Levanta com som novo,  
Amor, este meu canto  
De seu natural proprio baixo e rudo,  
Sem ti (por quem me movo )  
Não posso dizer tanto,  
Que enfim não fique em tal sujeito mudo.  
Se não cantar de tudo  
Como desejo, aomenos  
Tam docemente cante  
De vós, que o mundo espante  
Olhos sôbre o mortal curso serenos :  
Mas sendo de vós visto  
Quem se ha d'espantar d'isto ?



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



---

**CANÇÃO.\***


---

**A VIDA CAMPESTRE.**

Que sorte tam ditosa ,  
 Que dom tam sublimado aquelle alcança  
 Que aposentou nos campos a ventura !  
 No bem de que alma gosa ,  
 Isento do temor, e da esperança ;  
 Nem d' ésta , nem n'aquelle se assegura.  
 Passando a vida alegre, não procura

\* Ésta *canção* é uma das mais bellas e philosophicas da *Lusitania transformada*. A pintura que o auctor faz da tranquillidade e ventura campezina é excellente ; e os rasgos de pincel, com que elle bosquejou os attributos da natureza, sam os mais variados e graciosos. Até o estylo (limpo de refinados conceitos e trocadilhos) parece contribuir á perfeição d'este interessante poema.

(Ouve) ... as rimas de perolas toucadas  
 Que o opulento Fernão nos trouxe um dia,  
 Ou ja dos reinos da indiana aurora,  
 Ou ja d'esse patz do deus da Arcadia.

Ver os suberbos paços  
 Em que busque os favores  
 Que grangeiam somente adulaiores  
 Á custa d'alma ! e á fôrça de seus braços  
 A fructa lhe daria  
 O ramo , aguas a fonte , e campo flores.  
 Oh ! quam alto descanço emfim teria  
 Quem tam baixa tivesse a phantasia !  
 Víra nos arvoredos ,  
 Da natureza as obras contemplando ,  
 A fructa de mil côres variada :  
 Dos asperos penedos  
 Veria a fonte clara ir marmurando  
 Per entre alvas pedrinhas dirivada :  
 Veria pelos montes pendurada  
 A sua amada ovelha ,  
 Na manhan clara e pura ,  
 Que deixando dos campos a verdura ,  
 Dera a seu doce canto attenta orelha. \*

\* Um padre muito docto da censoria riscou no manuscripto do *Telemaco*, traduzido per Manuel de Souza, a palavra — *orelhas* — como baixa e deshonorada : mas o capitão que sabía mais portuguez que todo o tribunal, lhe perguntou : — « Que é o que san' Pedro cortou a Malcho em certa noite de agarrção ? — » E o meu censorio ficou como um patinho. • A *orelha* (lhe retrucou o Souza) é membro e soffre córte; e o ouvido é sentido, que não ha hi facalbão de frade que o decepe. •

FRANCISCO MANUEL.

Oh! quem passar soubesse  
 A vida tam quieta, e tam segura,  
 D'ella apartando assi todo interesse,  
 Que nunca em mores cousas a metesse!

Veria a alegre aurora  
 Communicar no campo ás frescas flôres  
 A bella côr que tem na roixa fronte;

Veria d'onde mora  
 Pintadas de subtis e várias côres  
 Na praia conchas mil, flôres no monte!

E quando o sol se esconde no horisonte,  
 As nuvens transparentes  
 Vira na fresca tarde  
 ( Como de noite a luz nos montes arde )  
 Pintar de bordaduras differentes.

O fructo colheria  
 Que por colhêr melhor seu tempo aguarde:  
 E em nada maior gôsto levaria  
 Que em levar o seu gado á fonte fria.

Dera-lhe o campo a vide,  
 Dera-lhe a vide os cachos roixo e verde,  
 E os cachos o liquor gostoso e lindo.

O valle em que reside,  
 Quando o sol da quentura a fôrça perde,  
 Fôra com vagarosos pés medindo.

Canções cantando um'hora, outr'hora ouvindo,  
 N'um gostoso descanso  
 E descansado gôsto  
 Teria todo seu cuidado pôsto



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

Para as pedras buscar que a India manda ;

Nem põe o gôsto breve

No soberbo metal , que nega o fado

A quem trás elle mais trabalha e anda.

Por mais que volte a uma e outra banda ,

O sol não lhe seria

Senão sereno e claro ;

Que mal pôde mudar-se o gôsto raro

De vida que em tam doce paz se cria ,

Por mais que a acommettesse

Com seus tiros mortaes o tempo avaro :

E ainda acertaria se dicesse

Que por mais que a fortuna revolvesse,

Se o vestido lhe falta

De fina prata ornada e d'ouro alheio ,

E as casas de subtil e vária tinta ;

No campo se lhe esmalta

O verde chão de gracioso arreio ,

Que o ceo de suas côres proprias pinta.

E sem que do temor o assalto sinta ,

Ao somno socegado

O convida a corrente

Do ribeiro que corre mansamente

Por entre as hervas humidas do prado.

Se a costumada onzena

A terra lhe negar , tam pouco o sente ,

Que por causa mais grande ou mais pequena

Nunca em si sentiria maior pena.

Quam bemaventurado,

Quam ledo, quam ditoso emfim seria  
 O que mercê do ceo tam grande houvesse,  
 Que so acompanhado  
 Das ovelhas pacíficas, que cria,  
 Na doce solidão viver podesse!  
 E sem buscar no mundo outro interesse,  
 No seguro remanso.  
 Que para si buscasse,  
 Alegre a vida em tanta paz passasse,  
 Que nunca profanara o seu descanso  
 Outra mais grave pena,  
 ( Por mais que a sorte dura salteiasse  
 Com varios casos sua paz serena )  
 Que pezar-lhe da vida ser pequena.

F. A. DO ORIENTE, *Lusitania transformada.*

O Snr. A L. Chezy, professor de lingua e litteratura *sanskritas* no collegio-real de França, e estimavel traductor de varios poemas, entre os quaes se distingue o de *Medjnoun e Leila*, composto no idioma persico per Djamy; e o que mais é, grande admirador do nosso Camões, me asseverou, que tanto n'este poeta, como em Fernão Alvares, se encontram frequentemente as mesmas formulas e colorido de que usam os auctores orientaes.



---

 LYRA.
 

---

## A PRIMAVERA. \*

Já nasce o bello dia,  
 Princípio do verão fermoso e brando,  
 Que com nova alegria  
 Estão denunciando  
 As aves namoradas  
 Dos flóridos raminhos penduradas.  
 Já abre a bella Aurora,  
 Com nova luz, as portas do Oriente;  
 E mostra a linda Flora  
 O prado mais contente

\* O nosso Francisco Rodrigues Lobo, metten-se a fazer um poema epico ; mas pola froxidão de espirito , falta de genio e fôrças , veio a perder aquelle credito, que aliás conseguíra nas *composições humildes e pequenas* , que soube tractar. As suas dés eclogas de versos menores, estimam-se n'aquelle genero, por uma das melhores cousas da Hespanha. Assim este auctor não andara tam corrupto e depravado pela ignorancia typographica !

T. J. DE AQUINO.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



Cantam os ovelheiros,  
Em quanto os gados pascem  
As mimosas ervinhas que renascem.

Sóbre a tenra verdura  
Agora os cabritinhos vão saltando,  
E sóbre a fonte pura  
Passa a noite cantando  
O rouxinol suave  
Com saúdoso accento agudo e grave.

Diana mais fermosa,  
Sem ventos, sóbre as aguas apparece,  
E faz que a noite irosa  
Tam clara resplandece  
Á vista das estrellas,  
Que se envergonha o sol á vista d'ellas.

Tudo n'esta mudança,  
Qual em sua esperança,  
Tambem de novo cobra novo estado,  
E qual em seu cuidado  
Acha contentamento;  
Qual melhora na vida e pensamento.

F. R. LOBO, *Primavera.*

---

**ENDEIXAS.**

---

**LEI DE NAMORADOS.**

Quem poz seu cuidado  
Em pastora loura ,  
Nem veja a lavoura ,  
Nem sirva de arado :

Nem jamais se entregue  
Em lavrar abrolhos ;  
Semeie em seus olhos ,  
E em seus olhos segue.

E se seus amores  
Nasceram de amor,  
Seja lavrador,  
Pois quer lavradores.

Para sustenta-la  
Gaste a vida n'ella ;  
Ou viva de vella ,  
Ou de deseja-la.

Tenha , aonde a tem ,  
A vida e cuidado ;  
Se ella guarda gado ,  
Guarde elle tambem.

No valle, e no monte  
Seja seu vizinho,  
Saia-lhe ao caminho  
No rio, e na fonte.

Traga-lhe das vinhas  
O seu fructo ingrato;  
Quando vem do mato,  
Traga-lhe das pinhas.

Se vem do serviço,  
Traga das montanhas  
As molles castanhas  
No seu crespo ouriço.

Se em monte ou ribeira  
Cria enxame bravo,  
Dê-lhe o doce favo  
Da cresta primeira.

Pardos rouxinoes,  
Ledos passarinhos,  
Lhe traga em seus ninhos  
Quando vem dos boes.

Em quanto a manada  
Anda apascentando,  
Lhe lavre cantando  
A roca pintada.

Quanto ella sustenta,  
Tanto elle sustente;  
E viva contente  
Do que lhe contenta.

Se a côr arenosa



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

---

 LYRA.\*
 

---

## O CONTENTAMENTO.

Eu, Marilia, não sou algum vaqueiro  
 Que viva de guardar alheio gado,  
 De tosco tracto, d'expressões grosseiro,  
 Dos frios gelos, e dos sóes queimado:  
 Tenho proprio casal, e n'elle assisto;  
 Da-me vinho, legume, fructa, azeite;  
 Das brancas ovelhinhas tiro o leite,  
 E mais as finas lans de que me visto.

Graças, Marilia bella,  
 Graças á minha estrella!

Eu vi o meu semblante n'uma fonte;  
 Dos annos inda não está cortado:  
 Os pastores, que habitam este monte,  
 Respeitam o podêr do meu cajado.  
 Com tal destreza toco a sanfoninha,  
 Que inveja até me tem o proprio Alceste:  
 Ao som d'ella concérto a voz celeste;  
 Nem canto lettra, que não seja minha.

\* Tocante ao merito das *lyras* de Gonzaga, leia-se a pagina XLVJ, no primeiro volume d'êsta escolha.

Graças , Marilia bella ,  
Graças á minha estrella !

Mas tendo tantos dotes da ventura ,  
So aprêço lhes dou , gentil pastora ,  
Depois que o teu affecto me segura  
Que queres, do que tenho, ser senhora.  
É bom , minha Marilia , é bom ser dono  
De um rebanho que cubra monte e prado ;  
Porém , gentil pastora, o teu agrado  
Vale mais q'um rebanho, e mais q'um throno.

Graças , Marilia bella ,  
Graças á minha estrella !

Os teus olhos espalham luz divina ,  
A quem a luz do sol em vão se atreve ;  
Papoila ou rosa delicada e fina  
Te cobre as faces , que são côr da neve :  
Os teus cabellos são uns fios d'ouro ;  
Teu lindo corpo balsamos vapora ;  
Ah ! não , não fez o ceo , gentil pastora ,  
Para glória de amor, igual thesouro !

Graças , Marilia bella ,  
Graças á minha estrella !

Leve-me a sementeira muito embora  
O rio sôbre os campos levantado ;  
Acabe , acabe a peste matadora ,  
Sem deixar uma rez , o nedio gado :  
Ja d'estes bens , Marilia , não preciso ;  
Nem me cega a paixão, que o mundo arrasta ;  
Para viver feliz , Marilia , basta



Que os olhos movas , e me dês um riso.

Graças , Marilia bella ,

Graças , á minha estrella !

Irás a divertir-te na floresta ,

Sustentada , Marilia , no meu braço ;

Alli descansarei a quente sésta ,

Dormindo um leve somno em teu regaço :

Em quanto a lucta jogam os pastores ,

E emparelhados correm nas campinas ,

Toucarei teus cabellos de boninas ,

Nos troncos gravarei os teus louvores.

Graças , Marilia bella ,

Graças á minha estrella !

Depois que nos ferir a mão da Morte ,

Ou seja n'este monte, ou n'outra serra ,

Nossos corpos terão, terão a sorte

De consumir os dous a mesma terra:

Na campa, rodeiada de cyprestes ,

Lerão estas oitavas os pastores :

— *Quem quizer ser feliz nos seus amores,*

*Siga os exemplos que nos deram estes. —*

Graças , Marilia bella ,

Graças á minha estrella !



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



**PARNASO LUSITANO.**

**Um triste pastor.**

**Dispuz-me a servir-te,  
Levava o teu gado  
Á fonte mais clara,  
Á vargem e prado  
De relva melhor.**

**Marília, escuta**

**Um triste pastor.**

**Se vinha da herdade,  
Trazia dos ninhos  
As aves nascidas  
Abrindo os biquinhos  
De fome ou temor.**

**Marília, escuta**

**Um triste pastor.**

**Se alguém te louvava,  
De gôsto me enchia;  
Mas sempre o ciume  
No rosto accendia  
Um vivo calor.**

**Marília, escuta**

**Um triste pastor.**

**Se stavas alegre,  
Dirceu se alegrava;  
Se stavas sentida,  
Dirceu suspirava  
Á fôrça da dor.**

**Marília, escuta**

**Um triste pastor.**

**Fallando com Laura,  
Marilia ( dizia );  
Surria-se aquella,  
E eu conhecia  
O êrro de amor.**

**Marilia , escuta  
Um triste pastor.  
Movida , Marilia ,  
De tanta ternura ,  
Nos braços me dêste  
Da tua fe para  
Um doce penhor.**

**Marilia , escuta  
Um triste pastor.  
Tu mesma disseste  
« Que tudo podia  
Mudar de figura ;  
Mas nunca seria  
Teu peito traidor. »  
Marilia , escuta  
Um triste pastor.**

**Tu ja te mudaste ;  
E a olaia frondosa ,  
Aonde screveste  
A jura horrorosa ,  
Tem todo o vigor.**

**Marilia , escuta  
Um triste pastor.**

## LYRA.

## O RETRATO.

Vou retratar a Marilia,  
A Marilia, meus amores ;  
Porém como, se eu não vejo  
Quem me empreste as finas cores ?  
Dar-m'as a terra não póde ;  
Não, que a sua côr mimosa  
Vence o lírio, vence a rosa,  
O jasmim, e as outras flores.

Ah soccorre, Amor, soccorre  
Ao mais grato empenho meo !  
Voa sôbre os astros, voa,  
Traz-me as tinctas do ceo.

Mas não se esmoreça logo ;  
Busquemos um pouco mais ;  
Nos máres talvez se encontrem  
Côres que sejam iguaes :  
Porém não, que em parallelo  
Da minha nympha adorada,  
Perolas não valem nada,  
E nada valem coraes.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

## LYRA.

## TODOS AMAM.

Marilia , de que te queixas?  
De que te roube Dirceu  
O sincero coração?  
Não te deu tambem o seu?  
E tu , Marilia , primeiro  
Não lhe lançaste o grilhão?  
    Todos amam : so Marilia  
    D' ésta lei da natureza  
    Queria ter isenção?  
Emtórno das castas pombas  
Não rulham ternos , pombinhos ?  
E rulham , Marilia , em vão ?  
Não se affagam c'os biquinhos?  
E a próvas de mais ternura  
Não os arrasta a paixão ?  
    Todos amam : so Marilia  
    D' ésta lei da natureza  
    Queria ter isenção ?  
Ja viste , minha Marilia ,  
Avesinhas que não façam

Os seus ninhos no verão ?  
 Aquellas , com quem se enlaçam ,  
 Não vão cantar-lhes defronte  
 Do molle pouso em que estão ?

Todos amam: so Marilia  
 D' ésta lei da natureza  
 Queria ter isenção ?

Se os peixes , Marilia , geram  
 Nos bravos máres e rios ,  
 Tudo effeitos de amor são :  
 Amam os brutos impíos ,  
 A serpente venenosa ,  
 A onça , o tigre , o leão.

Todos amam : so Marilia  
 D' ésta lei da natureza  
 Queria ter isenção ?

As grandes deusas do ceo  
 Sentem a setta tyrana  
 Da amorosa inclinação ;  
 Diana , com ser Diana ,  
 Não se abraza , não suspira  
 Polo amor de Endymião ?

Todos amam : so Marilia  
 D' ésta lei da natureza  
 Queria ter isenção ?

Desiste, Marilia bella ,  
 De uma queixa sustentada  
 So na altiva opinião :  
 Ésta chamma é inspirada



Pelo ceo ; pois n'ella assenta  
A nossa conservação.

Todos amam : so Marilia  
D'êsta lei da natureza  
Não deve ser isenção.

---

## LYRA.

---

## RECORDAÇÕES.

A éstas horas  
Eu procurava  
Os meus amores ;  
Tinham-mè inveja  
Os mais pastores.

A porta abria ,  
Inda esfregando  
Os olhos bellos ,  
Sem flor, nem fita  
Nos seus cabellos :

Ah ! que assim mesmo  
Sem compostura ,  
É mais formosa ,  
Que a estrella d'alva ,



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



De dia em dia ,  
A nossa chamma  
Mais se accendia.

Da mesma sorte  
Que á sua amada,  
Que stá no ninho,  
Fronteiro canta  
O passarinho :

Na quente sésta ,  
D'ella defronte,  
Eu me entretinha  
Movendo o ferro  
Da sanfoninha :

Ella por dar-me  
De ouvir o gôsto ,  
Mais se chegava ;  
Então vaidoso  
Assim cantava :

*Não ~~he~~ pastora  
Que chegar possa  
Á minha bella,  
Nem quem me iguale  
Tambem na estreita :*

*Se amor concede  
Que eu me reclino  
No branco peito ,  
Eu não invejo  
De Jove o leito.*

*Ornam seu peito  
As sens' virtudes,  
Que nos namoram:  
No seu semblante  
As gregas moram.  
Assim vivia:  
Hoje em suspiros  
O canto é mudo...  
Assim, Marília,  
Se acaba todo.*

*GONZAGA, Marília de Dirceu.*

\* Bemque a orthographia que segui nas palavras *sen*, *ornam*, *lan*, etc. seja contrária ás razões que expendeu um habil philologo, e ao dictame, per elle allegado, de Duarte Nunes de Lillo; todavia este modo de orthographar é hoje tam usual nos nossos bons auctores modernos, que não scrupulizei empregar a final *n* em vez de *s*. Entre os dictos auctores escolherei um cuja authoridade não é pequena, e seja Francisco Manuel, na sua ode á *Virtude*, edição primeira:

*Direi cousas mais altas  
Que descreida não pense a Inquidade.  
Mas que da sua virtude foram dignas.*

Mais lugares podera eu citar, em que *eth* e *entros* abalissados legembos, cecreveram *van*, *lan*, *lman*, etc. com *n*.

---

**CANÇONETA.\***


---

**A VISÃO.**

N'uma selva alcatifada  
 De graminea felpa viva,  
 De altos freixos sombreiada,  
 Entre os quaes sonora e esquiva  
 Se deriva

Um arroio transparente,  
 Entro, n'uma sesta ardente.

D'entre uns myrthos apinhados,  
 Que na margem floreciam,  
 Aos ouvidos incantados

\* *Le talent de Domingos Maximiano Tôrres est moins élevé, moins grand que celui de Francisco Manuel, de Diniz et de Garção; mais il les égale en grace, en élégance, et peut-être il les surpasse en pureté. On a de lui des odes tant pindariques qu'à la manière d'Horace; quelques dithyrambes où l'on trouve beaucoup de verve; des cantates du meilleur goût, des chansonnettes, et des sonnets.*



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

Escutava o verso brando,

E admirando ;

Que no seio me adormenta

A tristeza macilenta.

N'isto baixa ao prado hervoso

De atros gansos banda ingente ,

Cérca o cysne sonoro,

E á porfia derepente

Roucamente

A grasnar começa emroda ,

Atroando a selva toda.

Segue o cysne o doce canto ,

Nem dos grasnos cura nada ;

Ri-se a Nays, que ouvia emtanto

Sôbre a agua prateiada

Reclinada.

Na accepção de *cousa formosa* ou *viva* , Valerio Flaco , quando dtsse :

*En frigidus orbes purpureos jam somnus obit.*

Por *cousa brilhante* e *nítida* , Albinovan , el. II , vers. 62 :

*Brachia purpurea candidiora nive.*

E o grande Horacio , fallando dos cysnes do carro de Venus , liv. IV , od. I , vers 10 :

. . . . . *Purpureis ales oloribus* , etc.

O AUCTOR.

**Assoviam\* os malinos**  
**Brincões satyros caprinos.**  
**De íra cheios e despeito**  
**Vejo os gansos presumidos**  
**Refrear no imo peito**  
**Os seus grasnos de corridos ;**  
**E incendidos**  
**Voam onde pantanosa**  
**Corre a lympha mais lodosa.**  
**Com o bico o lodo volve**  
**A maldicta praga immunda ;**  
**E depois que se revolve ,**  
**Corre ao cysne , e furibunda**  
**Todo o inunda ,**  
**Em soante revoada ,**  
**Da escorrente agua enlodada.**  
**Mas o cysne mal se olhou**  
**Tódo esqualido e nojoso ,**  
**Na corrente mergulhou ,**  
**E surdiu alvo e lustroso**  
**Do asqueroso**  
**Bando iniquo triumphante,**  
**Que ao ceo voa trepidante.**  
**Torna ao canto o cysne quando...**  
**(De pavor inda estremeço !)**

\* A plumbea pélla mata, -o brado espanta ;  
 Ferido o ar retumba e *assovia*.



Dizei vós o caso infando,  
Claras deusas do Permesseo:

Ah! conheço

Que me ouvís! já furia ingente  
Me estimula a accessa mente.

Quando um drago de improviso,  
Que de verde e azul se esmalta,  
Colleando, vir, diviso  
De uma brenha spessa e alta:

Já lá salta.

Sobre o cysne desgraçado,  
De horror preso e arripiado.

Deixa, vendo-o, as selvas frias  
Toda a ave, a fera a toca.  
Enroscou-se; e as leves guias  
Lhe arrancou co'a ímpia boca.

Eis suffoca,  
Recrescendo em tortos nós,  
Ao cantor a flebil vós.

N'agua a face peregrina  
Escondeu a Nays chorosa;  
N'isto baixa repentina  
Sobre a face sanguinosa,

Generosa

Aguia, a quem dobra a floresta  
A frondosa altiva testa.

Solta o cysne, e logo logo  
O dragão sai a encontrála;  
Meio se ergue, e pestè e fogo



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



Aurea tella

Lhe orna o corpo delicado ;  
Prende a coma ouro gemmado.

C'um andar cheio de graça  
Vem o cysne demandando ;  
Recende o ar per onde passa ;  
E debaixo do pe brando ,

Vão brotando

A cecem , o lirio , a rosa ;  
Vergonteia a estirpe annosa.

Chega ; e o cysne lastimoso  
Juncto ao seio terna amima ;

O calor prodigioso  
Os espiritos lhe anima.

Ja sublima

Mais que outrora denodado  
O, télli, cóllo inclinado .

Larga-o a nympha ; elle veloz  
Vai para a aguia eximia, e quando  
Se avizinha , sólta a voz  
Sons divinos gorgeando ,

Grata honrando

A rainha sua cára ,  
Que a ouvi-lo, ás vezes, pára.

N' isto aos ares se remonta  
N' uma nuve a nympha bella ,  
A aguia a segue em vôo prompta ;  
Nem no alcance muito anhella :

Atrás d'ella

Bate o cysne as ermas vias  
Co' as possantes novas guías.

Deixo absorto o bosque horrendo,  
E a Damon narro o portento:  
Damon do Erebo tremendo  
Traz á luz, c'o mago accento,  
Manes cento;

Deduz Trivia do alto ceo;  
E ao futuro rasga o veo.

Mal me ouviu, ao ceo levanta  
O seu vulto venerando;  
Vozes barbaras descanta;  
E depois cabeceando,

Abaixando

Para mim os olhos ledos,  
Sólta a voz a taes segredos:

« N'um altar de terrão vivo  
Líba a Delio e ás Camenas;  
Do jacintho è louro esquivo  
Engrinalda-o, e das verbenas

Mais amenas:

Dadiva é sua mimosa  
A visão da selva umbrosa.

Sim, tu es do fulvo Tejo  
Um dos cysnes sonoros: #  
De atros gansos bando eu vejo,  
De teus cantos invejosos,  
Presumpçosos

Pretender tornâr-te mudo \*  
Com o crebro grasno rudo.

Eis lhe impõe silencio duro  
O geral escarneo, e enfreia :  
Em vão chama o aleive impuro,  
Que a candura que te arreia ,

Embaceia :

Da verdade a luz embreve  
Lhe dissipa a sombra leve.

Inimiga fera e válida ,  
Do imo Tartaro brotando,  
A pobreza, serpe erquálida ,  
Te suffoca o canto brando ,

Decotando

Do talendo as azas promptas ,  
Com que ao Pindo te remontas.

Ja de heroes ninho fatal  
( Nas estrellas vejo scrito )  
Manda ao ceo aguia caudal,  
O esplendor olhando avito

Fito a fito :

\* De ti fallo, Alcippe bella,

\* Ha certos criticos, que em tudo poem pecha ; e que não escrevendo elles, nem sendo capazes de escrever cousa que se leia, querem impedir que os outros escrevam. Que parecidos que são com o cão da fábula, que nem come, nem deixa comer !..

FRANCISCO MANUEL.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

## PARNASO LUSITANO.

Tu do universo os ambitos alargas,  
E o povôas de novos moradores;  
Fazes surgir, dos golphãos do atro chaos,  
Mil novas fórmãs, mil variados entes;  
E, aos que eram meros sonhos; turpa informe,  
Tu lhes dás corpo, dás acção, dás vida.  
Eu vejo (se tu queres, e se volves  
Da magica poesia a hardida vara)  
Mover-se os troncos, condoer-se as penhas;  
Os tigres se humanar, parar os rios;  
E debruçar-se sobre as verdes urnas  
Para te ouvir cantar novos prodigios  
Semelhados aos que, n'essa era, obrara  
A musa grega, quando Homero pinta  
As trípodas, per si aos templos indo,  
E os carvalhos de Dódona, que fallam.

FRANCISCO MANUEL.

---

 ENDEIXAS.
 

---

## A MORTE.\*

Pesado alfange , golpe fero,  
 Es da doença , ou es da morte ?  
 Eu me resigno, e firme espero  
 O derradeiro fatal corte.

Tu, leve sópro , intendimento,  
 Alma immortal, per onde andavas ?  
 Qual luz de vela exposta ao vento,  
 Me pareceu que te apagavas.

Se a vida so vira extinguir!...  
 Ah ! que é a vida, e o mundo ? nada.

\* *Les poésies de José Anastacio da Cunha, recueillies en 1788, n'ont, je crois, jamais été imprimées ; j'en ai eu le manuscrit entre les mains, et loin d'en découvrir rien de cette sécheresse, de ce manque d'élan et d'imagination qu'on pouvait supposer être le résultat d'une longue application aux sciences exactes, je suis frappé de leur douce rêverie, de leur sensibilité et sur-tout de cet accent mélancolique qui semble propre à la poésie portugaise, entre toutes les langues du midi.*



Mas ver-se uma alma dividir  
Mais que de si , da sua amada !

Morrer, e sem ao meu incanto  
Podêr mostrar o affecto meu !  
Ah ! sem podêr mostrar-lhe o quanto  
Sou todo inteiramente seu !

Ah ceos !... porêem,— eu me resigno.....  
Mas se aqui findo os dias meus,  
Oh ! algum zephyro benigno  
Ao meu amor leve este adeus.

Adeus , objecto idolatrado  
Do mais intenso e puro amor !  
De amor tam doce , acerbo fado  
A gentil planta sega em flor.

Adeus , adeus ! sabe que em quanto  
O espirito ou corpo existe , é teu :  
Vive feliz, tam feliz quanto  
Se fôras minha, ou fôras eu.

Mas para mim o agudo estoque,  
Furiosa a dor torna a apontar ;  
Desfeito em sombra ao fino toque  
Tudo de mim vejo afastar.

È tu , essencia incomprehensibil,  
Tu do universo ou alma ou rei,  
Patente em tudo e invisibil,  
Em quem um pae, creio, acharei ;

Levo a teus pés , qual m'ò entregaste,  
Simples e humano , o coração ;  
Amor ao bem , qual me inspiraste ;



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



---

# A CREAÇÃO

## DA

### MULHER.

Ja tinha o mundo  
Jove formado,  
E rei de tudo  
O homem creado;  
Mas solitario  
Este se achava :  
Brusca tristeza  
O dominava.

Com mão profusa  
A natureza  
Em vão mostrava  
Sancta belleza !

Cantavam aves ,  
Bulia o vento :  
Tudo infundia  
Contentamento.

Flórido o valle  
Reverdecia :  
De aromas mil  
O ar se enchia.

**Manhan serena  
Leda brilhava :  
Manto de estrelas  
A noite ornava.**

**E todavia ,  
Qual duro tronco ,  
O homem jazia  
Sisudo e bronco.**

**Covas escuras ,  
Matta enredada ,  
N'ellas fazia  
Sua morada.**

**No solio eterno  
Jove sentado ,  
Então aos deuses  
Falla pousado :**

**« Mortal soberbo  
C'o intendimento ,  
Sondar pretende  
Mysterios cento.**

**So , pensativo  
Se desalenta :  
Do mundo inteiro  
Nada o contenta.**

**Eu distraí-lo  
Quero piedoso ;  
Beha sua alma  
Nectar gostoso. »**

**Fórma então Jove** .

Nova creatura;  
De Venus bella  
Fiel pintura.

Esbelto talhe,  
Menelo brando,  
Mil amorinhos  
Vão rebanhando!

De ouro madeixas  
Ao vento sôltas,  
Ameigam feras,  
Que andam revôltas.

Os cupidinhos  
Dos verdes olhos  
Duros despedem  
Settas a molhos.

Covas da face  
Branca e rosada,  
Vós sois das graças  
Gentil morada!

Vozes suaves,  
Que as almas prendem,  
De fio em fio  
Dos beijos pendem.

Ah! são seus labios  
Fontes de vida!  
Em neve pura  
Roman partida!

As alvas tétas  
De marfim puro



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

---

**A FLOR SAUDADE.**

---

Vem cá , minha companheira,  
Vem , triste e mimosa flor,  
Se tens de saudade o nome ,  
Da saúde eu tenho a dor.

Recebe este frio beijo,  
Beijo de melancholia ,  
Tem d'amor toda doçura ,  
Mas não o ardor d'alegria.

Onde te pegou Marília?  
Dize, onde um beijo te deu ?  
Mostra o lugar, n'elle quero  
Dar-te eu outro beijo meu.

Se Marília quer que exprimas  
O qu'ella sente por mim ,  
Porque murchas? Não me lembres  
Que amor também passa assim.

Marília em tudo te iguala  
Linda e delicada flor,  
Mas infeliz se em seu peito,  
Quanto duras, dura amor !

Tu venturosa cuidavas,  
Quando o meu bem te colheu ,

**Que morreras em seu seio ,  
Qual morri outrora eu.**

**Longe d'haste , em que Favonio  
Ia contigo brincar,  
Em vez de orvalho , te sentes  
So de lagrymas banhar.**

**Flor infeliz!... porém eu  
Quanto mais infeliz sou !...  
Nada te disse Marilia  
Quaúdo ella a mim te enviou ?**

**Ah ! se tu saber poderas  
Quanto amor, quanta ternura ,  
Se souberas das delicias ,  
Julgaras da desventura.**

**Mas que digo ! não me creias ,  
Não me vas atraiçoar,  
Saúdade , é crime d'amor  
Seus mysterios divulgar.**

**BOBENS DE BARROS.**



---

# IMPROVISO

## À MORTE DE SOCRATES.

---

### MOTE.

*Terá fim, mas não sei quando.*

Socrates, rei da razão,  
Empunha a fatal cicuta,  
E da morte á extrema luta  
Não lhe treme o coração:  
Supportou-lhe a gradação  
Com um ar sereno e brando;  
Dos discipulos ao bando  
Disse : « eu morro, e não me queixo;  
E a memoria, que vos deixo  
*Terá fim, mas não sei quando. »*



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



**E até na injustiça querem  
Dar a vida polo rei.**

**Cai o môço miserando  
Sôbre as barbaras areias ;  
Rebenta o sangue das veias  
Inda victoria anhelando.  
Ferreo jugo, intruso mando  
Nos turva os annaes lustrosos :  
Serie de tempos nublosos ,  
Que a Roma çadeias lança ,  
( Bemcomo os da glória ) herança  
*É dos lusos valorosos.***

**Rompe enfim de Lysia o somno  
Alto impulso repentino ;  
E o renovo Bragantino  
Reluz no remido throno.  
Oh Lusos ! celeste abono  
Verificae , merecei ;  
Duro assalto removei :  
Jus vos dão para a victoria  
Um Deus , a razão , a historia ,  
*Character, costume e lei.***

**BOCAGE.**

## DECIMAS.\*

Feriu sacrilega espada,  
Alçada per mão traidora,  
Cabeça, que sempre fora  
Té ós barbeiros vedada:  
D'entre a grenha profanada  
Corre o sangue á terra dura:  
Tosquiou-se a matadura;  
E o casco rebelde a ordens,  
Precisou d'éstas desordens  
Para ter prima tonsura.

Feroz soldado imprudente,  
Que nova espada esgrimiu,  
Foi o ímpio que feriu  
Ésta víctima innocente!  
A quem do golpe insolente  
O motivo lhe procura,  
Diz « que fez compra segura;  
Pois duvidoso na escolha,

\* Foram feitas a um leigo que era vesgo, que nunca teve fastio, e a quem, per acaso, locou na cabeça a ponta de um espadim.

Quílz ver que tal era a folha  
Cortando per cousa dura.»

Homem de tenção damnada,  
So tu conseguiste o fim  
De entrar o teu espadim  
Aonde não entra nada:  
Da repentina estocada  
Cai o padre desmaiado;  
Mas quando recuperado  
A ti os olhos volven,  
Sabes o que te valeu?  
Foi teres ja almoçado.

Todo o mundo te pragueja,  
Porque em detestavel guerra  
Ias deitando per terra  
Ésta columna da igreja:  
Mas se triumphasse a inveja  
E o padre morresse então,  
Dize, ó ímpio coração,  
Que tanto em furor te atissas!  
Quem adjudaria ás missas?  
Quem tocaria ao sermão?

Quem nos daria a certeza  
De haver outro homem sisudo,  
Que podesse comer tudo  
Quanto se puzer na meza?  
Da próvida natureza  
Quem havia as leis seguir?  
Observante em digerir



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

---

**Odes.**


---

**ODE I.\***


---

**À LINGUA PORTUGUEZA.**

Fuja d'aqui o odioso  
 Profano vulgo ; eu canto  
 A brandas musas, a uns spritos dados  
 Dos ceos ao novo canto  
 Heroico e generoso,  
 Nunca ouvido dos nossos bons passados.  
 N'este sejam cantados  
 Altos reis , altos feitos ;

\* Se mais te incanta harmonicos accentos  
 Ouvir da eburnea lyra , não te cance  
 Meu Ferreira outra vez ouvir, que sóta  
 Os hymnos de Callímaco , cantando ,  
 E o *sprito venusino* resuscita.

A. R. DOS SANTOS.

Costume-se este ar nosso á lyra nova:

Accendei vossos peitos,

Ingenhos bem criados,

Do fogo qu' o mundo outra vez renova.

• Cadaum faça alta prova

Do seu sprito em tantas

Portuguezas conquistas e victorias, \*

De que ledó t'espantas

Oceano, e dás por nova

Do mundo, ó mesmo mundo, altas historias.

Renova mil memorias

Lingua, ós teus esquecida, \*

Ou por falta d'amor, ou falta d'arte;

Sê para sempre lida

\* Desprezava-se então a lingua vulgar; e pela maior parte os versos que se compunham eram em alguma das estranhas, especialmente na latina. Antonio Ferreira não se deixou porém, n'êsta parte, levar da torrente do uso; de maneira, que em toda a vida *dando* (como na elegia sôbre a sua morte diz Diogo Bernardes) *á patria tantos versos raros, um so nunca lhe deu em lingua alheia*. O seu Horacio, e Francisco de Sá de Miranda (oraculo da discrição n'aquella idade) o fizeram capacitar de que so na propria lingua (cujá harmonia unicamente nos póde ser assás conhecida) se deve poetar. Ésta verdade seguida commummente hoje dos melhores poetas em todas as nações, e sustentada pelos criticos de maior nome, achava então na authoridade de tantos illustres poetas (que dentro e fóra de Portugal practi-



Nas portuguezas glorias,  
 Qu'em ti a Apollo honra darão e a Marte.

A mi pequena parte  
 Cabe inda do alto lume  
 Igual ó canto o brando amor so sigo  
 Levado do costume.

Mas inda em algũa parte  
 Ah Ferreira (dirão) da lingua amigo! \*

cavam o contrario com toda aquella perfeição a que se chega de similhante modo) uma consideravel opposição. Mas nem ésta o acobardou, nem inda a teve em 'tal conta, que sequer o obrigasse a guardar sòbre ésta materia algum recatado silencio. A razão era para com elle de maior pèso que toda a fôrça dos exemplos; os quaes so attendia, quando aquella lhes servia de fundamento.

PEDRO JOSÉ DA FONSECA, *Vida de Ferreira.*

\* Disse-o depois Francisco Manuel n'este verso:

Bom Ferreira, da nossa lingua amigo!



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



-Caíndo rega a terra ,  
 Agua ja clara , à cujo som dormece \*  
 Toda fera serpente, e o myrtho crece.

Renasce o mundo, e torna á fôrma nova  
 Do seu dia primeiro : o sol mais puro

Sua luz nos renova ,  
 E afugentando vai o inverno escuro.

O monte calvo e duro,  
 O valle , d'antes triste , e turvo rio ,

Ar tempestoso e frio ,

Os tornam graciosos

Aquelles amorosos

Olhos de Venus , faces de Cupido,  
 Creando em toda parte um Chypre um Gnido.

Ja deixa o fogo o lavrador ; ja o gado,  
 Da longa prisão sôlto, corre e salta

Roendo o verde prado ;

Nem agua clara , nem verdura falta.

Eis tira da árgyre alta

Ou Progne com seu ninho, ou Philomena

Tityros; e inda sem penna

Cria a tenra ave ledo ,

Por esperar que cedo ,

De seu fermoso dom Cloris vencida ,

Não soffrerá ser d'elle em vão seguida. \*\*

Agora nós tambem nos coroemos,

\* Por *adormece*.

\*\* Como é bella esta pintura!

Ó claro Antonio!\* de hera e myrtho e louro,  
 E mil odes cantemos  
 Á branda Venus, mil a Apollo louro,  
 Que com seu raio de ouro  
 A escura nuve do teu peito aclara.  
 Ah! quanto suspirara!  
 Ah! como desfazendo  
 Em tenro pranto, e erguendo  
 Os olhos a ti, Phebo, Nise triste  
 Chamar, ó sol! ó sol! com mágoa ouviste!  
 Olho claro do ceo, vida do mundo,  
 Luz que a lua e estrellas alumias,  
 Ó movedor segundo .  
 De quantas cousas ca na terra crias,  
 Crespo Apollo, que os dias  
 Trazes fermosos, e as douradas horas!  
 La d'ess'alto onde moras  
 Com tua luz clara e santa,  
 Que o mau Saturno spanta,  
 Torna a Antonio e conserva a luz primeira;  
 Do puro sangue a còr e a fôrça inteira.  
 Os mais brandos liquores, suaves çumos  
 Das mais saudaveis plantas busca; e colhe  
 Os mais cheirosos fumos  
 Que Arabia em si, em si Sabá recolhe:  
 Faze que, ondequerque olhe  
 O teu bom Sá, prazer e riso e canto

\* Antonio de Sá de Menezes.

Veja : oh Phebcus a quem tanto  
 Teu claro lume adora ,  
 E ao Douro , que inda chora  
 Do seu passado mêdo a viva magoa ,  
 Não negtes a um san vida, a outro clara agoa.  
 A vida foge como ó sol a sombra : \*  
 Quem podér viva , em quanto um' hora tarda ;  
 Hora que spanta e assombra ;  
 Nem escusa recebe , ou ponto aguarda.  
 Quem sua vida guarda  
 Para outro dia ? quem no leve vento  
 Faz firme fundamento ?  
 Anda o ceo , volve o ano ,  
 Mostrando o desengano  
 D'êsta vida inconstante, e emfim mortal,

\*Que nobre companhia me não fazem  
 O docto Sá , o inclyto Ferreira ?  
 Que solidas sentenças , que virtudes ,  
 Que gran' philosophia me apresentam ?  
 Não essas de theoricas altivas ,  
 Que ignotas regiões , ínvias veredas ,  
 Sem prumo e lastro vagabundas correm ;  
 Mas práctica , e segura e certa guia  
 Na carreira da vida : quando os ouço ,  
 Que conselhos , que maximas prudentes ,  
 Que regras sociaes d'elles aprendo ?  
 Tam alta , tam christan philosophia  
 Trasluz nas suas obras , nos seus dictos ,  
 Que outro em Lysia não acho mor, do que elles.

A. R. DOS SANTOS.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

particular, possuía mais talentos; e a sua imitação era mais phantastica do que a d'aquelle poeta, a quem teve por modelo na concisão do estylo, e na estructura do hendecasyllabo, metro de que mais usou. Elle foi o primeiro, que depois de aperfeiçoar a *elegia*, a *carta Horaciana*, ja tractadas pelo Sá de Miranda, deu á poesia portugueza o *epigramma*, a *ode*, o *epithalamio*, e a *tragedia*. A grande lição que teve de Horacio, e o desejo de seguir as pizadas do poeta Miranda, cujo credito lhe tinha conciliado a maior estimação, não so em Portugal, mas em toda Hespanha, e a severidade natural de seu ingenho, lhe fizeram conceber um gosto particular pola concisão no estylo com tal excesso, que quasi sempre sacrifica a harmonia ao pensamento. Este poeta inteiramente se consagrou á *poesia util*; e é o unico dos nossos, que não tem *ninharias canoras*: depois de Camões, elle foi o que mais enriqueceu o idioma, não so polo seu pensar sublime, mas tambem pelo que imitou dos Gregos e Latinos, em cujas linguas era doctissimo. Em todas suas obras resplandece a razão acompanhada de uma profundidade de pensar, que faz o principal distinctivo de seu character. As suas pinturas são graves, mas um tanto mesquinhas: a sua expressão, mais forte que suave, é muito animada, é cheia d'aquelle fogo, que eleva, que educa o espirito, e move o coração. Elle foi o primeiro de nossos poetas, que uniu a poesia de imagem á de sentimento, que conhecea a verdade, e a fôrça do *utile dulci* do lyrico latino; e que lançou os fundamentos da poesia tragica, de que tam pouco se tem aproveitado os que depois vieram.

## ODE I.\*

Pierides sagradas,  
Em vindo o claro dia,  
Que com justa alegria  
Celebreis, d'hera e louro coroadas;  
E em danças concertadas,  
A som de concertados instrumentos,  
Em nossas claras fontes,  
Ribeiras, valles, prados, bosques, montes,  
Mostreis mil sentimentos  
Alegres, com alegres movimentos:  
Ésta é aquella ditosa  
Luz clara, em que nasceu  
Quem vos mais alto ergueu,

\* As *odes* de Caminha são dignas de aprêço, porque são mais bem pensadas e escriptas que tudo o mais. Talvez que ellas fossem emendadas per Ferreira, ou Sá de Miranda, a quem elle tinha por mestres: ou talvez que o terceto (metro de que mais usou nas outras composições) fosse causa da impureza de seu estylo; por ser aquelle o mais difficil de todos os metros. A ode aos annos do poeta Miranda é bella. O mesmo se deve dizer da ode ao poeta Ferreira: todas as mais são geralmente bem escriptas, e honram a poesia portugueza.

F. D. GOMES.



Que toda antiguidade tam famosa;

Ésta é aquella fermosa

Luz , que té-gora mais vos lumicu ;

Que ó mundo deu o divino

Francisco,\* e co' elle ingenho peregrino,

Com que té o ceo se alçou ,

E a nós, e á patria , e lingua tanto honrou.\*\*

Sempre este dia tereis

Por nossa maior gloria;

Este é cuja memoria

Devidamente sempre cantareis ;

Este levantareis

Em alto, em desusado, em grave canto;

Memoria merecida

Ó rarissimo ingenho tam devida ,

Que com glória e spanto

Vosso, tem dado ó mundo de si tanto !

Ja tudo stá mostrando

De vos ouvir desejo ;

O vento que sobejo.

\* Francisco de Sá de Miranda.

\*\*Tractou antes de conceitos e substancia, que de termos vãos e pomposos; spanto de principiantes, ridiculos e inuteis aos que melhor intendem; guardando, todavia, com tammanho rigor as regras da arte, que os que attentamente o passarem, não lhes ficará necessidade de ler em as poeticas de Aristoteles e Horacio; que elle, parece, não largava da mão.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



Te tenham tam seguro  
 Como té-qui ( nossa honra ) te tiveram :  
 Os annos que te speram  
 Sejam inda outros muitos ; e tais sejam ,  
 Quais todos desejamos  
 Os que d'alma , tua alma , e vida amamos ;  
 E glorioso te vejam  
 Em si depois os ceos que te desejam .

---

## ODE II. \*

Ferreira ( direi ) meu ;  
 ( Licença da amizade  
 Que tanto de verdade  
 Me tem feito outro tu , e a ti outro eu )

\* O poeta Caminha sobreviveu muito a Camões ,  
 de quem nenhuma menção fez , ou por inveja , ou  
 por não render tributo aos talentos postos em um su-  
 jeito tam pobre de fortuna , quam rico de mereci-  
 mento ; quando per outra parte vemos que larga-  
 mente prodigalisou louvores a outros , que nunca  
 foram conhecidos , nem mereciam só-lo , como Luis  
 Pereira de Castro , auctor da *Elegiada* ; obra a mais  
 infeliz que se conhece d'aquelle tempo , a qual ( por  
 supersticiosa veneração ao seculo em que appare-  
 ceu ) foi publicada ha poucos annos .

F. D. GOMES.

Se a um amigo teu ,  
 Amigo em tudo puro ,  
 Queres ouvir seguro ,  
 Ouve-me agora um pouco ;  
 Mas ja ante ti me vou fazendo rouco.

De tua doce lira  
 O grave e brando som ,  
 Dos ceos tam rico dom ,  
 Por quem triste o Mondego ora suspira ;  
 Que sempre o Tejo ouvira ,  
 Se tanto merecera  
 Que sempre te tivera ,  
 Não se cale tam cedo,

Va fazendo, a todo outro, spanto e medo.

Foi-te Apollo creando  
 Entre as musas mimoso,  
 Em ti um milagroso  
 Ingenho, um alto stylo ó mundo dando !  
 Per suas mãos regando  
 No seu mais alto monte  
 Da sua mais clara fonte  
 Vai seu amado louro,  
 Pera em ti mostrar co'elle seu thesouro.

Indaque ja mostraste  
 ( Teu verso é signal claro )  
 Próva do ingenho raro  
 Com que ja té o ceo te levantaste ;  
 Com que te ja mandaste  
 Té o oriental Indo ,

Não deves ir fugindo  
Tam cedo á honra grande  
Qu'inda sperâmos que em ti o ceo nos mande.

Minerva que assi te ama,  
Que em teu (so teu) sprito  
Mostra o sen todo scrito,

De novo, a novos versos, ja te chama :

Que grande, que alta fama  
Se vai de ti stendendo !

Quanto irá mais crecendo

De ti, da patria e lingua,

Se teu canto (ah não seja) em ti não mingua !

Olha o menino cego,

Qu'em teu peito assentado,

Quer ser de ti cantado

Ora em repouso, ora em dessocego:

Diga-o ten Mondego,

Que ja cantar te ouviu,

Ja chorar te sintiu,

Tudo em canto e som dino

De s'esquecer por elle o peregrino.

Mas essa phantasia

( Culpa do tempo e terra

De bons ingenhos guerra )

Te desfaça o cuidado que te guia,

Que toda a noite e dia

Te tem de ti esquecido,

De tudo aborrecido,

A que deves mil cantos



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

randa, Ferreira, Bernardes e Camões, poetas doctísimos, ainda se eleva, ainda se mostra algum tanto mais limpo de corruptelas; mas logo que se entrega a si mesmo, claudica a cada passo na pureza da phrase; porque usa de muitas construcções afastadas do systema de nossa syntaxe; e na harmonia, porque contrahe muitas vezes tres e quatro vogaes, e tambem consoantes. Renovou igualmente certos archaísmos, de que todos os bons escriptores de seu tempo, e inda anteriores a elle, se tinham abstido; como foi terminar em *on* a particula *não*; a primeira pessoa do presente indicativo do verbo substantivo *ser* em *ão*; servir-se de diphtongos rudes, v. g. *poude* em vez de *póde*; e na concordancia do genero e número dos participios nos perfeitos compostos, usar do idiotismo francez admittido na lingua antiga, como se ve n'estes versos:

Ingrato Eneas, que entregaste ao vento

As palavras, e as naus que tinhas *dadas*.

Formula que não agradou ao gosto portuguez, que absolutamente o baniu de sua syntaxe.

F. D. GOMES.

---

**ODE I.\***

**Póde um desejo immenso**  
**Arder no peito tanto ,**  
**Que abranda e a viva alma , o fogo intenso ,**  
**Lhe gaste as nodos do terreno manto ;**  
**E purifique em tanta alteza o sprito**  
**Com olhos immortaes ,**  
**Que faz que leia mais do que ve scrito.**  
**Que a flamma que se accende**  
**Alto, tanto allumia ,**  
**Que se o nobre desejo ao bem se stende,**  
**Que nunca viu , o sente claro dia ;**  
**E la ve do que busca o natural,**  
**A graça , a viva côr,**

*\*As odes de Camões, ou são eroticas ou mythologicas, afora duas dirigidas a dous grandes. N'ellas não direi que mostra o poeta a impetuosidade de Pindaro, ou a valentia que se admira em algumas odes de Horacio; mas as graças felices, que fazem o merecimento de outras no vate latino, se encontram tambem nas de nosso Homero. O espirito da poesia romantica dos trovadores é n'estas modificado com um gosto mais classico e puro. Todas ellas apresentam logares de uma grande belleza, quer pela melodia da poesia, quer pela viveza dos sentimentos.*

**J. M. DE SOUZA, *Vida de Camões.***



N'outra espécie melhor que a corporal.

Pois vós ó claro exemplo

De viva fermosura,

Que de tam longe ca nóto e contemplo \*

Na alma, que este desejo sobe e apura;

Não creais que não vêjo aquella imagem

Que as gentes nunca vêem,

Se de humanos não teem muita vantagem.

Que se os olhos ausentes

Não vêem a compassada

Proporção, que das côres excellentes

De pureza e vergonha é variada,

Da qual a poesia que cantou

Até-qui so pinturas

Com mortaes fermosuras igualou:

Se não vêem os cabellos,

Que o vulgo chama de ouro;

E se não vêem os claros olhos bellos

De quem cantam, que são do sol thesouro;

E se não vêem do rosto as excellencias,

A quem dirão que deve

Rosa e crystal e neve as apparencias?

Vêem logo a graça pura,

A luz alta e severa,

\* Foi escripta em ausencia, na qual so em vivas representações da imaginação via o poeta a sua amada.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# **SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS**

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



D'onde póde aprender-se fermosura.

Aquelle não sei que ,

Que aspira não sei como ;

Que invisibil saíndo , a vista o ve ;

Mas para o comprehender não lhe acha tomo ;\*

E que toda a toscana poesia ,

Que mais Phebo restaura ,

Em Beatriz , nem Laura nunca via :

Em vós a nossa idade ,

Senhora , o póde ver ,

Se ingenho , se sciencia e habilidade ;

Iguaes a vossa fermosura der ,

Qual a vi nó meu longo apartamento ;

Qual em ausencia a vejo :

Taes azas dá o desejo ao pensamento !

Pois se o desejo afina

Uma alma accesa tanto ,

Que por vós use as partes da divina ;

Por vós levantarei não visto canto ,

Que o Bethys me ouça , e o Tybre me levante :

Que o nosso claro Tejo ,

Involto um pouco o vejo e dissonante.

O campo não o esmaltam

Flôres , mas so abrolhos

O fazem feio ; e cuido que lhe faltam

Ouvidos para mi , para vós olhos :

Mas faça o que quizer o vil costume ,

\* Substancia , importancia , momento , etc.

Que o sol, que em vós está  
Na escuridão dará mais claro lume.



ODE II.\*

Fogem as neves frias  
Dos altos montes quando reverdecem  
As árvores sombrias;  
As verdes hervas crecem,  
E o prado ameno de mil côres tecem.  
Zephyro brando spira; \*\*  
Suas settas amor afia agora;

\* Camões descreve n'esta ode a entrada da primavera, e logo o estio, o outono, e o inverno, e como estas estações se vão successivamente seguindo uma a outra; tirando d'esta vicissitude e constante mudança, uma moralidade verdadeira da pouca duração da vida humana e prosperidades do mundo. Emfim é esta ode uma imitação (em parte traducção) da ode VII do livro IV de Horacio.

T. J. DE AQUINO.

\*\* *Sopra* — Ja Ferreira, antes de Camões, tinha usado d'este termo, com igual significado, no soneto XXVIII.

. . . . Brandos ares amorosas  
Virações spirando, as mais irosas  
Ondas, n'aquella parte, assocegavam.

Progne triste suspira ,

E Philomela chora :

O ceo da fresca terra se namora.

Ja a linda Cytherea

Vem do côro das nymphas rodeiada :

A branca Pasitea

Despida e delicada ,

Com as duas irmans acompanhada.

Em quanto as officinas

Dos Cyclopas Vulcano está queimando,

Vão colhendo boninas

As nymphas , e cantando ;

A terra co'o ligeiro pe tocando.

Desce do aspero monte

Diana , ja cançada da espessura ,

Buscando a clara fonte ,

Onde, por sorte dura,

Perdeu Actéon a natural figura. \*

Assi se vai passando

A verde primavera, e o sêcco estio ;

O outono vem entrando ,

E logo o inverno frio ,

Que tambem passará por certo fio.

Ir-se-ha embranquecendo \*

\* Este celebre caçador, dando uma occasião de subito com Diana no banho, a deusa, encholerisada, o metamorphoseou em veado , e seus proprios cães o devoraram.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

O bem que aqui se alcança  
 Não dura por possante, nem por forte :  
 Que a bemaventurança  
 Duravel, de outra sorte  
 Se ha de alcançar na vida para a morte.  
 Porque, emfim, nada basta  
 Contra o terribil fim da noite eterna;  
 Nem pôde a densa casta  
 Tornar á luz superna  
 Hippolyto \* da escura sombra averna.  
 Nem Theseu esforçado,  
 Ou com manha, ou com fôrça valorosa,  
 Livrar pôde o ousado

a Solon. — *Que nenhum homem se devia dar por ditoso antes da morte.* — Com isto se compadeceu Cyro, perdoou a Cresso, e o fez governador d'uma provincia consideravel.

A. PEREIRA, *Compendio das epochas.*

\* Phedra, madrasta d'este principe, não o podendo persuadir a que se ajustasse com ella, o accusou falsamente a Theseu, de que a queria forçar: Theseu dando credito á mulher, pediu a Egeu seu pae, deus marinho, que lhe matasse o filho. E indo Hippolyto no seu carro ao longo do mar, Egeu lhe soltou uma bêsta marinha, da qual assombrados os cavallos, quebraram o coche, e spedaçaram a Hippolyto. Mas Diana, que o amava, pediu a Esculapio lh'o restituísse á vida.

Pirithoos \* da spantosa  
Prisão lethea escura e tenebrosa.

\* Foi grande amigo de Theseu, com quem ousou ir aos infernos roubar Proserpina mulher de Plutão, o que lhes não succedeu muito bem; porque Pirithoos foi tragado do cão Cerbero, e Theseu prêso.

---

ODE III.\*

N'aquelle tempo brando,  
E que se ve do mundo a fermosura,  
Que Thetis descançando  
De seu trabalho está, fermosa e pura,  
Cançava amor o peito  
Do mancebo Peleu, de um duro effeito.  
Com impetu forçoso  
Lhe havia ja fugido a bella nympa,  
Quando no tempo aquoso  
Noto irado revolve a clara lympha,  
Serras no mar erguendo,  
Que os cumes das da terra vão lambendo. \*

\* Refere o poeta n'esta ode os amores de Peleu e Thetis, e como d'elles nasceu o forte Achilles.

\* *C'est dans Camoëns qu'il faut méditer la langue*



Esperava o mancebo  
 Com a profunda dor que n'alma sente,  
 Um dia em que ja Phebo  
 Começava mostrar-se ao mundo ardente ,  
 Soltando as tranças de ouro  
 Em que Clicie de amor faz seu thesouro.  
 Era no mez que Apolo  
 Entre os irmãos celestes passa o tempo :  
 O vento enfreia Eolo ,  
 Para que o deleitoso passatempo  
 Seja quieto e mudo ;  
 Que a tudo amor obriga , e vence tudo !  
 O luminoso dia  
 Os amorosos corpos despertava  
 Á cega idolatria  
 Que ao peito mais contenta , e mais aggrava ,  
 Onde o cego menino  
 Faz que os humanos creiam que é divino :  
 Quando a fermosa nympha  
 Com todo o ajunctamento venerando ,  
 Na crystallina lympha  
 O corpo crystallino stá lavando ;  
 O qual nas aguas , vendo ,  
 N'elle , alegre de o ver , se stá revendo.  
 O peito diamantino ,

*portugaise , et l'on sera étonné avec quel art il a su  
la façonner à son puissant génie.*



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



Vendo na terra o ceo  
 Em tam bella figura trasladado,  
 Mudo um pouco ficou,  
 Porque amor logo a falla lhe tirou.  
 Emfim querendo ver  
 Quem tanto mal de longe lhe fazia,  
 A vista foi perder,  
 Porque de puro amor, amor não via:  
 Viu-se assi cego e mudo,  
 Pela fôrça de amor, que póde tudo.  
 Agora se apparelha  
 Para a batalha, agora remettendo;  
 Agora se aconselha;  
 Agora vai; agora está tremendo;  
 Quando ja de Cupido  
 Com nova setta o peito viu ferido.  
 Remette o môço logo  
 Para onde stava a chaga sem socego,  
 E co'o sobejo fogo  
 Quanto mais perto stava, então mais cego:  
 E cego, e c'um suspiro,  
 Na fermosa donzella emprega o tiro.\*  
 Vingado assi Peleu  
 Nasceu d'este amoroso ajunctamento

\* Nenhum poeta teve o dom de casar mais convenientemente do que Camões as expressões c' os pensamentos.

O forte Larissen \*,  
 Destruição do phrygio pensamento,  
 Que por não ser ferido ,  
 Foi nas aguas estygias submergido \*\*

\* Achilles.

\*\* Mergulhou-o Thetis na Styge para o fazer invulneravel. O que assim lhe succedou em todo corpo á exceção do calcanhar , per onde a mãe lhe pegara quando o mergulhou.

ODE IV. \*

Ja a calma nos deixou  
 Sem flôres as ribeiras deleitosas ;  
 Ja de todo seccou  
 Candidos lirios , rubicundas rosas :  
 Fogem do grave ardor os passarinhos  
 Para o sombrio amparo de seus niuhos.  
 Meneia os altos freixos \*\*

\* É o mesmo argumento , que o da ode IX , com a differença de que la principiou com a entrada da primavera , e aqui começa com o rigoroso do verão.

\*\* Com que amabilidade não desenhou Camões as graças da natureza? uma aurora , um dia claro e so-

A branda viração de quando em quando ;

E de entre varios seixos

O líquido crystal sai murmurando ;

As gótas que das altas pedras saltam ,

O prado , como perolas , esmaltam.

Da caça ja cançada

Busca a casta Titanica a spessura ;

Onde, á sombra inclinada,

Logre o doce repouso da verdura ;

E sôbre o seu cabello ondado e louro ,

Deixe cair o bosque o seu thesouro.

O ceo desimpedido

Mostrava o lume eterno das estrellas ;

E de flôres vestido

cegado ; um bosque ameno ventilado da frescura dos zephyros ; uma fonte rompendo do seio das pene-  
dias , a verdura dos campos matizada de flôres , e re-  
gada das aguas ; os rios , ora serenos , ora arrebatados ; o silencio , a serenidade d'uma noite de verão ;  
o estrondo das tempestades ; a lua , as estrellas , os  
gados , os pastores , as aves , a caça , a lucta , o amor ,  
o ciume , tudo emfim retrata a poesia d'este grande  
Ingenho com tal e tam prodigioso primor , que a sua  
leitura nos transporta ao mesmo logar da scena ,  
que representa ; nos lança em extasis tam deliciosos  
que a alma so appetece jazer eternamente n'aquelle  
amabilissimo incanto , que longe de a enfraquecer ,  
lhe dá fôrça e vigor , sciencia e elevação.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

Para que o mundo diga  
 Que n'ella lei tam certa se quebrou :  
 Em não ver-me ella so sempre stá \* firme,  
 Ou por fugir de amor, ou por fugir-me.

Mas ja soffrivel fora  
 Que em matar-me ella so mostre firmeza ,  
 Senão achara agora

Tambem em mi mudada a natureza;  
 Pois sempre o coração tenho turbado ,  
 Sempre d'escuras nuves rodeiado.

Sempre exprimento os fios ,  
 Que em contino receio amor me manda ;

Sempre os dous caudaes rios ,  
 Que em meus olhos abriu quem nos seus anda,  
 Correm , sem chegar nunca o verão brando ,  
 Que tammanha aspereza va mudando.

O sol sereno e puro ,  
 Que no fermoso rosto resplandece,  
 Involto em manto escuro  
 Do triste esquecimento , não parece;

\* Duarte Nunes de Lião , com outros, ensina —  
 . Que não sigamos o abuso de accrescentar a todas  
 as dicções latinas , que começam em *s* um *e* , fazendo-  
 as sempre de mais uma syllaba do que teem de sua  
 colheita. Porque dizem vulgarmente *escrivão*, *espe-  
 rar*, *espirito*, e outros infinitos. O que é grande erro,  
 e má maneira de screver... Assi que hemos de dizer  
*stado*, *studo*, *star*, *statua*, *spirito*, *sperar*, *scritura*,  
*scrivão*, etc. • Orthographia, fol. 54 , regr. 6.

Deixando em triste noite a triste vida ,  
Que nunca de luz nova é soccorrida.

Porém seja o que for,  
Mude-se por meu damno a natureza ;  
Perca a inconstancia amor ,  
A fortuna inconstante ache firmeza ;  
Tudo mudavel seja contra mi ,  
Mas eu firme starei no que emprendi.

CAMÕES.

É mui difficil de se decidir em que obras se  
avantajou mais Luis de Camões , sendo tam grande  
em todas ; n'este logar parece que pretende Surrup-  
pita , que se prefiram as *canções* a todas as outras  
rhythmas do poeta ; porém não faltam bons intelli-  
gentes , que estejam mais a favor das *odes* , que das  
*canções*. T. J. DE AQUINO.

Quando leio um folheto impresso em março de 1826  
intitulado — *Lettre à l'Académie royale des sciences  
de Lisbonne, sur le texte des Lusíades*, — e vejo  
igualmente o que certo litterato estimavel escreveu  
acerca da dicta Académia — « Lastimemo-nos ( diz  
elle) ainda mais da indolencia com que uma Acadé-  
mia , encarregada de manter a pureza da lingua , e  
de nos dar fixas regras de sua orthographia , poster-  
gando tam honrosa obrigação , consente que de seu  
seio, e da sua officina, saiam algumas obras em que,  
e com que

Os novos idiotismos. . . . .

A mesclada dicção bastardos termos

Entre nós , sem limite , vão lavrando ; •



deploro o tempo que o philologo francez esperdiçou em compor a tal *carta*. Melhor fôra que elle nos dêsse uma correcta edição dos *Lusiadas*; ja que os modernos edictores d'este poema ( sem por isso serem increpados pela Académia ) lhe deixaram ainda ( além de outras muitas ) as seguintes imperfeições :

*Por mares nunca de antes navegados,*

CANT. I, est. I.

Em vez de :

*Per mares nunca de antes navegados :*

*Nunca no mundo viu tão grão victoria,*

CANT. III, est. CXV.

Por

*Nunca no mundo viu tam gran' victoria.*

*Estavas, linda Ignez, posta em socego,*

*De teus annos colhendo doce fruto,*

*N'aquelle engano da alma, ledo e cego,*

*Que a fortuna não deixa durar muito ;*

*Nos saúdosos campos do Mondego,*

*De teus formosos olhos nunca enxuto,*

*Aos montes ensinando, e ás hervinhas,*

*O nome que no peito escripto tinhas.*

Em logar de :

*Estavas, linda Ignez, posta em socego,*

*De teus annos colhendo doce fruto ,*

*! Polos doces amores, doce fruto.*

FERRIA.

*O fruto do vicio.*

BARRAS.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



## ODE I.\*

## Á VIDA BEMAVENTURADA.

Vida quieta e pura ,  
Descanço sem receio de tormento ,  
Alegrias de dura ,  
Nova quietação do pensamento ,  
Não se podem comprar com prata e ouro,  
Que em si esconde o Atlantico thesouro.

Ah mordazes cuidados!  
Como na vida breve vos vingaes  
Tam firmes e empregados ,  
Trazendo em guerra os miseros mortaes;  
Pois jamais permittis ao pensamento  
Que de vossos tributos viva isento !

O collar peregrino  
De fermosos diamantes semeiado ,  
O sceptro de ouro fino ,

\* Ora te ouço cantar , o sabio Amphriso ,  
Co'a lyra igual á *venusina* lyra ,  
Da tua Laura bella as gentis graças ,  
Lumes dos astros , que se accendem d'ellas.

A. R. DOS SANTOS.

A clara dignidade , o consulado ,  
A curia , e o que lavrou a Dedala arte ,  
Dos cuidados não quebra a menor parte.

Quam bem , quam docemente  
Se vive so com meza humilde e pobre !

Quam ditoso e contente  
Aquelle que em sua alma não descobre  
Desejos e ambição de illustre mando,  
Que o descanso lhe rompam doce e brando!

Para que em breves annos  
Queremos conquistar o mundo inteiro ;  
Se tudo são enganoso  
N' esta idade ? que enfim , por derradeiro ,  
Quem deixa a patria, e deixa o reino antigo,  
Não deixa a si , que a si leva consigo.

Nas tórres atrevidas  
Que do mar vão cortando as crespas ondas ,  
Quando c' o vento erguidas  
As brancas velas prenhes e redondas  
Triumphadoras vão do tempo e fados...  
La entram os temores , e os cuidados.

Mosto alegre e sereno  
Hade mostrar o peito generoso ,  
Julgando por pequeno  
Qualquer trabalho e trance rigoroso ;  
Que nada póde haver no humano estado  
De toda a parte bemaventurado.

A invejosa morte

Privou da doce vida a Achilles fero ; \*

Do tempo a branca sorte  
Diminuiu Titão grave e severo ;  
E a mi darão os fados par ventura  
O que a vós vos negar , á hora escura ?

Se os rebanhos de neve  
Que nos campos trazeis de cento em cento ,  
Se a toga branca e leve  
Sòbre o vestido que arde em puro argento ,  
Se a purpura de drogas recamada  
Tendes por vida bemaventurada ; \*\*

Ah ! queira o ceo sereno  
Dobrar-vos esses bens que ja gozaes :  
Que eu n'este valle ameno  
Tenho por testemunhas de meus ais  
As pedras de alta rocha endurecida ;

\* Foi enganosamente morto per Páris em Troia ,  
no templo de Apollo , onde havia ido sòbre concerto  
de se casar com Policena filha de Priamo.

J. F. BARRETO.

\*\* *Ni For ni la grandeur ne nous rendent heureux.  
Ces deux divinités n'accordent à nos vœux  
Que des biens peu certains, qu'un plaisir peu tranquille,  
Des soucis dévorans c'est l'éternel asile ;  
Véritable vautour que le fils de Japet  
Représente enchaîné sur son triste sommet.  
L'humble toit est exempt d'un tribut si funeste ;  
Le sage y vit en paix , et méprise le reste.*



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

Que se torne cruel vossa consorte

Aos cantos que spalhais !

Assi a triste sorte

Vos não traga ante tempo a escura morte !

Assi nunca proveis

De astuto caçador cego perigo

Entre laços crueis :

Que em vós achem abrigo !

As namoradas mágoas que aqui digo.

Escutae entretanto

Desentoadá voz, rouco instrumento

De quem já foi espanto,

E com seu doce accento

Poz freio voluntario ao surdo vento.

E depois que escutardes ,

O accento largae brando e choroso

Para me acompanhardes :

Que fica em vós fermoso

Um pouco de tormento em tanto gôso.

*M. DA VEIÇA, Laura de Amphriso.*

## ODE I. \*

## O PONCHE.

Pois torna o frio inverno sacudindo  
 Das estridentes azas gêlo agudo ,  
 As retalhadas mãos , amavel Lydia ,  
 Aqueçamos ao fogo.

Em quanto pelos montes , que branquejam ,  
 As crystallinas cans d'annosós troncos ,  
 Com os raios do sol estão brilhando ,  
 Quaes brilham de Marilia ,

\* Assim Garção, seguindo o *Venusino*,  
 Toma o vôo, co' as azas estendidas,  
 Quando canta a progenie illustre e fera  
 Dos que na paz dourada, ou guerra dura,  
 A si ganharam claro nome, e aos netos!  
 Ou amansando o vôo, busca o trilho  
 Do Teio Anacreonte, quando screve  
*Vermelhas brazas sôbre pão tostado;*<sup>1</sup>  
 Ou do Delphim a calva loura e lisa,  
 Da carroça dos annos não trilhada.

FRANCISCO MANUEL.

<sup>1</sup> Verso de Garção.



Da travessa Marilia os ledos olhos,  
 Á chaminé um pouco nos sentemos:  
 Já silvando entre ondadas labaredas  
 A sêcca lenha estala.

Conversemos, bebamos, murmuremos:  
 Comtigo as Graças véem, comigo Amores,  
 Que no varrido lar ao lume seccam

As orvalhadas pennas;

Os froxos arcos, bocejando, largam;  
 E nas crueis aljavas reclinados,  
 Porque velam de noite, somnolentos  
 (Coutados!) adormecem.

Ferve o cheiroso ponche, que desterra  
 A pesada tristeza, os vãos temores,  
 Que deixa voar sôlto o pensamento  
 Nas azas da Alegria.

Reluzindo na meza os crystaes limpos,  
 Nos pedem que bebamos, que brindemos;  
 Ora bebamos, Lydia; deixa aos astros  
 O govérno dos orbes.

Não queiras, triste, penetrar a densa  
 Caliginosa nevoa do futuro:

Não percas um instante de teus dias;  
 Olha que o tempo voa!

Voam com elle nossas esperanças,  
 Castellos sôbre nuvens levantados!  
 A mais pomposa scena da fortuna  
 D'improviso se troca!

Apenas vi raiar um doce riso,



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



Que brota da ferida ;  
 As sonoras pancadas do martello ,  
 Com que bate Vulcano ,  
 Nas cavernas do Caucaso\* retumbam :  
 Porém constante e forte  
 Não geme Promethen ;\*\* antes accusa  
 A Jupiter de ingrato :  
 Inocente se julga ; á fôrça impía  
 Não cede do tyranno.  
 Assim , assim a misera pobreza ,  
 A contraria fortuna  
 Deve immobil soffrer uma alma grande ,  
 Oh Sousa esclarecido !  
 Varra o credor soberbo a pobre casa

\* Monte altissimo de Scythia ; o qual desde a India se estende per todo septentrião , tomando varios nomes. É abundante de neves , e de grandes penedias e concavidades , muitas hervas venenosas e muitos abutres.

\*\* Contam os poetas que fazia homens de barro , com tanto ingenho , que pareciam vivos ; e vendo acaso Minerva a sua obra lhe deu ajuda para subir ao ceo , d'onde trouxe fogo , que tirou do carro do sol , com que deu vida aos homens que de barro fazia ; e d'aqui vem que alguns hoje presumem ser filhos do mesmo sol. Mas querendo Jupiter castigar este atrevimento , o mandou amarrar no monte Caucaso com uma agúa , a qual de contino estivesse comendo-lhe as entranhas.

C'o desabrido alcaide ;  
Dorme no duro chão tam descansado,  
Como no leito brando ,  
O intrepido varão , que do destino  
Próva os fataes revezes.  
Co'a dourada carroça o molle eunucho  
O pize ou atropelle,  
Não lhe inveja a riqueza. Que outrem lavro  
Nas ribeiras do Tejo  
C'os malhados bezerros longa terra ,  
Não lhe acorda a cubiça.  
Vente embora do Sul ; cáindo , açonte  
Ao negro mar que brada ,  
O pluvial Arcturo ; a vara creste  
Do podado bacêlo  
Espessa chuva de arida saraiva ;  
Nada lhe abala o peito.  
Enroscada no braço macilento  
A venenosa serpe  
Chegue ao seio cruel a triste inveja ;  
E a perfida mentira  
C'os titubantes beijos o crimine ,  
Rirá no cadafalso.  
So dos delictos póde o vil remorso  
Mudar-lhe a côr serena  
Do tranquillo semblante : a mão potente  
De quem o fez so teme.  
Os homens não recia , que a virtude'

O coração lhe anima ;  
 E a consciencia san , a fe intacta ,  
 Os austeros costumes ,  
 Não phantasticas honras , isto ensinam.  
 Assim douram a morte  
 Os Uticenses , Regulos ,\* os Marios.\*\*  
 Apezar do sepulcro ,  
 Sôbre as azas do tempo assim passaram  
 As lethargicas ondas  
 Do rio somnolento. Assim croado  
 De gangeticas palmas ,  
 O destemido Castro \*\*\* n'alta serra ,  
 Que templo foi de Cynthia ,  
 Retirado vivia ; a mão invicta :  
 Terror e glória d'Asia ,

*Virtutem incolumem odimus ,  
 Sublatam ex oculis quærimus invidi.*

HORACIO , ode XVIII.

\* Marco Acio Regulo consul romano , antes quiz perder sua vida , que não que se perdesse sua patria.

\*\* Capitão valoroso entre os Romanos , mas tam cruel e inhumano , que se matou com suas proprias mãos.

J. F. BARRETO.

\*\*\* . Como varão que tambem sabia desprezar sua mesma fama , se retirou á sua quinta de Cintra , desejando viver para si mesmo , havendo-se no serviço da patria de maneira , que nem o desemparrava como inutil , nem o buscava como ambicioso. Aqui se recreiava com uma estranha e nova agricultura , cor-



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

Na madrugada veja ;  
 Alli o deixe a lua, que vermelha  
 No horizonte mettida ,  
 Estende os froxos raios pelas ondas ;  
 Se com pública fraude  
 Ao miseravel orpham a capella  
 Subnegar-lhe pretende.  
 Aspire á béca o julgador iniquo ,  
 Que aos olhos da Justiça  
 Roubou a sancta venda , que equilibra  
 Nas vendidas balanças  
 Os dourados delictos. Soffra , e busque  
 A vergonhosa scena  
 Da súbita catastrophe o privado , \*  
 Que o rosto não conhece  
 Da clara fama , da immortal memoria , \*\*  
 Da honra , e da virtude.  
 Mas qual marpezia rocha , um peito forte  
 Não roga , não se abatè.

\* *La faveur à la cour à chaque instant varie ;  
 . . . . Au fragile honneur d'un poste si glissant,  
 Tel s'élève aujourd'hui, qui demain en descend.*

PIRON.

\*\* *Périsset l'âme froide , insensible , stérile ,  
 Que n'enflamma jamais le plaisir d'être utile.*

4 DORAT.

---

 ODE III. \*
 

---

 Á VIRTUDE.
 

---

O constante varão, que justo e firme  
 Da difficil virtude segue os passos,  
 O pesado semblante do tyranno  
 Não teme, não estranha.

Veja ferver o chumbo, erguer as cruzes;  
 Ouça afiar na pedra o curvo alfange;  
 Sofra no potro asperrima tortura;  
 Não perde a côr do rosto.

Em severos costumes ensaiado  
 Préza mais a innocencia, do que a vida;  
 Fiel á patria, ao príncipe, aos amigos,  
 Acaba como vive.

Com pavoroso estrondo se desatem  
 Em vermelhos coriscos as estrellas,

\* Ésta ode é optima imitação da ode III, do livro III de Horacio, que assim começa:

*Justum, ac tenacem propositi virum  
 Non civium ardor prava jubentium,  
 Non voltus instantis tyranni  
 Mente quatit solida neque Auster.*



Brote vulcões a terra ; da ruína  
Impavido não foge.

Assim Mario subiu ao capitolio ,  
Entre aguias e lictores conduzido ,  
Com aspecto sereno ; inda que atadas  
As roixas mãos em ferros.

Na presença de Cesar e conscriptos :  
« Fui , (disse) fui fiel a Galba,\* e a Roma ;  
Confesso o meu delicto , se delicto  
Á virtude se chama.

As legiões romanas testemunhas  
Poderão ser : vós , consules , tribunos  
A verdade dizei ; dizei se Mario  
Foi amigo de Galba ?

Patricios e soldados do divino  
Julio ás aras jurem , se me viram  
Sempre ao seu lado ? alli , alli Camurio  
Alçou a mão traidora.

Eu vi o triste velho descorado  
A garganta offerer ao duro golpe ;  
E indo da patria o nome repetindo  
A grande alma fugir-lhe.

Oh ! Cesar aqui tens de Mario Celso  
O crime e a confissão : Romanos , Mario  
Foi a Galba fiel ! Vamos aonde  
Está o cadafalso. s

\* Sergio Sulpicio Galba, o primeiro que foi acclamado pelos soldados : imperou oito mezes.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



Os seccos mólhos : assoprando accende  
Pobre fogueira , aonde as mãos aquecia  
C'os rotos filhos.

Pulam nos olhos lagrymas , que enxuga  
Na grossa manga , reprimindo forte  
Acerbas dôres , reflexões pesadas,  
Tristes memorias !

Eis que zunindo furações horriveis ,  
A porta arrancam dos moídos gonzos:  
Corre assustado, d'um fuzil que o cega ,  
Á luz vermelha !

Viu espalhadas viboras de fogo ;  
Ouvia bramando retumbar no valle  
Os longos echos do trovão , que abala  
Os altos montes !

Ve-se partida do voraz corisco  
A rica proa de um baixel britanno ;  
Não lhe valendo cem canhões suberbos ,  
Que Nantes \* teme.

Rotas tremulam as reaes bandeiras ;  
Rompem as ondas o infeliz costado ;  
Inutil pranto , tristes ais levanta  
A lassa gente. \*\*

\* Antiga e rica cidade de França com um bispado e universidade : é uma das mais mercantis d'esse reino.

\*\* Todo este quadro está desenhado com rasgos de mestre.

Agora , dize , quem seguro vive ,  
 Amado Silvio , da cruel fortuna , \*  
 Se as altas tórres , \*\* se as humildes choças  
 A morte piza? .

Os aureos tectos , doricas columnas ,  
 Quadros antigos , marchetados leitos ,  
 Servem de spectros , gorgonás , cerastes ,  
 Na fatal hora.

\* *Nec forma æternùm , nec cuiquam est fortuna  
 perennis.*

PROPRICIO , elegia XXI.

\*\* Somente devemos accentuar as dicções, em que  
 póde haver differença de significação ; quando teem  
 differente accentto , como *cór* por color, que screve-  
 mos com accentto circunflexo , e *cór* por vontade  
 com agudo. E *póde* quando é preterito , e *póde* do  
 presente com agudo , e assi outros d'êsta qualidade.

D. N. DE LIAO, *Orthographia*.

~~~~~

ODE V.

—

À RESTAURAÇÃO  
DA ARCADIA.\*

Suberbo galeão,\*\* que o pôrto largas  
Aonde o ferreo dente prêsa tinha  
A cortadora proa, que rasgava  
De um novo mar as ondas.

Ao alto pêgo tornas nunca arado  
Dos fracos lenhos que no Tejo surgem:  
Ja ferve a brava chusma, e se levanta

\* A Arcadia abriu suas primeiras sessões em 1756; separou-se, e tornou a reunir-se; mas dissolveu-se inteiramente em 1773.

\*\* É notavel, é digna de toda estimação a bella allegoria, em que nos nossos tempos o poeta Garção, debaixo do emblema de um *galeão*, representou uma *Acadèmia litteraria*; ésta é certamente a mais consideravel de todas allegorias d'este genero, que se encontram em nosso idioma; a elegancia do estylo cheio de fôrça, movimento e harmonia, fará este poema eternamente recommendavel.

F. D. GOMES.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**

Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

Has de romper constante.

Se as alcyoneas aves\* levantarem  
Em seu queixoso pranto triste agouro;  
Não te assustes da nuvem carregada  
Que os máres escurece.

Grasnando negras gralhas enfiadas  
Sôbre os topes verás buscar a terra,  
E logo o ceo negar-te a escura noite  
Da feia tempestade.

Mas não receies os fuzis vermelhos,  
O ruído trovão, que pelas aguas  
Em successivos brados estalando,  
No fundo do mar soa.

A déstra mão, que o leme te meneia,  
Fará que ávante passes, sem que amaines  
O largo panno: em vão Noto sibila  
Pela miuda enxarcia.

Os cabos passarás mais tormentosos,  
Sem que as crespas correntes te atropellem:  
Ao pólo chegarás aonde brilha  
A luz da eterna fama.

Em vão ronceiras barbaras galeras,  
Forçando os debeis remos, com que açoutam  
O mar que lhes resiste, e que as affronta,  
Trabalham por seguir-te.

Desarvoradas voltam, não se atrevein

\* Maçaricos.

A commetter o pelago que surcas :  
Com damnados prognosticos agouram  
Desastrado successo.

Ora contam que os máres infamaste  
Com vergonhoso misero naufragio;  
Que as fulminadas vêrgas rôtas jazem  
Nas cerauneas areias.

Mas tu constante, impavido triumphas;  
E com louros no Ménalo cortados  
Enramaste os riquíssimos pavezes,  
A forte gente croas.

Se os meus votos escuta o ceo benigno ,  
Os votos que por ti no pôrto faço,  
Os olhos alongando pela esteira  
Que tu nas aguas abres;

Não tornes a surgir em manso pôrto,  
Que Lethes \* seja o seu famoso nome,  
Que os peitos amollece mais briosos,  
Que ó somno te convida.

Não se nutre a virtude do descanso;  
Arduas emprezas, rispidos trabalhos,  
Em nobre coração dê immortal glória  
Accendem claro lume ;

O claro lume, que apagar não podem  
Nem descarnada mão da triste Inveja,

\* Rio infernal, segundo os poetas, cuja agua ( dizem ) causava esquecimento a quem a bebia.



Nem a fouce cruel do voraz Tempo : \*  
 Não chega a tanto a morte.

\* *Labitur occultè , fallitque volatilis ætas.*

OVIDIO.

---

## ODE VI.

Cercado estava Amor de mil Amores  
 As estridentes settas empennando,  
 De verde myrtho , de cheirosas flores  
 Os arcos enramando.

Qual o brilhante gêlo sacudia  
 Das crespas azas , sem cessar batendo ;  
 E qual concerta a aljava , e n'agua fria  
 Curvado se stá vendo.

Pelos nodosos troncos dos loureiros  
 Os dourados farpões muitos provavam ,  
 Outros mais insoffridos e ligeiros  
 Em bandos se spalhavam.

Então Amor a doce voz alçando ,  
 Que so de ouvi-la os montes estremecem ,  
 Os velozes frecheiros convocando ,  
 Que promptos lhe obedecem ;  
 C'um doce riso , c'um celeste agrado ,  
 Que os ventos serenava , lhe dizia :  
 « Hoje do ceo nos traz o sol dourado



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885**  
**Livros! Tudo o**  
**que quiser ler**  
**por apenas**  
**\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



Por mais que as azas mova o Tempo duro  
Intrepido e arrogante ;

Da illustre Alcippe bella o claro dia  
Pretendo assignalar com faustas glorias,  
De nossos arcos o Destino fia  
O louro das victorias.

Alague o mundo fino pranto ardente,  
Voem suspiros , voem mil clamores ;  
Chovam per toda parte derepente  
Agudos passadores.

O cruel Tempo quebre a fouce dura ;  
E o sol gyrando os seus frizões ufanos ,  
Nos traga sempre cheios de ventura  
• O dia de seus annos.



## ODE VII.



### Á RIQUEZA D'UM POETA.

Nas despidas paredes , que me abrigam  
No tormentoso inverno,  
A passagem do Grânico \* não vejo

\* Alexandre , vadeando esse rio , acommette o inimigo e o põe em fuga : esta victoria lhe valeu a maior parte da Asia.

**Em fina lan tecida :**  
**Nem marmores , nem porphydos luzentes**  
**Nos alizares brilham.**  
**Não tine do Japão na parca meza**  
**A rara porçolana.**  
**O dourado saleiro não me cega**  
**C'os tremulos reflexos.**  
**De prata não se accendem mil bugias \***  
**Em tortàs serpentinas.**  
**Porém Virgilio , Sophocles , Homero ,**  
**O venuzino Horacio ,**  
**São as ricas alfaias que me adornam**  
**A sala magestosa ,**  
**Os suberbo's escudos em que pinto**  
**A geração illustre.**  
**Elles fazem que Ansberto generoso**  
**Seu amigo me chame ;**  
**Que o Souza marcial com puro stylo ,**  
**Gracejando , me screva.**  
**Guarde a terra avarenta nas entranhas**  
**O ouro refulgente :**  
**O mineiro na roça afflicto cave**  
**C'os sordidos escravos :**  
**Per ignotos sertões exponha a vida**  
**Do barbaro Tapuia**  
**Á setta vencedosa , á veloz garra**

\* Veja-se a nota , pag. 204 , no II vol. d' ésta es-  
colha.

Do tigre mosqueado :  
 Sofra na linha podre calmaria ,  
 Relampagos e raios ,  
 Para n'aldeia entrar acompanhado  
 De descalços trombetas ,  
 De purpureas araras , inquietos  
 Petulantes bugios.  
 Gaste pródiga a mão em poucas luas  
 O ganho de dous lustros ,  
 Para a vermelha cruz\* brilhar no peito  
 Que os fardos encurvaram .  
 No tegurio paterno não cabendo ,  
 Palacios edifica  
 Alastrado com pedras o caminho .  
 Do guindaste as roldanas  
 C'o péso do venal escudo gemem ,  
 Que o portico remata.  
 Estupido não sabe que apressada  
 A pallida doença  
 Atrás d'elle caminha ; que ja chega  
 Involta em parda nevoa ,

*\* At claros se homines voluere esse atque potentes  
 Ut fundamento stabili fortuna maneret ,  
 Et placidam possent opulenti degere vitam :  
 Nequicquam, quoniam ad summum succedere honorem  
 Certantes , iter infestum fecere viai ;  
 Et tamen e summo , quasi fulmen , dejicit ictos  
 Invidia interdum contemptim in tartara terra.*

LUCRECIO.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

As pallidas espigas.

Em vão fugindo da estrondosa guerra,  
Se acaso tu, Delphim, calvo não fosses,  
Co'a sonora navalha decotaras

Ondados fios de ouro.

Em vão a loba e sobrep'liz vestindo,  
Mostrando do Loreto no alto côro  
Inchadas do pescoço as cordoveias,

Bradando, salmearas.

A morte, a fria morte nunca falta;  
Ou cedo, ou tarde chega: todós devem  
Humilhar a cerviz; poltrões covardes,

Cholericos Achíles.

Com mão pesada abola, talha e rompe  
Grevas, arnezes, malhas bacinetes;  
Per baixo do fraldão crava o buído

Estoque refulgente.

Suberba arrasa com fragor horrendo  
As fundas cavas, os merlões erguidos,  
Assolando cidades e províncias,

A toda parte voa.

Curvados anciões, moços esbeltos  
Corta c'o mesmo gume: honras, thesouros  
Não lhe pegam no braço; os altos tectos,

Pobres cabanas piza.

Debalde Gabilhon c'o destro pente,  
Mette em batalha juvenis cabellos; †  
Debalde enrola o escaldado ferro

Os martyres topetes.

O frio branco géllo , que não tarda ,  
 Lhe põe a marca, subito, da idade ;  
 E poucas alvas cans o gesto mudam  
 Dos enfeitados cepos.

As brandas Lylias , as gentis Philenas ,  
 Todas fogem de vê-lo ; todas fogem  
 Dos olhos sem pestana , regalados ,  
 Das crespas sobranceiras.

Os teimosos achaques , tristes dôres,  
 Catastas são dos entrevados membros ;  
 Froxos desejos morrem de garrote  
 Às mãos da Hypochondria.

Não é preciso que venal propheta  
 Aponte com o dedo para a cinza : \*  
 Para velhos não ha melhor caveira,  
 Que o vidro de um espelho.

So tu , Delphim , cançados annos contas ,  
 Sem signaes de velhice ; inda não ouves  
 O tremendo pregão da eternidade,  
 A trombeta da morte.

Sóbre o telhado teu não pousam estes  
 Passaros agoureiros, que bradando  
 Com espantosos guinchos annunciam  
 A derradeira aurora.

Nunca velho serás ; livre de brancas

\* Allude o poeta a certo individuo que, em tra-  
 jos de propheta, vai apontando para uma salva  
 cheia de cinza, na procissão d'este nome.



**A deserta cabeça callejada**

**Não se deixa trilhar das leves rodas**

**Da carreta dos annos.**

**Sem olhar para a méta da carreira,**

**D'Archimedes no ponto se está rindo**

**Britanno capitão, que submergido**

**Em laudanos do Douro,**

**Amarrando o timão, entrega a quilha**

**Aos rijos ventos, aos cavados máres;**

**Não ouve as roucas vagas, que mugindo**

**Os pólos estremecem.**

**Venha, se quer, a pallida \* doença**

**A fria morte pela mão trazendo:**

**Não te espantes de foces e relógios,**

**Nem de azas de morcego.**

**Apresenta-lhe a calva, que te mostre**

**Onde as brancas estão? Carão lustroso,**

**Olhos azues, rosadas faces, alvos**

**Os crystallinos dentes,**

**São constantes signaes da fresca idade,**

**São de fôrças viris a taboleta;**

\* A respeito d'este adjectivo *pallida* escreveu Francisco Manuel a seguinte nota:

• Houve certo embaixador, que lendo uma ode minha, embicou n'uma metaphora similhante, e c'um risinho amarello e bêsta disse-me: — « Pois a Alegria é *loura*? — « Tam *alva*, e *loura*, como a Morte é *pallida*. V. Ex. é que me parece *loura* no caso. »



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



A féria me apresentam :

Quaes buídos punhaes , negros trabucos ,

D'aqui , d'alli recrescem garatujas !

Assestados canhões , que poderiam

Bater os Dardanellos !

· Severo Rhadamanto \* o çujo mestre

A postiça guedelha afasta e puxa ;

E os encovados olhos revirando,

Alça o rol da madeira.

Debalde o rosto viro, e do medonho

Espectro sanguinoso fugir tento ;

Que Scylla mais cruel, o rol d'areia,

O beque me descose.

Sibilantes petardos d'outra parte,

C'o tijolo me quebram os ouvidos !

Jornaes , carretos , cal, são mil pelouros .

Que silvam pelos ares.

Com a perna ferida , co'as fileiras

Da vanguarda ja rotas e medrosas ,

Nas andas , ainda mostra o grande Carlos , \*\*

Indomita constancia !

Á vista de suberbos castelbanos,

Com poucas tropas , com bisonha gente ,

Sustenta Lippe a ruíva e fresca margem

Do Tejo caudaloso !

Mas estes mesmos, ó Macbean amigo,

\* Juiz dos infernos.

\*\* Carlos XII, rei de Suecia.

Se ante seus olhos vissem as carrancas  
 Dos leões carniceiros, que me cercam,  
 Voando fugiriam.

Tu mesmo co'a britanna artilheria,  
 Deixando botafogos e espoletas,  
 E os dourados rabões esporeando,  
 O pôsto lhe largaras.

Póde mais um credor que um elephante;  
 Não ha tromba mais dura que uma féria;  
 E se queres vencer os Alexandres,

Eugenios e Turennas,  
 Não busques grevas, murriões, pavezes;  
 Põe-lhe diante o mercador c'o resto;  
 O alfaiate, o barbeiro, ou um alcaide,  
 Verás como desmaiam.

E se ainda vãos projectos commetterem,  
 De cruentas victorias nunca fartos,  
 Da-lhe o desenho de uma nova escada,  
 E dize-lhe que a façam.

Eisaqui como fico sem lograr-me  
 Da boa companhia que te cerca:  
 Tu, que escadas não fazes, passa alegre  
 A noite desabrida.

Em brilhantes crystaes a roixa espuma  
 Do suave licor do Rheno ou Douro,  
 Te apresente, sorrindo, o fullo Same;

E tu, vermelho, bebe:  
 Bebe á saúde da formosa Phylis,  
 Do magnanimo conde, a quem Neptuno

Namorado de seu valor, lhe entrega  
O sceptro crystallino.

Os dous Weinholtz, que Marte tanto préza,  
Da côva porçolana que retine,  
Co' a boiante colher tirem o doce  
Almo férvido ponche;

E se do pobre Corydon vos póde  
Merecer compaixão a triste historia,  
Fazei-lhe uma saúde, que lhe sirva  
Aomenos de epitaphio.

---

## O DE X.

Quantos, caro Pinheiro \* noite e dia  
Curvados sôbre os livros  
A triste vida gastam na esperança  
De uma vermelha borla,  
Da vara, e da golilha? Honra que chega,  
Ja quando as cans alvejam  
Na myrrhada cabeça. Quantos morrem  
Por phreneticas palmas  
De cruentas victorias? Descorado.  
No raso campo treme  
Com frio susto á vista do inimigo  
O misero soldado :

\* Gaspar Pinheiro da Camera Manuel.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

Que a livida pobreza!  
 Outro, com o martello, os cadeados  
 Despedaça do cofre,  
 Que do incansavel pae o curvo arado  
 Tirou da dura terra:  
 Vai perde-lo n'um dia, porque gosta  
 De brincar com tres dados!  
 Aquelle so se alegra, e se diverte  
 Co' as helgicas pinturas:  
 Sonha com Raphael e Ticiano;  
 Em quanto o astuto adelo  
 Na fragil tábua, com o dedo mostra  
 A testa de Medusa.  
 Este, n'alcantilada serra corre  
 O javali cerdoso;  
 Os sabujos britannicos latindo  
 No fundo valle assustam  
 A quieta pastora, que aturdida  
 Larga da mão o fuso.  
 Outro na rica meza rodeiado  
 De vorazes amigos,  
 Em brilhantes crystaes de Douro e Rbeno  
 O roixo çumo bebe;  
 Té que dos altos cumes dos outeiros  
 Caia a nocturna sombra.  
 Eu porém nada quero, nada estimo  
 Mais que a dourada lyra.

\* Famosos pintores.

**Se os pastores do Menalo sagrado ,  
 Se os loureiros d'Arcadia  
 Os meus versos escutam , os meus versos  
 Me separam do vulgo ;  
 Na testa cingirei, livre de inveja,  
 D'hera frondente croa ;  
 E com lesbico plectro , ou venusino ,  
 Ferindo as aureas cordas ,  
 Arcadia cantarei : o patrio Tejo  
 Attenda ao novo canto  
 Com a verde cabeça gotteiando  
 Na urna recostado.  
 Se aqui chegar, que Rhadamanto póde  
 Negar-me o nome eterno ?**

---

## ODE XI.

**Que facil é com lapis e compasso.  
 Desenhar no papel uma cidade  
 De cavas e merlões circumvallada ,  
 Suberba, inaccessible :  
 Executar porém a grande planta  
 É trabalho de um rei, caro Pinheiro,  
 D'Ulysses, de Lyeo , do pio Eneas ,  
 Dido , Romulo e Remo.  
 Quando tu no alto pègo ouves zunindo**



Pela miuda enxarcia Africo ou Noto,  
 Que ferras todo o panno, que manobras  
 Impavido e prudente :

Se de longa experiencia aconselhado  
 Não mandasses constante, que valera  
 Ter no tanque de Cintra exposto ao vento  
 Fragatas de cortiça ?

Todos, todos clamamos que se observe  
 O que dicta a razão, e a natureza,  
 E as sanctas decisões que nos promulga  
 A catholica Roma.

Ninguem se julga barbaro ; mas vemos  
 Lançar fumo o punhal em sangue tincto  
 Na mão do matador ; vemos roubados  
 Os sagrados altares !

Com damnada malicia uns aos outros  
 Enganar pretendemos : falso gesto  
 É o trunfo do jôgo, da amizade  
 Hypocrita verdugo !

Na mágnifica meza em crystaes ricos  
 Trasborda a loura espuma do suave  
 Vinho de Chypre : alegres convidados  
 Ao grande amigo brindam.

Levantam as reciprocas saúdes  
 Ternissimos colloquios ; mas depressa  
 Ésta scena se muda, e da discordia  
 Róla o dourado pomo.

Pelo arbitrio de Páris não se espera ;  
 Nua a espada brilha e fere : corre



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



**Enfadada de nós , de nós te ausentas !**

**Abriste as brancas azas , que sonoras**

**Nos ares te sustentam :**

**Ja sobes , ja te elevas , ja te escondes ,**

**Ora sereno o vôo , ora apressado ,**

**Nos immensos espaços , onde gyram**

**Outros sóes, outros mundos .**

**A luz do dia foge : fica a terra**

**A seu antigo cabos reduzida :**

**Mas , d'entre as grossas trevas apalpando,**

**Eis se ergue o Fingimento .**

**Os candidos vestidos da Amizade ,**

**Co' as negras mãos levanta aos torpes membros ;**

**Nas phantasticas roupas disfarçado**

**Engana a cega gente . \***

**Com estreitos abraços se recebem**

**Os fingidos amigos : filho chama**

**O tyranno tutor ao desfalcado**

**E misero pupillo .**

**E n' ésta tenra idade , fracas almas ,**

**Almas em feios vicios atoladas ,**

**Como podem guardar as leis austeras**

**Da pavidá amizade ? \***

*\* Jamais celui dont le cœur est brulé par les douces flammes de la sainte amitié n'éprouve un sentiment si vif, que lorsque l'ami qu'il chérit a le plus besoin de son secours ; il le suit au milieu de l'infortune la plus cruelle ; il s'attache à lui pour ne jamais s'en*

É facil ter de amigo o sancto nome,  
E sustentá-lo com civil aspecto;  
Mas que ao chapeo o coração governe,  
É Etiope branco!

A lingua, que te salva quando raia  
No vermelho horizonte o sol dourado,  
Antes que a sombra caia dos outeiros,  
Te insulta, ou te crimina.

Desastrados rafeiros, que so mordem  
Os pobres remendados; porêm vendo  
Os olhos fuzilar do roaz lobo,  
A cauda desenrolam.

Não se encontram Euryalos e Nisos,  
Castor e Pollux, Pylades e Orestes;  
Nem para renascer a extincta raça  
Esperes nova Pyrrha.\*

*séparer ; les froideurs même de celui qu'il a choisi  
ne peuvent éteindre le feu céleste dont il est embrasé ;  
il l'aime même ingrat, même infidèle aux saintes  
lois de l'amitié ; il le plaint ; il lui pardonne tous les  
maux qu'il en reçoit ; mais il ne l'en chérit pas  
moins, il immole tout son bonheur au sien : il veut  
mourir pour son Oreste, et consent qu'il l'ignore.*

LACEPÈDE.

\* Mulher de Deucalion, rei de Thessalia: sendo preservados ambos do diluvio, aconselhou-lhes o oraculo de Themis que lançassem os ossos de sua mãe, isto é as pedras, para trás das costas. As que lançou Deucalion transmudaram-se em homens. e as que lançou Pyrrha, em mulheres.

Mais facil é que Cadmo resemeeie \*  
Os dentes do dragão , e que rebentem  
Da terra depravada , enfurecidos  
Armigeros guerreiros.

\* Principe filho de Agenor , rei de Phenicia , o qual indo per mandado de seu pae buscar Europa sua irman , que Jupiter havia furtado ; como a não achasse , nem se atrevesse tornar a seu pae sem ella , fundou em Beocia a cidade de Thebas ; e como seus companheiros fossem ja todos mortos per uma grande serpente , que saiu de uma fonte , onde haviam ido por agua : Cadmo em viugança d'elles a matou ; e semeiando seus dentes , nasceram d'elles homens armados ; os quaes pelejando entre si , se mataram ; excepto cinco , com que edificou a cidade.

J. F. BARRETO.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

Cad'anno o golpham: desfraldando as velas  
 Impavido comnetta infames costas,  
 Inhospitas areias.

Não lhe invejo a fortuna; pois me basta  
 Passar a curta vida retirado  
 Na Fonte-sancta, \* ao som da clara veia  
 Urdindo novos versos.

Divina Providencia, tu bem sabes  
 Quam pouco te molestam meus desejos:  
 Não quero mais que ver na frugal meza,  
 De filhos rodeiada,

Um limpo copo, com que n'êsta grande  
 Noite, so pára mim próspero dia,  
 Possa alegre brindar aos faustos annos  
 Do heroico san' Vicente.

Com mais pouco se mata a crua fome:  
 Para fazer seu grande nome eterno,  
 Ou pobre ou rico viva, tenho a lyra  
 Do cantor de Venusa.

\* Juncto da *fontē-sancta*, † antigos lares  
 Do sabio Corydon, sentei-me um dia,  
 Recordando n'a vaga phantasia  
 De sua musa os lyricos cantares.

Então arrebatado, aos brandos ares,  
 Inda saúdosos d'elle, assim dizia:

† Sítio nas extremas de Lisboa para o poente:  
 toma o nome d'uma fonte visinha assim chamada,  
 onde está a casa em que habitou o poeta Garção.

Em quanto, ó Conde, as bellicas virtudes  
Que herdaste de teus inclytos maiores,  
No regaço da paz jazem tranquillias,  
Preparo os epinicios.

Tempo depois virá, que desferindo  
Em aurea poppa as lusitanas quinas,  
Arrasadas as aguas de turbantes,  
Te croem mil victorias.

De negro sangue as armas rociadas,  
Arrastados trarão ao luso throno  
Os mouros capitães; nas duras costas  
As roixas mãos atadas.

Se as estrellas então me consentirem  
Tuas acções cantar, da fria morte  
Verei luzir a fouce, satisfeito  
Da glória, e da fortuna.

Aqui o grande Corydon vivia,  
Entregue a si, á musa, e a seus pezares.

Devia ter em Lysia mor ventura  
Quem Lysia tanto honrou c' o plectro fino;  
Mas foi-lhe a patria injusta, ingrata e dura.

O seu so verso foi seu prémio dino;  
Que este o levou sublime á mor altura,  
E o fez de um ser mortal um ser divino.

A. R. DOS SANTOS.



## ODE XIII.

Apenas hoje a somnolenta aurora ,  
Entre as rosadas nuvens , que abafavam  
Da alcantilada serra os altos cumes ,

Mostrava a manhan fresca ;

Uma inquieta tropa de vendados,  
Lindissimos Amores se alojava  
Do fulvo Tejo na arenosa praia,

Que adorna a gran' cidade.

Arnezes , malhas , grevas e loricas  
Veste a suberba juvenil phalange ;  
Dos aureos elmos co'as torcidas plumas

Zephyro empenna as azas.

Ao rouco som de horrisonos tambores,  
Que n'uma e n'outra margem retinia,  
A brava-gente ferve ; qual puxava

A rapida columna ;

Qual marcando reductos e trincheiras,  
Na ruiva areia crava as aureas settas ;  
E qual levanta c'o alvião pesado

Merlões e plataformas.

Os tirantes de purpura atesando ,  
Outros arrastam sagres, falconetes ,  
Que em altas baterias assestados

Afrontam todo o mundo.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



**De corações feridos.**

**Que abrasados queixumes , que soluços ,  
Oh que doces suspiros, que soavam !  
De maneatadas nymphas, que rendidas  
Jazem no duro campo.**

**As linhas, os ramaes , as colubrinas  
Outra cousa não são mais que seus olhos,  
Que seus olhos azues , alvo semblante ,  
Que seus louros cabellos.**

**Fugi , nymphas , fugi d'aquelles olhos ,  
N'elles afia Amor seus passadores :  
Fugi nymphas, fugi, que seus cabellos  
São as vulçaneas redes. \***

\* Poetas , quaes Garção , que so empregam methaphoras justas, e que sempre escrevem puramente, são lidos de todos: não teem um so verso que os conhecedores não releiam cem vezes, e até saibam de cór ; mas dos outros poetas apenas se leiem alguns logares de genio , cuja belleza transcende as regras da syntaxe , ou as de um correcto estylo.

---

 ODE XIV.
 

---

## Á VIDA RUSTICA.

Ob mil vezes feliz o que encerrado \*  
 Entre baixas paredes  
 O tormentoso inverno alegre passa !  
 Que de um pequeno campo ,  
 Que elle mesmo cultiva , se alimenta  
 Apascentando as vaccas ,  
 Que da mão paternal somente herdou  
 C'os dourados novilhos.  
 Em quanto sôbre a terra se reclina

\* *O bienheureux celui qui peut de sa mémoire  
 Effacer pour jamais ce vain espoir de gloire  
 Dont l'inutile soin traverse nos plaisirs ,  
 Et qui , loin retiré de la foule importune ,  
 Vivant dans sa maison , content de sa fortune ,  
 A selon son pouvoir mesuré ses desirs !*

*Il laboure le champ que labourait son père ;  
 Il ne s'informe point de ce qu'on délibère  
 Dans ces graves conseils d'affaires accablés ,  
 Il voit sans intérêt la mer grosse d'orages ,  
 Et n'observe des vents les sinistres présages  
 Que pour le soin qu'il a du salut de ses blés.*

Dormindo descansado  
 Ao som das frescas aguas de um regato ,  
 Horrorosos cuidados  
 O não vem perturbar no brando somno.  
 A sordida cubiça  
 Lhe não faz conceber vastos projectos :  
 Não pensa , não intenta  
 Atravessar o cabo tormentoso ,  
 Soffrer chuvas e ventos ;  
 Ouvir roncar as denegridas ondas ,  
 E ver na feia noite  
 Entre nuvens a lua ir escondendo  
 O macilento rosto ;  
 Por ir commerciar c'os pardos Indios,  
 E Chinas ingenhosos.  
 A sêde insaciavel de riquezas  
 Não faz que exponha a vida

*Il ne va pas fouiller aux terres inconnues ,  
 A la merci des vents et des ondes chenues ,  
 Ce que nature avare a caché de trésors ;  
 Il ne recherche point, pour honorer sa vie ,  
 De plus illustre mort ni plus digne d'envie ,  
 Que de mourir au lit où ses pères sont morts.*

*S'il ne possède point ces maisons magnifiques ,  
 Ces tours , ces chapitoux , ces immenses portiques ,  
 Où la magnificence étale ses attrait ,  
 Il jouit des beautés qu'ont les saisons nouvelles ,  
 Il voit de la verdure et des fleurs naturelles ,  
 Qu'en ces riches lambris on ne voit qu'en portraits.*

RACAN.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

Mostrando-lhe entre sombras  
 A macilenta mão com que lhe péga.  
 Já entre mil angústias,  
 Entre os frios suspiros, que derrama,  
 Acaba a triste vida,  
 Que intentava gozar per longos annos.  
 So tu, filha do ceo,  
 Impavida Virtude, não estranhas  
 O aspecto da morte.

---

## ODE XV.

### A HORACIO.

De grande nome barbaro desejo,  
 Se o rico templo da triforme deusa  
 A poucas cinzas reduzindo, espera  
 Impia memoria!  
 É menos torpe, menos detestavel  
 Tam feio crime que imitar Horacio  
 Quem triste fama não quer dar ás aguas  
 C'o precipicio.  
 Ora sereno como o sol dourado,  
 De alegres côres todo o mundo cobre,  
 Quando a cabeça de mil raios ergue

**Detrás da serra.**

**Mas outras vezes rapido parece  
Aquillo thracio , que nos ceos batendo  
As negras azas , terra e mar envolve  
Espessa chuva.**

**Sempre sublime no Parnaso colhe  
O digno louro que lhe adorna a testa ;  
Immenso genio com ditosos vôos  
Pindaro alcança.**

**Ou cante a fresca nova primavera  
Dos grossos freixos sacudindo o gêlo ,  
Serena a lua , as Graças véem dançando  
Com Cytherea ; \***

**Em quanto ardendo na arida officina  
Ao sibilante fuzilar da forja  
Mostram os çujos amarellos rostos  
Os rijos Brontes.**

**Ou ja crimine da civil discordia \*\*  
As mãos vermelhas com latino sangue ,  
Cala-se o povo , pallida tristeza  
Muda os aspectos.**

**Ou branco cysne livre ja da esthygia ,  
Sinta nascer-lhe rude péello , sinta  
Ja , ja nos dedos, sinta ja nos hombros  
Candidas pennas. \*\*\***

\* Liv. I, od. 4.

\*\* Liv. II, od. I.

\*\*\* Liv. II, od. 20.



Sôbre as cidades voa , ja descobre  
 Do tormentoso Bosphoro bramindo  
 Parthos e Scythas, hyperborios campos ,  
 Libycas Syrtes.

Ou ja de Augusto mostra o valor nobre  
 Lavar de Crasso a vergonhosa infamia,  
 Que o Vestal fogo , Roma, Capitolio ,  
 Tinha esquecido. \*

« Eu vi inteiros nossos estandartes, \*\*  
 As armas limpas , centuriões romanos  
 Co'as mãos atadas (Regulo dizia )  
 Vi em Carthago! »

Oh grande Horacio , sempre grande e forte,  
 Sempre sublime , rapido te eleva !  
 A nossos olhos subito se esconde  
 Entre as estrellas.

\* Ateio , tribuno do povo , não podendo estorvar a expedição de Crasso contra os Parthos , correu com um brazeiro para a porta da cidade per onde saía o mesmo Crasso, lançou dentro várias hervas , e amaldiçoou a empresa em nome dos deuses de Roma.

BOCAGE.

\*\* Liv. III , od. 5.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



Em quanto em mil pedaços se despenhe,  
 E me afogue em ruínas.  
 La sai, la corre de ignorado mundo  
 Um espectro medonho,  
 Mas agradavel á romana gente,  
 E ao Britanno inflexibil;  
 Dos heroes divindade; eis o Suicidio,<sup>\*</sup>  
 O refugio dos sabios.  
 Sanguinoso punhal nas mãos sustenta,  
 O escudo da desgraça  
 Com que se oppõe á tyrannia infame,  
 Á inveja, e á suberba.  
 Sôbre montões de desmembrados corpos,  
 Sôbre abatidas aguias,  
 Em tristes restos de estandartes rotos  
 Entre extinctos soldados,  
 Que em vão a patria libertar procuram  
 Das mãos da tyrannia,  
 La vejo estar com intrepido semblante  
 O magnanimo Bruto,  
 Que nos sanguineos campos de Felipps  
 Fica vencido e roto;  
 Mas que um triumpho mais altivo e nobre  
 Ja de si mesmo alcança,  
 Com que as correntes-rispidas supplanta

<sup>\*</sup> *Noto virum, facili redimit qui sanguine famam;  
 Hunc voto, laudari qui sine morte potest.*

Do dictador soberbo.  
 Porque Roma não sirva , a Cesar mala ; \*  
 Com o mesmo duro ferro,  
 Porque a Cesar não sirva, expira Bruto. \*\*  
 Eis como a liberdade  
 Do tyranno , e da morte Bruto alcança  
 Nos campos de Felipps.  
 E o genio tetalar da infeliz patria , \*\*\*  
 Em Utica expirante ,  
 Porque ao duro Pompeo não sirva , morre.  
 As fochas despedaça ,  
 Que as feridas tapam do sagrado peito :  
 Nunca é Catão mais forte !  
 No quente banho Seneca expirando \*\*\*\*

\* Julio Cesar foi apunhalado e morto no senado, per uma conjuração de sessenta senadores, de que eram cabeças Caio Bruto, Caio Trebonio, e Caio Cassio.

\*\* Perseguidos das armas de Cesar Octaviano, sobrinho de Julio Cesar, se vieram a matar Bruto e Cassio com as mesmas espadas, com que o tinham morto a elle.

A. PEREIRA.

\*\*\* Catão vendo algemada a liberdade (depois de ler o livro de Platão sobre a *immortalidade d'alma*) varou-se com a espada.

\*\*\*\* *Néron donna bientôt l'essor à tous ses vices, par les soins des hommes corrompus qui l'environnaient. Fatigué alors des sages remontrances que Sénèque*

Vence o perfido Nero.  
 Doce refúgio de fatal desgraça,  
 Eu te abraço contente;  
 Tu es o meu escudo impenetravel  
 Contra empennadas settas,  
 Que a indigencia e penuria em vão disparam.  
 Todos podem a vida  
 Tirar ao homem na mesquinha terra;  
 Ninguém lhe tira a morte.

GARÇÃO.



*ne cessait de lui faire , il profita , pour s'en affran-  
 chir de la découverte qu'il venait de faire de la cons-  
 piration de Pison contre lui , il l'y enveloppa , et lui  
 fit ordonner de quitter la vie. Il lui laissa cependant,  
 comme par faveur, le choix du genre de mort, et le  
 malheureux Sénèque se fit ouvrir les veines.*

MOUSTALON.

*Ce poëte fut l'émule et l'ami de Francisco Manuel  
 et de Diniz. Il s'était formé lui-même , sa première  
 éducation ayant été négligée. C'est comme poëte ly-  
 rique qu'il se fit un grand nom , et qu'il a mérité une  
 place entre Manuel et Diniz. Nourri de la lecture des  
 classiques , il a , dans le choix de ses sujets , de ses  
 pensées , et dans ses images , ce cachet , ou comme il  
 s'exprimait , ce coin d'Horace qui distingue éminem-  
 ment les poésies de Manuel , de même que le gran-  
 diose de Pindare est le caractère particulier de Diniz.  
 Il faut le louer surtout des hardiesses heureuses et des  
 belles alliances de mots dont il a enrichi la langue*



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

---

 ODE EPODICA.\*
 

---

## SONHO MORAL.

Ah! Quem dissera, Corydon amigo  
 Que o sonno, o amavel sono  
 Contra os duros cuidados, dóce abrigo,  
 Em vez de ser patrono  
 De animos affligidos, á minha alma  
 Causasse atroz martirio,  
 Quando ella suspirava em doce calma  
 Ao perenne delirio

\*É esta ode a unica poesia manuscripta de F. J. Freire que me veio á mão. Eu sei que este erudito padre compoz outras muitas; porque no prologo de sua *Arte-Poetica* diz: — « Emende-se cadaum d'aqui por diante; que tomara eu ingenuamente podêr fazer o mesmo aos muitos vicios poeticos, de que estão cheias as poesias dos meus primeiros annos, e ainda as dos mais adultos, etc.— Mas, como podera eu obter taes poesias n'um paiz estranho, e sem conhecer em Lisboa sujeito algum que quizesse tomar a cargo o descubri-las e enviar-mas? Contentem-se por ora os leitores com ésta, que, talvez, a pessoa ou pessoas, em cujo podêr existem as mais, as deem um dia ao prelo.

De pensamentos mil fugir? Eu creio,  
 Que o deus do somno vago  
 So para me causar funesto enleio  
 Banhou no estygio lago  
 A fatal vara: ve se acerto; observa  
 A narração concisa  
 Da visão, que a memoria inda conserva,  
 E o ânimo horrorisa  
 Nos impressos signaes de seus horrores.  
 Oh! quem nunca tiverá,  
 Tyrannico Morpheu, os teus favores,  
 Que sem elles vivera  
 Ésta alma mais tranquilla em seus cuidados!—  
 No centro mais profundo  
 De um círculo de montes escarpado,  
 Que a distancia do mundo  
 Aos eixos celestiaes quasi mediam,  
 Sonhei ver lago immenso,  
 Cujo ambito robustos opprimiam  
 Troncos, qu'em bosque denso  
 Não deixavam passar no ardente estio  
 A furto a luz escaça:  
 Assim se trava horribil e sombrio,  
 Que a vista s'embaraça  
 No frondoso intrincado labyrintho.  
 Alli, como á porfia,  
 Com espantoso canto nunca extinto  
 O lugubre ar feria  
 Horrída turba d'aves, que abortavam



As margens asquerosas.  
 Alli a prole vi das que manchavam  
 As viandas sab'rosas  
 Do misero Phineu, e das que a Tycio  
 No Averno inda devoram  
 Com perenne tyrannico exercicio.  
 Alli creio , que moram  
 As cruas filhas d'essa alada fera,  
 Que a Andromeda innocente \*  
 Com atroz sanha devorar quizera ;  
 E mil monstros , que a gente  
 Humana nunca vira , nem pintara ,  
 Quando Esphynges enormes ,  
 E medonhas Chymeras inventara.  
 Per entre o bosque informes  
 De carcomidas árvores travadas  
 Cavernas s'occultavam ,  
 Que com pestes do Tartaro exhaladas  
 O olfato me atacavam.  
 N'uma vi desgrenhada , e meditando  
 Muda a melancholia ,  
 E emtórno d'ella sem cessar voando

\* Chegou a temeridade d'esta princeza a ponto de disputar formosura com Juno, e as nereidas. Irritada a deusa , condemnou Andromeda a ser encadeiada e exposta , sôbre um rochedo, a um monstro marinho ; porêm Perseu, montado no cavallo Pegaso, petreficou o monstro , mostrando-lhe a cabeça de Medusa , e livrou Andromeda.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



Basiliscos e griphos , que voavam ,

E com silvos medonhos

Sem descansar os ares atroavam ;

Monstros , que nos seus sonhos

Nunca pintar soubera a vaga ideia

D'esse Callot \* famoso.

A tanto silvo que entre si guerreia

No estrondo temoroso ,

Acordei ; mas de modo, que inda o sangue

Mudado em gêlo siuto ,

Entorpecida a voz ; e a alma exangue

Não sai do labyrintho.

Tu zombas , Corydon ? sonhei ; é certo ;

Foi van toda a pintura :

Mas pensa , como eu penso agora esperto ,

Que a vida pouco dura ,

E poderemos ver com somno eterno

D'êsta visão ligeira .

N'aquelle horrendo lago sempiterno

A imagem verdadeira.

FRANCISCO JOSÉ FABRE.

\* Allude o poeta á estampa d'esse celebre abridor francez , que representa san' Antonio eremita atormentado pelos espiritos infernaes.

O facundo e diligentissimo auctor d'êsta ode, assi na sua *Arte-Poetica*, com em outros livros que compoz para uso da mocidade portugueza , para quem unica-

*mente escrevia*, desconheceu os principaes requisitos em taes obras, que são: — *brevidade, methodo e boa escolha d' exemplos* — (devendo sempre os nacionaes antepor-se aos estranhos) como ja então practicavam, e hoje practicam as nações mais cultas de Europa. A dicta *Arte-Poetica*, dividida em dous tomos, que formam um total de 552 paginas, é mui volumosa para qualquer alumno, que deseja conhecer as regras da poesia. Acha-se alêmdisso, semeiada de logares extraídos de auctores estrangeiros; quando os de auctores patrios são os unicos que podem formar o gôsto ao mesmo alumno, e designar-lhe as bellezas da lingua em que hade poetar. Demais, nem sempre o discernimento imparcial e apurado dictou os juizos que promulga o nosso philologo acerca dos escriptores que allega. Seja exemplo o seguinte extracto feito na mencionada *Arte-Poetica*, tom I, folh. 95:

• Porêm entre todos os poetas modernos intendo, segundo o meu juizo, que não houve algum tam maravilhoso nas suas imagens, como o padre Thomaz Ceva no seu poema latino, intitulado *Jesus Puer*. Descreve elle um conductor de camellos, que tornando de Nazareth, o cercam os povos, e todos lhe pedem que lhe dê novas de Maria, refugiada no Egypto. Narra este homem muitas cousas; mas apenas acaba de fallar, logo entram outros de novo a fazer-lhe mais perguntas. Ésta pintura certamente não póde ser mais viva; porêm eu, por fugir á prolixidade, so apontarei uma naturalissima circumstancia, com que o poeta dá mais alma á sua obra:

*Nunc sequar ( hospes ait ) siccis permittite labris,  
( Nam crudis cœpis vox aspera faucibus hæsit )*

*Tantisper liquido verba irrorare lyæo.*

*Sic ait, appositoque mero, ut gens prisca solebat,*

*Implevit pateram, manibusque utrinque prehensam*

*( Quod felix, socii, faustumque sit omnibus) hausit,*

*Bisque interrupit sinceris laudibus haustum,*

*Inversaâque manu barbã, atque ora hispida tersit.*

Veja-se como este excellente poeta tendo fixos os olhos da phantasia para o costume e character de um homem rustico, o exprimiu todo com palavras admiravelmente significantes. Aquelle pedir vinho para ( como nós ainda vulgarmente dizemos ) *mollar a palavra* ; por ter a voz aspera e sêcca pelas cebollas cruas que comera : aquelle pegar na taça com ambas as mãos, beber á saúde de todos , e interromper duas vezes a bebida para louvar o vinho, e com louvores *sinceros* : aquelle enxugar a barba com as costas da mão , são tudo umas bellissimas e vivissimas imagens , que pintam, e fazem ver as cousas com evidencia. •

Eis o que diz Francisco Dias Gomes a respeito do seguinte logar do II canto, est. 1. dos *Lusiadas* censurado pelo auctor do juizo aclmã. •

**Ja n'este tempo o lucido planeta ,**

**Que as horas vai do dia distinguindo,**

**Chegava á desejada e lenta meta**

**A luz celeste ás gentes encubriendo :**

**E da casa maritima secreta ,**

**Lhe estava o deus nocturno a porta abrindo, etc.**

Ésta é uma das mais notaveis pinturas do pôr do sol , que se acha na poesia , cuja phrase é summa-mente poetica e harmoniosa. Lembro-me que na *Poetica* do padre Francisco José Freire (se não me



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

---

**ODE I.\***


---

**ESTROPHE I.**

Bemque a teu alto esforço eterna croa  
 Tecesse, inclyto Gama, \*\*  
 Clarim sonoro, que no Pindo voa  
 Sòbre as azas da fama;  
 Eu, que apezar da inveja e seus furores,  
 Aos astros levo o nome lusitano,  
 Á minha lyra o pano  
 Pelo mar soltarei dos teus louvores.

**ANTISTROPHE I.**

Per largo campo, indomito e fremente,  
 Corre o Nilo espumoso :

• E que dirás do gran' Diniz? Qual cysne  
 Alipotente aos ares se abalança :  
 Leva nas azas de seus almos versos,  
 Famosos capitães, que fulminaram  
 Da titanide aurora os largos campos  
 Co' a espada invicta, que cortou mil palmas,  
 E nosso nome ergueu aos ceos sublime.

A R. DOS SANTOS.

\* Vasco da Gama.

Feroz alaga a rapida corrente

O Egypto fabuloso:

Mas se na gran' carreira, ás ondas grato,

Tributo de caudaes rios accedita,

Suberbo não rejeita

Pobre fendo de incognito rogato.

#### EPODO. I.

Da emonia lolcos denodado parte

O Thessalo extremado; \*

E do campo salgado

Com cem remos varrendo immensa parte

As fauces entra do espantoso Euxino,

Chega a Colchos, e rouba o Vellocino.

#### ESTROPHE II.

A grande acção, de glória a Grecia cheia,

\* Pelias rei de Iolchos persuadiu a Jason que tentasse a conquista do vello de ouro. O rumor d'êsta expedição tendo-se espalhado per toda Grecia, muitos principes gregos quizeram n'ella entrar, e partiram com Jason para Colchos onde se achava o dicto vello pendurado de uma árvore e guardado per um monstruoso dragão. Chamaram-se Argonautas, do nome de sua nau appellidada Argos. Tanto que Jason abicou a Colchos, affeiçãoou-se a Medea, grande feiticeira, a qual lhe deu certa herba para com ella adormecer o dragão, e depois mata-lo. O que feito, trouxe Jason consigo o vello e Medea.



**Corre a fazer famosa:**

**Oh de ricas ficções que longa teia  
Tece em Pimpla vaidosa !  
Ferozes touros que , calçados de aço ,  
Brotam de negro fumo atroz torrente ,  
Fera immensa serpente ,  
Fez em Colchos ceder ao forte braço.**

**ANTISTROPHE. II.**

**Do negro mar na foz alçou fervendo  
Vivas rodantes ilhas ,  
Que a morte intimam , com fragor horrendo ,  
De longe ás curvas quilhas :  
Os ventos sólta pelos mares largos ;  
E por mais realçar Jason valente ;  
Na região luzente  
Entre os astros colloca a immortal Argos.\***

**EPODO II.**

**Assim o povo do Parnaso usa  
Entalhar na memoria  
De alto varão a gloria.  
Orna a verdade , mas não mente a Musa :  
Costume tam gentil eu não condeno ;  
Exemplo tenho no cantor de Ismeno.**

\* Ellas (naus) promettem vendo os mares largos ,  
De ser no Olympo estrellas , como a de Argos.

CANÇÕES, Lus., cant. iv, est. 85.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



## ESTROPHE IV.

Alli não rouba, com mil ciladas pronto,  
A preciosa pelle,  
Que trajou sôbre as ondas do Hellesponto  
O rico animal de Helle:  
Mas do Gate arrostando a altiva fronte,  
De traçar a immortal estrada ufano,  
Ao braço lusitano  
De immensa glória abria perenne fonte.

## ANTISTROPHE IV.

Se queres pelas ondas inquietas  
Seguir o gran' guerreiro,  
Novas pede, minha alma, agudas settas,  
De Pátara ao frecheiro:  
Canta então como a barbara Quiloa \*  
Faz tributaria ás invinciveis quinas;  
Como o mar de ruinas  
Semeia, e em Calecut horrendo troa.\*\*

\* Cidade na costa de Melinde: foi arrasada pola traição que o rei urdiu aos Portuguezes, que iam descubrir a India.

\*\* Da terra os naturaes lhe chamam Gate, Do pe do qual (monte) pequena quantidade Se estende na fralda estreita que combate Do mar a natural ferocidade:

**EPODO IV.**

Como da furia do valente braço  
Neptuno procelloso  
Todo treneu medroso. . . .  
Mas se de Cyrrha o vento sopra escaço,  
Das sublimes acções no mar profundo  
Enverga as sóltas velas, e dá fundo.

Aqui de outras cidades sem debate,  
Calecut tem a illustre dignidade  
De cabeça de imperio rica e bella:  
Samorim se intitula o senhor d'ella.

CAMÕES, *Lus.*, cant. VII, est. 22.

---

**ODE II.****ESTROPHE I.**

Oh filha do Oceano,  
Do undoso campo flor, gentil Madeira!  
Dos meus brilhantes genios a carreira  
Hoje seguindo ufano,  
Em teu seio frondente  
Do Pindo accenderei a tocha ardente;

**B de Vieira\* illuminando a historia,  
O mundo cubrirei de tua gloria.**

**ANTISTROPHE I.**

**Vibrando resplandores  
A tórre de seus feitos portentosos,  
Cem portas, per onde entrem gloriosos,  
Me offrece a seus louvores;  
Ou quando á liberdade  
D'aureos beus sacrifica a immensidade,  
Ou quando armado de lustrosa malha  
Em Batavia o terror, e o pranto espalha.**

**EPODO I.**

**Em vão contigo competir intenta  
Suberba a antiga Egina,  
Bemque ser mãe ostenta  
De prole no valor quasi divina:  
Ella em seu seio viu brotar vaidosa  
Do grande Eáco a estirpe generosa,  
De quem fructo admiravel  
Foi de Peleu o filho inexoravel.\*\***

**ESTROPHE II.**

**Foi Ajax Telamonio,**

\* João Fernandes Vieira, restaurador de Pernambuco.

\*\* Achilles.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

Triste chuva de pranto  
 De Olinda\* as bellas faces inundava;  
 E sôbre ella lançando o tempo irado  
 Dos ferreos annos o esquadrão armado,  
 Lhe dava em larga taça  
 A gostar toda a furia da desgraça.

## ESTRÓPHE III.

De sangue, e de riqueza  
 Em sêde ardendo o Belga, e de ira cheio,  
 Lhe rasga sem piedade o gentil seio.  
 Guiada da fereza  
 A perfidia insolente,  
 Consultando no horror da fallaz mente,  
 Já prostrado a seus pés o Brasil via,  
 E as mãos com cem cadeias lhe prendia.

## ANTISTRÓPHE III.

Mas em vão larga ao vento  
 Suberbo imperio as azas da esperança,  
 Se a seu throno benefica não lança  
 Astrea o fundamento.  
 Esparta o mostra quando;  
 De Trasybulo\*\* os crueis golpes provando,

\* Cidade da America meridional no Brasil, em a capitania de Pernambuco.

\*\* Basejava Trasybulo o coragem dos principaes Athenienses, e congregando-os certo dia, retirou-se

**O sceptro via quebrar, que a tyrannia  
Em Athenas com ferrea mão regia.**

**EPODO III.**

**America feliz , maior exemplo  
Alçar-se ao ceo sublime  
Em ti hoje contemplo ,  
Quando Hollanda feroz Vieira opprime  
Em seu braço e conselho so fiado.  
Ella brilhar o via em campo armado ,  
Qual pallida e inquieta  
Ve a terra brilhar torvo cometa.**

**ESTROPHE IV.**

**O estrago lastimoso  
D'aurea sorte , de próspera riqueza ,  
Não move , não suspende na alta empreza  
O campeão famoso ;  
Não immensos soldados  
De arrogantes victorias coroados ;  
Que uma alma grande, a quem a gloria anima**

**com elles d'Athenas. Foram Megara e Thebas as uni-  
cas cidades que quizeram recebe-los: porém Lysias  
syracusano , enviando-lhes 500 soldados; preparado  
d'este pequeno exército , apontou Trasybulo ante as  
portas d'Athenas , e dando aos Tyrannos uma terri-  
vel batalha , expelliu-os da cidade.**

*Epitome da Hist. antig.*



Captiva a patria , a vida não estima.

ANTISTROPHE IV.

Ja de grande íra armado ,  
Em campo vibra o braço procelloso;  
Ja o batavo leão , que ruge iroso ,  
Tem a seus pés prostrado.

Tu, nas viçosas margens ,  
De sangue fuzilar entre as voragens  
Viste, Tapacurá , immensa morte  
Da fina espada ao fulgurante corte.

EPODO IV.

Pelas douradas messes voraz chama  
Tam rapida não corre  
Como , assombrando a fama ,  
De victoria em victoria o heroe discorre.  
Em cem partes cair tremendo raio  
O ve Hollanda com fatal desmaio ,  
E á vista da ruina ,  
A suberba cerviz ao jugo inclina.

ESTROPHE V.

Mas ceos ! sempre violento  
Monstro da inveja , as azas desatando  
Com horrendo zunido, anda cercando  
O gran' merecimento!  
E de um zêlo brilhante  
Talvez cubrindo o esqualido semblante ,



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



## ESTROPHE VI.

Quando o famosó Fabio ,  
Deidade tutelar da patria terra ,  
As redeas toma da funesta guerra .  
Valente a um tempo e sabio :  
Ja em campanha posto ,  
Do cruel africano rosto a rosto  
Astuto doma a perigosa ideia,  
E as indomitas furias lhe sopeia.

## ANTISTROPHE VI.

O povo de Quirino ,  
Que ve d'entre as ruínas levantar-se ,  
E ao primeiro esplendor ufano alçar-se ,  
O gran' valor latino ;  
Com errada sentença ,  
Em vez de honrar de Maximo a detença ,  
Com Minucio \* inexperto o sceptro parte ,  
Que o grande heroe regia em fausto Marte.

## EPODO VI.

Ma oh raro prodigio de virtude!  
Com inteiro semblante  
Soffre do povo rude  
A grande affronta a dictador constante :

\* General da cavallaria.

Á pura lei se humilha generoso ;  
 E immolando cem vezes glorioso  
     Á patria a grande injuria,  
 Das mãos a salva da africana furia.

ESTROPHE VII.

Talvez vulgo profano  
 Clamará com estranho desvario ,  
 Que o baixel alteroso errado guio  
     Pelo immenso Oceano.  
 Mas o sabio, que intende  
 Das Musas os mysterios, bem comprehende  
 Que se longe me lança o vento forte,  
 De meu rumo não perco o fixo norte.

ANTISTROPHE VII.

Depois de cem victorias,  
 Que ao magnanimo heroe Bellona entrega,  
 Outro Minucio a eclipsar-lhe chega  
     As scintillantes glorias :  
 Mas com igual alento  
 Outro Fabio mostrou o soffrimento ;  
 Outro Fabio brilhou, domando ufano  
 A cega inveja, o batavo tyrano.

EPODO VII.

Vós, montes Gararapes, entre a negra  
 Nuvem de Marte horrendo,

Qual Jupiter em Flegra  
 O Belga o viste fulminar tremendo :  
 Até que vendo a fulgurante espada  
 Para o ultimo golpe levantada ,  
 Assim, tarde prudente,  
 Sigismundo\* fallou á sua gente

## ESTROPHE VIII.

«Valerosos soldados,  
 No regaço creados da victoria,  
 Se de Hollanda murchar querem a gloria  
 Hoje os funestos fados ,  
 Ceda-se á sua furia :  
 Não dobremos no estrago a nossa injuria :  
 Que é desesperação, não hardimento ,  
 O querer contrastar o firmamento.

## ANTISTROPHE VIII.

Deixemos ésta terra  
 Com nosso sangue illustre á forte gente ,  
 Que traz no gran' Vieirá á sua frente  
 Uma furia da guerra:  
 De seu genio animado ,  
 Que não emprenderá o luso ousado ?  
 Elle primeiro, arando os largos mares ,  
 Em Africa plantou os patrios lares.

\* General hollandez.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

## ANTISTROPHE I.

Que hoje me emprestes não em vão pretendo;  
 Pois na immortal memoria  
 Com thebano buril lavrar pretendo\*  
 Do luso Heitor\*\* a gloria;  
 Heroe por quem o Tejo corre ufano,  
 Mais do que Simois pelo Heitor troiano.

## EPODO I.

Eu com ella domar a furia intento  
 Da venenosa inveja,\*\*\*

\* O verbo *pretendo* no primeiro verso da antistrophe, rhymando com o mesmo verbo no terceiro verso, foi descuido do poeta.

\*\* Heitor da Silveira.

E não menos de Diu a fera frota,  
 Que Chaul temerá, de grande e ousada,  
 Fará co'a vista so perdida e rota,  
 Per Heitor da Silveira, e destroçada;  
 Per Heitor portuguez, de quem se nota,  
 Que na costa Cambaica sempre armada,  
 Será aos Guzarates tanto dano,  
 Quanto ja foi aos Gregos o Troiano

CAMÕES, *Lus.*, cant. x, est. 60.

\*\*\* *Scripta placent a morte ferè, quia lædere vivos  
 Livor, et injusto carpere dente solet.*

OVIDIO.

**Monstro inda mais violento  
Que os que tu pelas selvas amansavas,  
Quando nos priscos tempos a tocavas.**

**ESTROPHE II.**

**Elysia que so ouve em seu Permeso  
O brando som de amores,  
Como ouvirá das guerras sem despreso,  
As mortes , os horrores,  
Se não vir, quando a doce voz levanto,  
Que é tua a lyra que acompanha o canto ?**

**ANTISTROPHE II.**

**Ante o muros de Pergamo guerreira  
Heitor se apresentava :  
Treme o crespo cocar sôbre a viseira ,  
Que os ventos açoutava :  
Chammas fuzilam o pavez dourado ,  
A mortal lança , a espada , o arnez lavrado.**

**EPODO II.**

**Tal, a lança enristrando coruscante,  
Cai sôbre o campo argivo  
O braço fulminante :  
Chuvas de sangue pela terra espalha ,  
E o campo de crueis mortes coalha.**

**ESTROPHE III.**

**A lavar em seu sangue a atroz injuria ,**



Da vingança nas penas,  
 Em vão corre bramando a horribil furia  
 De Esparta, e de Mycenae;  
 Que a seu pezar o heroe na gran' derrota  
 Cobre de fogo e sangue a grega frota.

## ANTISTROPHE III.

Patroclo, das ruínas condoído,  
 Veste a grave armadura,  
 Que de Thetis ao filho destemido,  
 Na officina escura  
 De Vulcano lavrou o adusto braço,  
 De ouro embutindo o impenetravel aço.

## EPODO III.

Então, de seus destinos arrastado,  
 A dar alento á Grecia,  
 Ao campo ensanguentado  
 Corre Patroclo; mas debalde corre,  
 Que ás mãos do Teucro sem piedade morre.

## ESTROPHE IV.

Per largo tempo assim Heitor sustenta  
 De Troia os fataes muros,  
 Mas á fôrça porfim cedeu violenta  
 Dos fados seus escuros;  
 Que apezar de Acidalia, que o defende;  
 Á thessalica lança a vida rende.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



A salobre campina ;  
Tal o Dalaca \*; tal sôbre Achem \*\* voa ,  
E Dofar \*\*\* arruina :  
Tal desce, oh Malabar! á tua praia ;  
Tal corre os campos da infeliz Cambaia.

## EPODO V.

Tal, vibrando os crueis raios de Marte ,  
De Diu sôbre a armada  
O lugubre estendarte  
Da morte asteia, e tinge o braço ufauo  
De negro sangue o rosto do Oceano.

## ESTROPHE VI.

A tanto estrago Baçaim,\*\*\*\* cercada  
Em vão de immensa gente,  
Ja tremé ao divisar que a fera espada  
Do campeão ardente

\* Ilha do mar vermelho que entesta com a costa d'Abex.

\*\*Capital do reino do mesmo nome em o lado septentrional da ilha de Sumatra na India Oriental.

\*\*\*Cidade insigne em a costa de Arabia-feliz, d'onde vem o melhor incenso.

\*\*\*\*Logar entre Chaul e Diu, em cuja fortaleza havia 400 peças de artilheria, quando o grande Nuno da Cunha a tomou no anno de 1533.

Os Muros rompe , o baluarte arrasa ,  
E em vivo fogo vencedor a abrasa.

ANTISTROPHE VI.

Oh como abala , oh como pela terra  
De Beth os muros lança !  
Mas , oh lyra , as suberbas azas cerra ,  
Que se altera a bonança :  
Sinto mugir o mar , crescer furioso  
Com o sôpro da inveja venenoso.

EPODO VI.

Dirá talvez o monstro cheio de ira ,  
Que he diffuso o teu canto :  
Mas tu lhe torna , oh lira ,  
Que não cabe da concha no regaço  
O mar que róla per immenso espaço.



ODE IV.



ESTROPHE I.

Quando o discurso humano  
Se põe da natureza  
A medir a fraqueza ,  
Pasma , esmorece e perde a confiança :

Mas se do Eterno o braço soberano  
 Em seu desmaio a contemplar se avança,  
 Ve de emtórno brotar alta esperança ;  
 E qual o Sião monte,  
 Seguro entre as procellas alça a fronte.

## ANTISTROPHE I.

De feroz turba ingente  
 Horrendamente armada  
 Thema infeliz cercada  
 Via o gran' Machabeu , e também via  
 A pouca de Judá e inerme gente.  
 Mas o forte varão , que em Deus confia ,  
 Contra o Syrio feroz ousado a guia ;  
 Fere a cruel batalha ,  
 E qual po o desfaz que o vento espalha.

## EPODO I.

Subito de ruínas se cubriam  
 Os campos dilatados;  
 Cavallos , cavalleiros jarretados \*  
 De sangue em largo rio  
 Morrendo com furor se revolviã:  
 E quaes no ardente estio

\* Com as pernas ou braços cortados :

# Com ella (machadinha) jarretei os bois pelas pernas. •



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

## EPODO II.

Roto em cem partes o famoso muro  
 Que soberbo a cingia,  
 Qual viuva miserrima se via  
 A magestosa Dio : \*  
 Tincta de dó e involta em manto escuro ,  
 Cobrando novo brio  
 Em seu estrago o Mouro que a cercava ,  
 Com cem canhões e minas  
 Lhe dobrava as ruinas ,  
 E quasi o feroz collo lhe pizava.

## ESTROPHE III.

Quando brandindo a lança ,  
 Em seu favor ligeiro ,  
 Corre o feroz guerreiro  
 Com pouca sim , mas destemida gente.  
 Já de seu seio sai , e tal se avança  
 Dos Mouros a ferir na hoste ingente,  
 Qual cercado leão na Libya ardente,  
 Que sacudindo a juba ,  
 Per dardos rompe , e o caçador derruba.

contra o Hidalcão , e fez outras muitas cousas dignas de memoria.

J. F. BARRETO.

\* Cidade maritima em o reino de Cambaia , fertil abundante , sadia , e de muito tracto.

## ANTISTROPHE III.

No terribil conflito  
Brandia o varão forte  
A cada passo a morte,  
Que quanto encontra despedaça e estraga.  
E qual então lançou medonho grito  
O Mouro, que em seu sangue a terra alaga!  
Sem côr o rosto pelo campo vaga,  
E blasphemando morte  
Aos pés de Castro, que triumphante corre.

## EPODO III.

Prosegue , lyra , e as azas veloz bate  
De Salsetta \* á campina,  
Onde o braço feroz prostra e fulmina  
O barbaro hardimento  
Em novo , sanguinoso e atroz combate.  
Quaes no salso elemento  
Os máres uns sôbre outros se encapellam ,  
Quando Euro procelloso  
Roncando cai furioso,  
Taes os Mouros fugindo se atropellam.

## ESTROPHE.

De immenso povo armada,

\* Ilha no mar indico em a costa do reino de Decan.



Eis de Baroche \* á praia

Desce feroz Cambaia.

Marte, sangue estilando latimoso,

Per cem canhões ante ella horrendo brada;

Mas brada em vão, que o capitão famoso

Os lenhos deixa, e qual raio espantoso,

Vibrando a espada ardente,

Immobil deixa a innumeravel gente.

#### ANTISTROPHE IV.

Eu que de branca pluma,

Novo cysne do Tejo,

Cubrir todo me vejo,

As azas bato, vôo ao firmamento,

Sem temor de dar nome á salsa escuma,

Prendendo as azas do ligeiro vento,

Bem podia cantar em alto accento

Como o guerreiro invicto

A cinzas reduziu Dabul \*\* afflicto.

#### EPODO IV.

Como feroz Pondá \*\*\* cruel combate :

\* Cidade nos estados do gran' Mogol.

\*\* Logar de Cambaia, que D. Francisco de Almeida, vice-rei da India, entrou á fôrça de armas, e o destruiu, sem ficar pedra sôbre pedra, nem pessoa viva

J. F. BARRETO.

\*\*\* Fortaleza do Hidalcão, tres leguas de Goa pelo sertão dentro.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



---

 ODE V.
 

---

## ESTROPHE I.

Eu não consagro altares  
 Da vil lisonja ao idolo profano;  
 Nem cruzo os subtiz ares  
 Cantando apar do gran' Cysne thebano,  
 Para o nectar libar de immortal hino  
 Ao luxo, da opulencia parto indino.  
 O genio que me inspira, alto e sagrado,  
 Em mais estima e preza  
 A formosa virtude em baixo estado,  
 Que o fausto inerte de uma van riqueza.\*

## ANTISTROPHE I.

Tu, oh forte Pacheco,\*\*  
 Do ceo de Marte estrella luminosa, †  
 De cujo nome ao eco

\* *Aurum in fortunã invenitur; naturã ingenium bonum.*

PLAUTO.

\*\* Duarte Pacheco Pereira, que venceu sette vezes o imparador do Malabar, chamado entre elles Samori, vindo de todas com grande podèr. Em sa-

Ainda Calecut treme medrosa , \*  
 Hoje o norte serás da minha lira ,  
 Que de glória immortal aura respira.  
 Da encanecida idade no regaço  
     Não dorme a honrosa fama  
 De teu illustre portentoso braço ;  
 Mas do Pindo a fará mais viva a flama.

## EPODO I.

As passadas façanhas na memoria ,  
 Grecia representando ,  
 Oh quantos com a luz da eterna historia

tisfação do que , depois de muitas perseguições ,  
 veio a morrer pelos hospitaes.

J. F. BARRETO.

E canta como la se embarcaria  
 Em Belem o remedio d'este dano ,  
 Sem saber o que em si ao mar traria  
 O gran' Pacheco, Achilles lusitano :  
 O pêso sentirão , quando entraria  
 O curvo lenho e o férvido Oceano ,  
 Quando mais n'agua os troncos que gemeram,  
 Contra sua natureza se metteram.

CAMÕES, *Lus.*, cant. x, est. 12.

\* Fará que todo o Naire emfim se mova ,  
 Que entre Calecut jaz e Cananor,  
 D'ambas as leis inimigas para a guerra,  
 Mouros per mar, Gentios pela terra.

CAMÕES, *Lus.*, cant. x, est. 14.

Heroes está mostrando !  
 Cimon que de Barymédon torna as ondas  
 De sangue em triste lago:  
 Timotheo fero estrago  
 De Olyntho , e Paphlagonia : Epaminondas...  
 Mas entre todos , por igual a Alcides ,  
 Aponta com o dedo a Leonides .

## ESTROPHE II.

Qual Austro procelloso .  
 Habitante feroz do pólo frio ,  
 Que corre impetuoso  
 A assolar de Neptuno o senhorio,  
 Da Grecia a devastar o rico seio,  
 Xerxes\* corria de esperança cheio.  
 Neptuno em vão o affronta na carreira,  
 Que aos barbaros sem conto,  
 Com suas ondas é fraca barreira  
 A espantosa muralha do Hellesponto.\*\*

## ANTISTROPHE II.

Tal o varão famoso ,  
 Que de Europa gentil ve o desmaio ,

\* Filho de Dario , e o mais poderoso rei dos Persas.

\*\* É um braço de mar que divide Asia de Europa, chamado hoje o estreito de Galipoli , ou braço de san' Jorge.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**

Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

Que rotas viu as barbaras phalanges.

ESTROPHE III.

Cem paraos\* torreados,  
 Donde per bocas mil brota Mavorte,  
 Entre horrorosos brados,  
 Em fogo, em fumo, em sangue involta a morte:  
 Zargunchos, flechas, que em chuvaes voam  
 Elephantes bramindo a terra atroam :  
 Neptuno da batalha ao som horrendo  
 No fundo mar se espanta :  
 Nos eixos muda a terra está tremendo;  
 Mas nada o grande coração quebranta.

ANTISTROPHE III.

Do Samorim potente,\*\*

- Embarcação da India de guerra.\*
- \*\* E todos outra vez desbaratando,  
 Per terra e mar, o gran' Pacheco ousado,  
 A grande multidão, que irá matando,  
 A todo o Malabar terá admirado.  
 Commetterá outra vez, não dilatando,  
 O Gentio os combates apressado,  
 Injuriando os seus, fazendo votos  
 Em vão aos deuses vãoos, surdos e immotos.  
 Virá alli o Samorim, porque em pessoa  
 Veja a batalha, e os seus esforce e anime ;  
 Mas um tiro, que com zunido voa,  
 De sangue o tingirá no andor sublime.

Muro de bronze , contra o braço irado ,  
 Do perigo imminente  
 De Cochim defendeu o rico estado ,  
 De immenso luto o Malabar tingindo,  
 Qu'inda os golpes cruéis está sentindo.  
 Trimpmpara, que absorto em tantas glorias,  
 Caír do estoque agudo  
 Ve a morte em mil fórmias , das victorias  
 As sombras lhe bordou no avito escudo.

EPODO III.

Mas não é theatro so da sua fama  
 O gentilico Oriente,  
 Que a seus laureis ministra nova rama  
 Da Gallia a forte gente.  
 Vós , ondas , a quem deu nome famoso  
 O mauritano Atlante,  
 Campo forte brilhante  
 De honrosas palmas ao campeão glorioso ,  
 Que em toda a parte o leão , em toda a idade ,  
 Igual conserva a innata magestade.

ESTROPHE V.

Da passada rapina

Ja não verá remedio ou manha boa ,  
 Nem fôrça que o Pacheco muito estime :  
 Inventará traições e vãos venenos ;  
 Mas sempre ( o ceo querendo ) fará menos.

CAMÕES, *Lus.*, cant. 1, est. 15 e 17.



Ufano Mondragon o mar cortava,  
 E com fatal ruina  
 De cem furias cercado, ameaçava  
 Quanto rico baixel do Indostan voa  
 De pareas carregado á gran' Lisboa.  
 Mas o bravo Pacheco n'um instante,  
 Os lenhos fulminados,  
 Do pirata a seus pés viu triumphante  
 Os arrogantes brios derribados.

## ANTISTROPHE IV.

Quanto, quanto se engana  
 Se, em si fiado, o são merecimento  
 Da fortuna tyrana  
 Ao barbaro revez se julga isento!  
 Pois com torvo semblante sempre a inveja  
 Olha a virtude, que opprimir deseja.  
 Em vão, mortaes, não clama a minha lira  
 Se, para illustre exemplo,  
 Entregues da pobreza á cruel ira  
 A Pacheco\* e Milciades\*\* contemplo.

\* O Belisario, . . . . que no coro  
 Das musas serás sempre engrandecido;  
 Se em ti viste abatido o bravo Marte,  
 Aqui tens com quem podes consolarte!

Aqui tens companheiro, assi nos feitos,  
 Como no galardão injusto e duro:  
 Em tí, e n'elle veremos altos peitos,  
 A baixo estado vir, humilde e escuro:



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



Apar do qual não brilha o fragil ouro ;  
 Pois hoje as Musas do valor amigas ,  
 Croam per' minhas mãos tuas fadigas.\*

\* Para estas odes servi-me da edição de Coimbra, de 1801, por me faltar o 6º tomo da edição que de pois se fez em Lisboa.

---

## ODE VI.\*

### ANACREONTICA.

De seguir no alto monte  
 Fatigado as bravas feras,  
 Uma fonte  
 Que toldavam verdes heras  
 E bordava o fresco prado  
 De junquinhos

\* Tambem o benemerito edictor da última edição das poesias de Diniz, não determinou o merito das odes anacreonticas d'este vate. Mas na prefacção collocada em testa do quinto volume, dá o sobredito edictor a primazia ás pindaricas. Eis como se elle exprime.

\* As odes pindaricas de Elpino são as melhores

De violas e tomilhos,  
A buscar baixo apressado,  
Por matar a sêde ardente  
Em a frígida corrente.

Quando amor que repousava  
De Nigella no regaço,

Despertava

C'o rumor que ao passar faço :  
Ergue o rosto, e ao ver que eu era

Quem buscando

Da fontinha\* o crystal brando  
Sua doce paz lhe altera ;

de suas poesias ; e não so das lyricas , mas de todas as outras que se acham impressas nos quatro antecedentes volumes. A grandeza dos assumptos que n'ellas canta , e a sábla imitação do maior dos lyricos gregos , que tomou por exemplar , levam o poeta portuguez ao auge de glória , a que tinha chegado nos antigos tempos o seu modêlo. -

\* Os nossos antigos poetas , e em special Camões nos *Lusiadas*, souberam usar dos *diminutivos* com um discernimento e gôsto admiravel :

A éstas *criancinhas* tem respeito.

*Canto. III, est. 28.*

Aos peitos os *filhinhos* apertaram.

*Canto. IV, est. 28.*

Garcia de Resende, *Miscellania*, folh. 163, col. 3, per *diminutivos* dá bem a conhecer o des-

Toma o arco que deitado  
Entre a relva tinha ao lado.

Uma setta cuja ponta »  
Era de ouro o mais brilhante,  
N'elle aponta.

Voa o raio penetrante  
E veloz me passa o peito.

O tyrano

A ferida vendo ufano  
Com um riso contrafeito  
« Olha (diz) pastor grosseiro  
Se é Amor destro frecheiro. »

E voltando-se a Nigella  
D'êsta sorte continua ;  
« *Nympha bella*  
A conquista será tua :

prêso, em que tinha a novidade dos ridiculos trajos e usos, que em seus tempos prevalecia, dizendo :

Agora vemos capinhas,  
Muito curtos pelotinhos,  
Golpinhos e sapatinhos,  
Fundas pequenas, mulinhas,  
Gibõeszinhos, barretinhos,  
Estreitas cabeçadinhas,  
Pequenas nominaszinhas  
Estreitinhas guarnições;  
E muitas más invenções,  
Poisque tudo são cousinhas.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

**PARNASO LUSITANO.**

**A sombra grossa,  
Que a feia noite  
Triste espalhou.**

**Do alvo regaço  
Entre esplendores,  
Fragantes flores  
Lança em chuviros  
O eburneo braço:  
E os passarinhos  
Com doces cantos  
Pelos raminhos  
Estão saudando  
Seu resplendor.**

**N'este almo dia  
Aglaia bella,  
Que avara estrolla  
D'êsta ribeira  
Ha tanto havia  
Cruel roubado ;  
C'os olhos bellos  
O verde prado,  
Floridos montes  
Torna a alegrar.**

**Colhei Amores  
Myrthos e rosas :  
Colhei formosas  
Nymphas do Tejo  
Conchas e flores :  
Ricas capellas**

Ledas tecendo,  
 Vinde com ellas  
 As tranças de ouro  
 Vinde ennastrar.

« Eu que vos chamo  
 Serei o guia : »

Assi dizia  
 Amor voando  
 De ramo em ramo.  
 Então ao prado  
 Veloz descendo,  
 Um delicado  
 De lindas flores  
 Ramo teceu.

E a mi voltando  
 Me diz : « Elpino  
 Feliz destino  
 É hoje o teu :  
 Parte voando  
 Á nympha bella  
 Leva este ramo :  
 Dize que a ella  
 Por ti lh'o envia  
 O mesmo Amor. »

DINIZ.

*Parmi ses contemporains, Diniz est un poëte très-élevé, un lyrique plein de nerf, d'ame et d'impétuosité; mais on dirait que sa lyre n'a qu'une corde,*



*et ne saurait jamais rendre que les mêmes accords. Son génie fier manque de souplesse, bien inférieur en ce point à notre grand Rousseau, et à Manuel, son émule. Si l'on en excepte le poëme du Goupillon, où Diniz s'est montré un grand imitateur de notre immortel Boileau, auquel il doit évidemment son cadre, son plan, et le type original de toutes les fictions qu'il y a très-habilement enchaînées; le talent de Diniz se renferme dans le seul genre pindarique, et l'Os magna sonaturum, - ce qui est une grande raison pour être souvent sublime, admirable, mais pour amener par fois la fatigue et l'ennui.*

SANÉ.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



Tu á morada olympia arrebataste  
 O cantor grego, pae da heroica tuba,  
 Que a Achilles iracundo  
 Troa, quando afadiga  
 O anhelante Heitor longe dos muros  
 Da emmudecida Troia descorada.

Tu lhe déste ousadia com que olhasse  
 Fito a fito o tremendo soberano  
 Dos deuses, e dos homens,  
 Que so c'um sobreceño,  
 Quando a cholera as faces lhe roxeia,  
 Abala os ceos e a terra, empóla os máres.  
 E lhe deste o pincel com que arriscado  
 Pinta a Jove e o trisulco raio iroso,  
 Que a mão de ardor lhe cora,\*  
 Ao remessa-lo ás gentes:  
 E os fuzis vingativos da cadeia,  
 Que suspende e castiga o error de Juno.\*\*  
 Ao epico pregão do Ausonio povo

\* Que grau de fôrça não ajuncta a éssa magestosa pintura o verbo *corar*!

\*\* Depois do desbarate dos deuses (com o quaes ella se ajunctara durante uma revolta) Jupiter a suspendeu no ar; e per meio de um par de chinelas de pedra iman, (as quaes Vulcano inventou para se vingar de o haver dado á luz todo defeituoso) lhe atou per baixo dos pés duas bigornas, depois de lhe ter prêso aos mãos atrás das costas com uma cadeia de ouro.

Da trompa argentea os aros\* enrolaste  
 Quando cantou sonoro  
 Acolhidos na Italia  
 Os troianos penates foragidos,  
 E da alta Roma os triumphantes muros.  
 Pintaste-lhe o furor ímpio sentado  
 Sôbre as armas crueis, e atrás das costas  
 Retorcidos os pulsos  
 Com cem laços de bronze ,  
 No templo , aferrolhado, de Mavor̃te,  
 Bramando horrendo co'a sanguinea boca.  
 Abriste-lhe a caverna da Sibylla ,  
 E as propheticas folhas do futuro,  
 Pejadas de successos,  
 Que as entranhas dos fados  
 Sem ordem , sem conselho descompunham ,

\* Argola ou círculo de metal chato.

Não me lembra ter lido nos *Crystals-d'alma* , ou no *Thesouro-de-prudentes*, se tinham um so aro, ou mais , como os nossos *Corni da Caccito*, as trompas dos antigos.

Não sei qual foi o portuguez que aqui em Paris , se lembrou de corrigir os erros typographicos de que estão cheias ésta e outras odes, que o Sané traduziu em francez ; mas sei que sabia tanto a sua lingua que mudou *aros* em *arcos*. Com effeito , ésta última palavra é mais comezinha, e talvez se conformasse melhor a seu atilado bestunto !...

Ao capricho dos ventos revoando.\*

Tu a Pindaro, a Alceu, ao Venusino  
Subiste em tuas azas inflammadas

Ao conselho das Musas,

Onde ávidos gostaram

O almo liquor da reservada veia

Que em divino transmuda o canto humano!

Franqueaste-lhe alli pródigas chaves

Dos thesouros que encerra a natureza;

E o fusco veo rasgando,

Que lhes cubria a mente,

O trilho que conduz da terra ao Olympo,

Ao colloquio dos numes lhe apontaste.

Assim Camões, per ti enfurecido,

Ao cume do Parnaso se avizinba;

E os delphicos loureiros,

Quando elle sóbe, curvam

Ao novo Homero os orgulhosos topes,

\* *Excisum Eubaicæ latus ingens rupis in antrum,  
Quò lati ducunt aditus centum, ostia centum,  
Unde ruunt totidem voces, responsa Sibyllæ.  
Ventum erat ad limen, cùm virgo, Poscere fata  
Tempus, ait: deus, ecce, deus. Cui talia fanti  
Ante fores, subito non vultus, non color unus,  
Non comptæ mansere comæ; sed pectus anhelum,  
Et rabie fera corda tument, majorque videri,  
Nec mortale sonans, afflata est numine quando  
Jam proprio dei.*

VIRGILIO, Eneada, liv. vi.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

C'o epico arcano em limpidas correntes  
Que manaram nos novos argonautas.

Entoa o forte Gama, avassallando  
Os máres não trilhados de outros lenhos ;  
Impavido affrontando  
O conflicto das ondas,  
Que o thyoneu contra elle acapellava ,  
Adjudado do impróvido Neptuno.

Sobreven Sapho , e canta de Ignez Linda  
A ternura fiel , tragico termo

De viçosos amores :

Ambição crua e cega ,  
Cubiça de mal firme valimento,  
Tu lhe enterras no peito o frio ferro.

Homero inchando á tuba o bronzeo ventre,\*  
Mais alto resoava, e tinha em fogo

A vista rutilante

Quando lançava as vozes  
Do Adamastor membrudo\*\* arduas vinganças  
Do quebrado segredo de seus máres.

\* N'estes atrevimentos é que se conhece o grande poeta : sem elles não ha poesia.

\*\* *Ce magnifique épisode n'est connu en France que par des traductions impuissantes et misérablement tronquées ; on espère qu'il le sera mieux un jour. Homère, Virgile, le Dante et Milton n'ont rien de plus grandieux, de plus original, et la poésie en est divine.*

Como sentiste do ânimo o alvoroço,  
 Absorto vate, quando o íntimo seio  
 Os sons te revolviam  
 D'aquella voz valente,  
 Tonante voz, encêrro de prodigios;  
 Voz de que assim se ufana a natureza!  
 Como já n' alta mente as côres punhas  
 Nos quadros dos Lusíadas illustres;  
 Aqui se ateia a briga  
 Dos doze de Inglaterra;  
 Além, da agua que sorve, engrôssa a nuvem,  
 E o pe, que tem no mar, a si recolhe.  
 Quanto se ergue entre stupidos humanos  
 Quem ao nascer sortiu um peito altivo  
 Caspaz de inclyta empresa?  
 Mais que homem é um nume.  
 Os parabens te dou, oh lusa patria!  
 Tambem os tómo de dever-te o berço.\*  
 Oh prole de Japeto, a tudo ousada!  
 De ser do barro vosso me gratulo,

\* Tal é a language d'um sabio, d'um philosopho, que superando todos os trabalhos e perseguições, que lhe suscitaram os seus mesmos conterraneos, nunca teve em vista senão estes patrioticos versos de Camões:

Porém não deixe emfim de ter disposto  
 Ninguém a grandes obras sempre o peito;  
 Que por ésta, ou por outra qualquer via,  
 Não perderá seu preço, e sua valia.



Quando contemplo a chamma  
 Que em vós prendeu celeste,  
 Luzir no ingenho, disferir no esforço,  
 Brazão e assombro das futuras eras!  
 Logo Tyrteu,\* para as ferozes guerras  
 O prendou c'o clarim agudo e forte,  
 Que a cor ó gesto muda;  
 E n'elle os tons lhe ensaia,  
 Com que recontre as asperas batalhas  
 De Nuno fero,\*\* e do pugnaz Pacheco.

Eis no carro, que as alvas pombas tiram,  
 Lhe entrega agradecida a meiga Venus

(Do mimoso regaço)

Quadros de Idalia e Chypre,  
 As fontes e arvoredos namorados,  
 Com que elle adorne a ilha dos amores.

Os olhos para a esphera erguei celeste:  
 Como raia vermelha no Oriente!

Do centro escapa um lume,  
 Que de ouro relazente  
 Vai as nuvens cubrindo... Um deus radioso

\* Este poeta grego marchava em frente dos Lacedemonios na guerra que estes moveram contra os Messenios, e animava-os recitando-lhes poemas guerreiros.

\*\* Nun' Alv'res Pertira, condestavel d'estes reinos, e defensor d'elles; de cuja maravilhas está o mundo cheio.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# **SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS**

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



**Mais riscos, mais trabalhos  
Que o Gama a quem dás nome.**

**Aos vates que so poem na fama o fito,  
Serás pharol de naufrago penedo.**

**O mesmo Fado desastroso empunha  
Irado raio, em damno dos que venham  
Per éstas bronças fragas,  
E a sortos na harmonia**

**Dos sonoros teus ousados versos,  
Te imitarão na lyra, e na desgraça.**

**Corydon, Corydon, que ímproba estrella  
Te dá nome immortal, fonte de invejas?**

**Pelos salões das honras  
Te arremessa ás masmorras, \***

Portugal, viveu sempre na maior miseria, do fundo da qual se fez notavel pelo seu ingenho; e jazendo nos Crassos de seu tempo, que tanto o deprezaram, no mais profundo esquecimento, o seu nome é pronunciado no mundo com admiração e respeito.

F. D. GOMES.

\* Se os meus versos vencerem agradar-te ;  
Soccorre a Corydon, deusa benigna :  
Jaz inculpado em carcer tenebroso.  
Torna a ést'alma a sua melhor parte.  
Tem compaixão da angústia acerba e indigna  
De Marcia, que com pranto lastimoso,  
De dia e noite chama o caro esposo.  
Ouve os rogos ardentes  
Dos filhos innocentes.  
Põe os olhos na Arcadia sem ventura,

Onde os annos consumes , que deveram  
 Ser de ampla glória e louros assombrados.

La vai de atroz calúmnia perseguido  
 Correr máres , trilhar estranhas terras

O candido Philinto

Que tanto tinha a peito

O seu Camões grandiloquo a quem lia  
 Com gòsto , com respeito ás Musas grato.

La, comtigo abraçado , em seu destérro ,  
 Em ti bebe a corrente nobre e pura ,

Com que os seus versos banha .

Ainda ausente brada

Ás novas aguias da suberba Elysia ,  
 Que o teu canto e dicção tomem por norte.

Mas em quanto te studia, e te defende,  
 Lavra contra elle settas a ignorancia; \*

E dos seus bens e fama

Que de suspiros vãos enchende os ares,

Cuberta de amargura

Tende as supplices mãos a teus altares.

D. M. TÓRRES.

\* O nosso historiador Garcia de Resende na *Chronica d'el-rei D. João* , cap. 127 , diz :

. Quem screve não póde contentar a todos , e  
 não fará pouco se de poucos for tachado , que to-  
 dos querem emendar , e mui poucas screver. E  
 para se isto evitar não devia de haver outra pena  
 senão aos glosadores metter-lhes papel e tincta nas  
 mãos , e faze-los per fôrça screver ; e sería mui

Põe opimo despôjo L  
 Nos altares da Inveja, e da Calúnnia:  
 Iniquo galardão de haver-te amado! \*

bom freio para os desbocados, que sem saber o que dizem, glosam o que não intendem. »

E na *Miscellanea*, acrescenta :

« Mul poucos adjudadores  
 Acha quem quer fazer bem;  
 E se alguém bem feito tem,  
 São tantos os glosadores,  
 Que o não faz ja ninguem. »

A estes advertiu tambem Jorge Ferreira de Vasconcellos, na *Euphrosina*, que — « Ler sem gôsto, e a fim de notar por mostrar discrição, é uma purga, que faz que nada se logre no peito. »

\* Não me faltarão accusações críticas de que quebrei o fio da ode, e que a falta de nexo é mais um desvario meu, que um deparado delirio. Venham accusações, afiem as críticas, que costumado estou a não reparar defeitos semelhantes; que se na verdade o são, quero antes errar com Pindaro, que ser methodico ao geito de taes censores. Ja que tenho em cima da meza o desmethodico Pindaro, apontarei a esses mestraços a ode, iv, em que elle louva Arcesilau, vencedor na carreira olympia; onde depois de se lançar á vôo sôlto na expedição dos Argonautas e conquista do Vellochino ( que tam arredada parece do assumpto ) se volta ao vencedor, e diz — « Agora, oh novo OEdipo! acerta com o enigma. Um antigo carvalho, etc., etc. — » para lhe fallar em Demophilo, e lhe pedir que o recolha do destêrro á côrte, etc. Qual de nós se desvia mais?



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

Escutando os antigos sons da Grecia ,  
 E do Lacio , la pulsam com trabalho  
 A repugnante lyra de Venusa

'O Caminha , o Ferreira.

Então , chorando , a Castro \* abriu a lusa  
 Scena , e lhe deu Melpómene o cothurno ,  
 Com que Euripedes , Sophocles pizaram  
 De Athenas o tablado.

Amor da patria , amor de altivo canto  
 A desusados sons a mão lhe adéstra ,  
 Digna de são louvor , que abriu a rota  
 A melhores ingenhos.

Corydon , Corydon , nos braços d'estes  
 As Musas te visitam , te bafejam ,  
 Co'a harmonia do Pindo : e , em ti , as Graças  
 Canto de Horacio vertem.

Mais atrevido e fero engrossa Elpino

\* *Quunque le Portugal ne puisse se glorifier d'avoir un théâtre comparable à celui des Français, néanmoins le docteur Antoine Ferreira, auteur de la tragédie d'Inès de Castro, est un grand poète tragique. Cet écrivain, supérieur dans son genre comme Camões l'est dans l'épopée, contribua beaucoup au perfectionnement de la langue par l'étude opiniâtre qu'il fit des classiques grecs et latins. Malgré le ton dur que l'on remarque quelquefois dans le style de son Inès, ces taches légères sont amplement rachetées par les beautés de l'ensemble.*

A voz, que na campina Elea, outrora  
Trovejou Pindaro, inflando os rostos

. Dos assombrados emulos.

Alfeno esses vestigios vai pizando,  
N'elle fitando os olhos cubiçosos;  
E, per afouto modo, vai tecendo  
Pindaricos delirios.

Um Bocage, \* um Targini \*\* com Vicente, \*\*\*

\* A natureza não o enriqueceu de uma imaginação vasta, nem de um genio creador e original; mas elle cobre ésta falta com um certo fogo, que se aproxima ao enthusiasmo; com a louçania e pureza da lingua, cujo aticismo possuiu no maior grau. Seu estylo quasi sempre energico, mas que raras vezes chega a merecer o nome de forte, é florido sem affectação, e fóra para desejar que elle houvesse sido mais parco em a distribuição das antithesis. Seus versos (a que deveu gran' parte de sua fama) mostram uma harmonia tam sustentada, e um tor-nivo tam elegante, que a serem mais onomato-peicos, não lhe consentiriam rival. Os rasgos de seu pincel são de ordinario vehementes e expressivos, aindaque ás vezes particularisa demasiado. Abunda de allusões historicas e mythologicas, de pensamentos sublimes, de conceitos brilhantes; porém a carencia de conhecimentos philosophicos o faz cair ás vezes na declamação, e nos logares communs; motivo, por que os seus poemas, deleitando sempre, raras vezes instruem, ou deixam que pensar ao leitor.

J. M. DA C. E SILVA.

\*\* Traductor do *Ensaio sóbre o Homem* de Pope.



Correm a colhêr louros no Parnaso ;  
 E as Musas se dão pressa a lhe enramarem  
 As merecidas coroas.

Que não pôde esperar a elysia terra  
 De Cesario jovial? \* Donosa musa  
 A froxo lhe emborcou na mente ingenua  
 O sal , e o mel de Athenas.

Em quanto humildes vates afanando  
 Nos atolados lodos de Agannippe,  
 Se prendem das estevas , sem podcrem  
 Trepar a esquiva encosta.

e do *Paraíso perdido* de Milton. Estas duas versões são dignas de estima , por sua fidelidade e pureza d'estylo : cousas bem raras hoje em Portugal!

\*\*\* Medico. das Caldas-da-rainha, dotado de algum talento poetico.

\* *José Cesario da Fonseca, poète portugais, natif de Setubal, qui a excellé dans le genre badin. Après avoir fait les délices de Coimbre, où il exerçait la médecine, il mourut regretté de ses amis, il y a environ vingt-huit ans.*

SANÉ.

Bem pezar tenho de não possuir obra alguma d'esse poeta para a inserir n'esta escolha.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



Em flavo ouro luzente  
 Se lhe tornem as pedras , as correntes ;  
 Nem tosem seus pastios .  
 Grossos rebanhos de nervudos touros ,  
 Para lavar activo  
 Com vinte jugos dilatadas geiras.  
 Commetta ousado os sustos  
 Do assanhado Oceano verde-negro  
 O mercador ganhoso ,  
 Que a vida em menos preço tem que o lucro ;  
 Ouça silvar os ventos  
 Pela gemida enxarcia enfurecidos ;  
 Acapelladas ondas  
 Na esmorecida proa lhe rebentem ;  
 Rache o ruivo corisco  
 O grande masto em retisnada roca :  
 Que elle so fita os olhos  
 Nas lojas do Brasil ; per entre os raios .  
 Ve chegar o mineiro ;  
 Ouve per entre os rancos e estampido  
 Dos trovões , tinir dobras  
 No mostrador avaro ; ve vendidos  
 Os enfardados pannos .  
 Porque não justicou Jove potente  
 Com despedido fogo  
 O mortal que arrancou com mão culpada  
 Das entranhas da terra

\* *Est tesor piu que la vita hà caro.*

Esse ouro malfeitor, fonte de crimes,  
 Estrago da innocencia !  
 Bem foi idade de ouro a feliz era  
 Que pallidas figuras  
 Não viu nos cunhos do ouro amoedado,  
 Para deshonra e morte;  
 Que não viu a ambição, a tyrannia  
 Medrar, assuberbando  
 Com desiguaes riquezas os sigelos  
 Costumes da virtude.  
 En sobranceiro ás vagas empoladas  
 Da turbulenta côrte,\*  
 Verei correr ás mitras, aos governos  
 Imprudentes humanos,  
 Que o valor não conhecem do socêgo.  
 O corno da abundancia,  
 Emborcando sonoro a um Thersites,  
 Louros dobrões a rôdo  
 Sobrio verei com olhos não-torcidos;\*\*  
 Seguro de mim mesmo.  
 Cuberta a meza de faizões custosos,  
 Em dourada baixella

*\* Je définis la cour, un pays où les gens  
 Tristes, gais, prêts à tout, à tout indifférens,  
 Sont ce qu'il plaît au prince, ou s'ils ne peuvent l'être,  
 Tâchent au moins de le paraître.*

LA FONTAINE.

\*\* *Oculo irretorto. —*

HORACIO.

400      **PARNASO LUSITANO.**

Dés lacaios esbeltos , ólho á lerta,  
Pelos crystaes derramem  
De Constança e Tokai os raros vinhos;  
Com descuido e desprêzo  
Ólho o luxo, a suberba dos manjares,  
O desperdicio, o castó  
Com mais justa partilha bem logrados  
Na viuva, no orpham roto.  
Sem orgulhoso aprêsto dá natura  
Saúdavel sustento:  
Saboroso legume, herdada fructa  
Acareia appetite  
Ao sabio que ganhou com sobrio emprêgo  
Proveitoso canção.  
Para alojar o corpo de um magnata,  
Talvez pygmen e sêcco,  
Trinta salões de vasta architectura  
Fazem gemer a terra  
Com altos torreões, chumbados lectos;  
E o grande Cincinnato\*  
N'uma breve choupana vive rico,  
Folgado e farto de honras.  
Que não dão diamantes, nem palacios

\* Este virtuoso agricola é eleito dictador, a tempo que o exército romano stava a pique de ser derrotado pelos Equos. Larga o arado; voa a soccorre-lo; rompe os inimigos; e reentrando triumphante em Roma, abdica a dictadura, e volta para os seus campos.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

---

 ODE IV.
 

---

## À VIRTUDE.

*Virtus recludens immeritis mori.  
 Cælum, negata tentat iter via,  
 Cætusque vulgares et udam  
 Spernit humum fugiente penna.*  
 HORACIO.

Foragida entre os homens e medrosa  
 Tu, Virtude, te escondes : \*  
 Do seio do alto Deus d'onde desçendes  
 Rara as terras visitas.  
 Que d'ellas te afugenta um vicio \*\* infesto,

\* Adorable Vertu, que tes divins attraits  
 Dans un cœur qui te perd laissent de longs regrets !  
 De celui qui te hait ta vue est le supplice.  
 Parais : que le méchant te regarde et frémissse.  
 La Richesse, il est vrai, la Fortune te fuit ;  
 Et perdant tout pour toi, l'heureux mortel qui t'aime,  
 Sans biens, sans dignité, se suffit à lui-même.

LUIS RACINE.

\*\* A Hypocrisia.

Vil arremêdo que te usurpa o nome.

Mafomas falsos, Cromweis tyrannos,

Em teu manto embuçados,

Vertendo sangue, atropellando sceptros,

Te fizeram malquista;

Em vivo fogo, em lobregas masmorras

Te deram não devida sepultura.

Tu douras os celestes aposentos

Com tua luz sagrada:

Tu es o sol, que n'êsta sombra espessa

Os justos allumias;

A tua luz dá na alma, a aclara, a esforça,

E põe no humano assomos de divino.

Entre rodas, equuleos e catastas

O varão virtuoso

Mostra ao medonho algoz placido rosto,

E envergonha o tyranno:

Abre entre as settas, abre entre as machadas,

No corpo retalhado, uma alma inteira.

Co'a vulnifica proa 'o grandè Castro

Rompe os indicos máres

Alastrados de perolas luzentes;

Vice-rei parcó e pobre,

A quem vislumbres dos rubis do Oriente

Não desviaram do alvo da virtude.

Involto em negro fumo, em po, em fogo,

Entre estaladas pedras

Da mina e despedido baluarte,

O impavido Fernando,



Desfigurado, ardente, ainda, ainda

Na semiviva mão aberta a espada :

E c'os olhos nos Turcos assombrados ,

Quer n'esse arranco extremo

Vingar a fortaleza ! Oh Castro forte ,

Mandas tomar-lhe o pôsto \*

O espelho de teu ânimo e virtude ,

O unico esteio da prosapia illustre. \*

Que a tanto o guia aquelle raio puro

Da honra bem fundadada

Que por Deus, polo rei, e pola patria

Ve, sem torcer a vista ,

Da morte a fouce, os cofres do avarento ,

Sem susto a morte, e sem cubiça o ouro.

Emmudecei profanos; afastai-vos.

Ministro do Deus summo ,

Que os ceos, que as terras c'um aceno rege,

Direi cousas mais altas

Que descrida não pensa a iniquidade ,

Mas que da san virtude foram dignas.

Virtude que es o premio de ti mesma ,

Tu zombas da Fortuna ,

Idolo vão dos homens imprudentes.

A toga respeitada ,

O bastão militar, o sceptro de ouro,

Não dão honra sem ti, dão vituperio.

Tu, quando cobres c'o immortal escudo

\* Seu filho mais velho D. Alvaro de Castro.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



Formosa em nuvens de ouro ;  
 Pelas modestas roupas te distinguo ,  
 Pelo sereno lume  
 Que te reveste a alvura , doura a fronte ,  
 De lidadas victorias coroada.

Onde me elevas na veloz carreira ?

Os globos das estrellas  
 Vejo rodar per esse vacuo immenso.

Que novos sóes , que mundos !  
 Que ordem ! que justas leis entre si guardam !  
 Do creador, gyrando , o aceno cumprem.

Estes montes, e a fulgida cidade , \*

Com muralhas tam ricas ;  
 Que em doze portas , doze perlas abre  
 De bipartida entrada !

Calçadas, de ouro acrysolado as ruas !  
 Diamantes da sala o pavimento !

Que canticos ! que musica doçura !

A, que o throno rodeia ,  
 Nuvem de ouro , se abala !... uma voz ouço

modernos litteratos. O padre T. J. de Aquino *reputa mais bem deduzida a orthographia dos primeiros* (não embargante sua irregularidade) *que aquella de que presentemente usamos, adulterada e viciada pelo decurso dos tempos, que não perdoando a nada do que vemos, tudo descompõe tudo trastorna, e tudo arruína.* ( D. CATHERINA, *Perf. da vid. monast. advertencia.* )

\* Os montes de Sião, e a Jerusalem celeste.

De magestade cheia :

« Aqui so teem entrada os que venceram  
O difficil caminho da virtude. »

ODE V.

Á PATRIA.

*Invenies aliquem qui me suspiret ademptam,  
Carmina, nec siccis perlegat ista genis.*

Ovídio.

Vem doce lyra , dom das brandas musas ,  
Dom que no verde Pindo  
Gostosas me prendaram , quando apenas  
Encetava tres lustros.  
Alli da sacra chamma que rutila  
Nas Apollineas aras ,  
Vi desprender-se a aguda labareda,  
Tomar subito vôo ,  
Raiar-me no semblante e calar dentro  
Nos penetraes do ingenho ;  
Onde ateiada em luz perenne aclara ,  
Aquece, aviva os gomos

Abrolhados das rapidas ideias.

Lyra prezada e nobre ,

Que nas mãos de meu mestre \* decantaste

Os pendões arrancados

Ao Partho fero, tam humilde a Augusto,

Quanto suberbo a Crasso. \*\*

Tu remontada com as meigas cordas

De Paphos \*\*\* e Amathunta \*\*\*\*

Modulavas de Lydia, e de Glicerio

As graças, os amores.

\* Sim. Mestre: que outro nunca o tomei. Ah! que se o discipulo não ficara tam longe do mestre! Mas envergonho-me cada vez que leio uma *ode* de meu mestre, e que sinto quam pouco aproveitei em sua schola; fosse em mim falta de ingenho, ou falta de applicação. Quizerá queimar quantos versos escriptos tenho, e so me atalham a mão 40 moedas, que ja alguns impressos me renderam, e o dizer que nem todos os pintores são Apelles, e que todavia com paineis ganham a vida. E ja eu disse que pobreza e não vaidade poz os meus versos á vergonha do mundo.

\*\* *Et signa nostro restituit Jovi  
Derepta Parthorum superbis  
Postibus.*

HORACIO.

\*\*\* Cidade da ilha de Chypre, dedicada a Venus, d'onde foi chamada Paphia.

\*\*\*\* Cidade de Chypre, dedicada tambem a Venus.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

Em gravadas bandejas  
Acceitando os tributos , as coroas  
De tantos reis-vassallos  
Do altivo Oriente, de Africa gnerreira.  
Os tropheos , as conquistas  
Tam várias , tam valentes , tam remotas  
• Ornam os altos tectos  
Da sala artezpada, em quadro immenso  
De duradoura historia.  
Ora affligido , e de funereas cinzas  
Espargida a cabeça,  
Teus filhos mortos longe derramados,  
Transidos de pavores ,  
As mãos erguidas , arrasados olhos  
De compungido pranto ,  
Pedindo ao ceo miserrimo soccorro  
Sôbre a trémula terra, \*  
Que em fendas se rasgava, e das entranhas .  
Vertia impuro alento.  
Lagrymas tristes, lagrymas de gôsto  
Dou á fiel lembrança  
Dos infortunios teus, dos teus triumphos :  
Assá, lhe são devidas!  
Tu me elevaste , á luz recém nascido  
Ás musas me elevaste,  
E em meu favor benevola obtiveste  
De Clio almo sorriso ,

\* Allusão ao terremoto de 1755.

Com que animou a mui submissa veia  
Que hoje em louvar-te esforço.  
Tu me déste as lições em verdes annos  
De ser proficuo aos homens,  
Com estudo dos bous, e as mãos me abriste  
Para o amparo alheio.  
A ti devo o caminho abalisado  
Que da Honra ás aras guia :  
Meu lado ornaste , na íngreme subida ,  
De leaes companheiros ,  
O são merecimento, a san virtude;  
Nas azas me encostaste  
Do prazenteiro agrado, quando o peito  
Quiz conquistar honrado,  
E pudica esquivança de Marfisa:  
Em seu coração frio  
Tinha provado amor os seus podêres;  
Mil vezes apagados  
Os fachos viu do crepitante lume,  
Que lhe apontou de perto.—  
Os escassos talentos, com que apenas  
Lucrei mui breve nome  
Na Elysia saúdosa e estranhos lares ,  
Bem foram mercês tuas.  
Ah ! tu que foste ninho tam prezado  
D'esses varões egregios  
Que em letras, que em batalhas se ennobrecem;  
E tu que Armania e Anarda  
Afagaste contente em teu regaço ;



E de castas virtudes  
 O peito lhe abondaste ; tu que déste  
 Ao docil Araújo  
 Immensos dons que em climas arredados  
 Requerem summo obsequio  
 Á patria egregia que taes filhos brota.  
 Tu que ao nascer cingiste  
 Com amorosas fachtas , e a teu seio  
 Apertaste mimosa  
 Um Brito , exemplo de honra, e de bondade....  
 Como a tanto deseeste  
 Que deixas ir a immerito destêrro  
 Teus innocentes filhos !  
 E a voz não sôltas, horrida não fechas  
 As despiedadas portas?  
 Não amparas nos braços? . . não rechaaças  
 As frechas da calúmnia?\*  
 Devo-te a vida , a luz ; mas triste, estranho,  
 Consentes em teu gremio  
 Monstros de alma cruel , que te deshonram!  
 Malevolos podêres ,  
 Dos bens, da fama honrada estrago e abysmo,  
 De infames linguas couto !

\* *Craignez d'être surpris par ce monstre trompeur:  
 Fuyez de ses complots la cruelle noirceur.  
 Penchez vers l'accusé , tâchez de le défendre,  
 Et ne jugez personne avant que de l'entendre.*

FREDERICO II, rei de Prussia.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



---

**ODE VI.**

*Chi sperar poteva il sole,  
Quando l'alba procellosa  
(esto giorno partori.*

**METASTASIO.**

**O lavrador que rasga á terra ingrata  
As avaras entranhas;  
Aquem fallaz seara mal responde  
Com mesquinha colheita,  
(Ávida mira dos filbinhos rotos,  
Da esposa enfraquecida)  
Não manda aos ceos mais graças se co'a relua  
Quebrou a talha de ouro,  
Per fugitivo Mouro \* alli guardada,  
Do que eu vi a alegria  
Brotar do seio de tam feias nuvens,  
Que pesando no peito,**

\* Creeram nossas avós, que apressados os Mouros a sair de Portugal, enterraram seus thesouros: hoje rondam seus manes pelos jazigos d'aquellas talhas, em figura de velhas; outras vezes de douradas cobras, que com assobios e gaifonas, engodam os intrepidos a certas condescendencias, preço do thesouro que promettem descobrir-lhe.

De apêrto , aos olhos , lagrymas torçavam.

Embora exulte e corra

Beijar a terra o nauta descorado ,

Que na brusca tempestade

Zunir os ventos , fuzil os raios

Viu sôbre as ondas revoltas ,

Que fendidas , o náutico naufrago

Bateu c'ò a quilha do naufrago.

Eu, que outro sol não vejo , outra bonauça ,

Que do rosto formoso

De Marcia me não venha, unica Venus

Que as tormentas serena

N'êsta minha alma erguidas, por ausencia,

Por asperos ciumes,

Maior prazer senti , que o navegante :

Elle so perde a vida,

E as perigosas pallidas riquezas :

Mas que é o ouro, e a vida

A quem perde um mimoso olhar de Marcia ?

O reo, que vem subindo

Trémulo a escada, a ouvir ler a sentença ;

E em vêz da morte infame

Se lhe intíma o perdão , com a soltura ;

Ou quem anciado arqueja

C'ò a afflicta carga d'um funesto sonbo ;

Per bandoleiros duros

Sente romper o peito espavorido ,

Entrar a fria adaga ,

As desmaiadas carnes descosendo-lhe, —

Que a esposa condeida  
 Acorda, e elle descança acariciado  
 Nos braços da consorte ,  
 Entre beijos de amor com laço estreito ;  
 Não se deem por felizes  
 Se ousam comigo pleitear ventura. \*  
 Foi mais vivo o meu jubilo  
 Que vi Marcia, longo tempo ausente ,  
 E a vi , quando perdida  
 Tinha a esperança de tornar a vê-la.  
 Tive em meus braços Marcia ,  
 Quando ia so verter saudoso pranto  
 Ao tristissimo sítio,  
 Que viu nossa penosa despedida.  
 Os ares que enluctados  
 Ameaçavam lugubres chuveiros ,  
 De novo o azul vestiram  
 C'um gracioso olhar \*\* da alegre Marcia,

\* Ha por ventura alguma cousa mais poetica no tom , e no estylo ?

\*\* *Vultu, quo cœlum tempestatesque serenat.*

VIRGILIO.

*Ici le poète embellit de toutes les graces de son art, une circonstance que le hasard amène assez souvent. Le ciel avait été réellement orageux et sombre pendant toute la journée ; au coucher du soleil, il s'éclaircit tout-à-coup, et la soirée fut aussi belle qu'aucune de celles dont on jouit sous ce beau climat. La*



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

ODE VII.

À ESPERANÇA.

*Sperat infestis, metuit secundis  
Alteram sortem benè preparatum  
Pectus.*

HORACIO.

Vem , vem doce Esperança\* , unico alívio  
D' ésta alma lastimada ;  
Mostra na croa a flor da Amendoeira ,  
Que ao lavrador previsto ,  
Da primavera proxima dá novas .  
Vem , vem doce Esperança , tu que animas  
Na escravidão pesada

\* *Jusqu' au bord du tombeau, d' où notre âme s'envole,  
L'Espérance nous suit, nous flatte et nous console.*

C.

*Avec le nautonnier elle vogue sur l'onde,  
Veille dans les comptoirs, guide les bataillons,  
Sourit au laboureur courbé sur ses sillons,  
Du savant matinal voit grossir le volume,  
Et tient le soc, la rame, et l'épée et la plume.*

DELLILÉ.

**O afflicto prisioneiro : por ti canta**

**Condemnado ao trabalho,**

**Ao som da braga, que nos pés lhe soa.\***

**Por ti veleja o panno na tormenta**

**O mareante afouto:**

**No mar largo, ao saudoso passageiro,**

**(Da espôsa, e dos filhinhos)**

**Tu lhe pintas a terra pelas nuvens.**

**Tu consolas no leito o lasso enfermo,**

**C'os ares da melhora:**

**Tu dás vivos clarões ao moribundo,**

**Nos ja vidrados olhos,**

**Dos horisontes da celeste patria.**

**Eu ja fui de teus dons tambem mimoso;**

**A vida largos annos**

**Rebatida entre acerbos infortunios**

**A sustentei robusta**

**Com os pomos de teus vergeis viçosos.**

**Mas agora, que Marcia vive ausente;**

**Que não me alenta esquiva**

**C'o brando mimo d'um de seus agrados,**

**Que farei infelice,**

**Se tu, meiga Esperança, não me acodes?**

**Ai ! que um de seus agrados é mais doce,**

**Que o nectar saboroso;**

*\* Spes etiam valida solatur compede vinctum  
Crura sonant ferro, sed canit inter opus.*

TIBULLO.



É mais doce que os beijos requintados  
 Da namorada Venus,  
 A que o Grego \* põe preço tam subido.  
 Vem, vem doce Esperança, que eu prometto  
 Ornar os teus altares  
 Co' a viçosa verbena que te agrada,  
 Co' a linda flor, que agora  
 Enfeita os troncos, que te são sagrados.

\* Anacreonte.

---

## ODE VIII. \*

As invejas da illustre e alheia historia  
 Fazem mil vezes feitos sublimados.  
 Quem valorosas obras exercita,  
 Louvor alheio muito o esperta e incita.  
 CAMÕES.

Rompein curvadas quilhas atrevidas  
 Per climas não usados,  
 De Neptuno as espáduas insoffridas:  
 Per serros não trilhados,

\* Esta ode foi dedicada ao cavalheiro João da Silva, no dia em que recebeu o hábito de Christo.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



De Meca ás portas co'as trombetas bate.

Tremolam pelos ares

Nos nadantes baixeis farpadas Quinas,  
Quando avista o Cabral\* Brasil e Minas.

Mas que furor se ateia no meu peito?

Novo fogo me accende!

Um deus me peja o coração estreito.

Minha alma se desprende,

E os ares vai talhando a vôo sôlto;

A azul morada pizo desinvôlto.

Que templo é este que á direita vejo?

Que altar de verde antigo?

Teu sancto simulacro humilde bejo.

Salve, oh Numen amigo!

Este é da Glória o templo. Aqui são numes

Os varões de honradissimos costumes.

Alli vejo Nun' Alv'res!....\*\* Sim; na lança,

India; o qual passou ao estreito do Mar-roixo com 36 velas, em que levava tres mil Portuguezes, com que metteu em grande temor e confusão aos d'aquellas partes.

J. F. BARRETO.

\* Descubriu-se a terra de Sancta-Cruz, que vulgarmente chamam Brasil, per uma armada que ia para a India, de que era capitão Pedr'Alves Cabral: houve-se vista de terra em vinte e sette de abril do anno de mil e quinhentos.

Fr. BERNARDO DE BAITO.

\*\* Ditosa patria que tal filho teve!

Que foi da patria amparo,  
O grave corpo impavido descança.

Alli sublime e claro  
Está Manuel, \* está João segundo, \*\*  
Que ensinou a ser réis os réis do mundo.  
Ouço Atayde \*\*\* e Constantia valente,  
Castro, \*\*\*\* Cunha\*\*\*\*\* e Sampaio\*\*\*\*\*  
Memorando as façanhas do Oriente :

Mas antes pae; que em quanto o sol rodeia  
Este globo de Ceres e Neptuno,  
Sempre suspirará por tal aluno.

CAMÕES, *Lusiadas*, cant. VIII, est. 32.

\* El-rei D. Manuel, em cujo felicissimo reinado se descobriu e conquistou a India.

\*\* Foi este rei de grande ânimo; amigo de se não deixar senhoreiar de privados; inclinado a fazer mercês, e remunerar serviços. Tinha boa eleição nas pessoas que escolhia para officios; não admittia mexeriqueiros.

FR. BERNARDO DE BRITO.

\*\*\*D. Luis de Atayde, mui desejoso de cumprir em tudo com o serviço d'el-rei D. Sebastião, quando S. A. o encarregou do govêrno da India, lhe respondeu el-rei. — « Se me quereis bem servir, haveis-vos e faze-io como D. Constantino. »

LUCENA, *Vida de San' F. Xavier*.

\*\*\*\* D. João de Castro.

\*\*\*\*\* O grande Nuno da Cunha.

\*\*\*\*\* Mas comtudo não nego que Sampaio  
Será no esforço illustre e assignalado,

Do Achem, e do Malaio

Contando arduas batalhas, que ganharam,  
Golpes que deram, réis que avassallaram.

Dom João da Silva, \* para o baixo mundo

Descendo o olhar pausado,

Tinge o semblante de prazer jucundo,

C'o braço recostado

Na orla do escudo, o corpo sobranceiro,

Assim te falla, oh novo cavalleiro:

« Tu, que afouto trilhar do valor queres

As difficeis estradas,

Desvia o fôto de braços, de haveres,

Para as acções honradas

Dos que accesos no brio alto e prestante

A fama, per fanaes, te poz diante.

Na Asia Albuquerque, \*\* na Africa Menezes \*\*\*

Mostrando-se no mar um fero raio,

Que de inimigos mil verá coalhado.

Em Bacanor fará cruel ensaio

No Malabar, para que amedrontado

Despois a ser vencido d'elle venha

Cutiale, com quanta armada tenha.

CAMÕES, *Lusiadas*, cant. x, est. 59.

\* General, que venceu os Hespanhoes nas batalhas das Linhas-d'Elvas, e de Montes-claros.

\*\* Que gloriosas palmas tecer vejo,

Com que victoria a fronte lhe coroa,

Quando sem sombra van de mêdo ou pejo,

Toma a filha illustrissima de Goa!



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

Tantos reinos no antipoda hemispherio,  
Que deram novo imperio ao luso imperio.

Per feitos de valor, duras fadigas

Se ganha a fama honrada,

Não per branduras vis do ócio amigas.

Zonas fria e queimada

Virão do Cancro, á Ursa de Calisto,

Cavalleiros dá roixa cruz de Christo.

Eu, ja a Fe, e os teus réis, e a patria amada,

Na guerra, te ensinei

A defender, com a tingida espada:

Co'a morte me affrontei

Pola Fe, polos réis e patria. A vida

Se assim se perde—a vida é bem perdida.

Ja com ésta ( e arrancou a espada inteira )

Ao reino vindiquei

A croa que usurpou mão estrangeira:

Fiz ser rei o meu rei,

Com acções de valor, feitos preclaros

Nas Linhas-d'Elvas, e nos Montes-claros.

Se de imitar meu nome te gloreias,

As façanhas me imita,

Ou na patria nação, ou nas alheias.

O meu valor te incita ;

Segue os meus passos, segue o meu exemplo.

Se morar queres n'este honrado templo. »

## ODE IX.

*Ogni mio esterno, ogni mio interno senso  
 Siegue solo di voi le felici orma,  
 Vada, o stia, sieda o giaccia, vegghi, o dorma;  
 Da voi sola ragiono, o scrivo, o penso.*

IL CIECO D'HADRIA.

**Não tinha em ondas de ouro desparzidas  
 Andromeda\* as madeixas pela espalda;  
 Nem saphyras azul-brilhante lume  
 No rosto lhe accendiam;  
 Quando a proge~~n~~te do aurichuvo Jove  
 C'os talares batendo o bojo nedio  
 Do alipotente Pegaso descia,  
 Soccorredor amante.\*\***

**Não tem Marfisa a desnevada alvura  
 Da mimosa açucena, que a alma Venus  
 De seu vertido leite florejara,**

\* Creio que todos sabem a fábula de Perseu e Andromeda, e os que a não sabem, podem ler o IV livro das *Metamorphoses* d'Ovidio, onde a acharão inteira.

\*\* . . . . *Placuit Cepheia Perseo  
 Andromede, patriæ fusca colore suæ.*

OVIDIO.



Em calix de esmeralda.

Mas Hebe lhe entornou na infante face  
Todo o vaso da verde juventude ;  
Amor piedoso lhe vestiu os olbos  
De enternecida chamma.

Minerva a si tomou encher-lhe o seio  
De prendas immortaes ; na sábia agulha  
Os dedos lhe adestrou para os labores  
Das engraçadas artes.

Logo ao nascer as Musas cuidadosas ,  
Do berço em molles braços a tomaram  
Para a ir off'recer nas aras puras  
Da Lealdade ingenha ;

E alli os Jocos , e os jucundos Risos .  
Com florea dextra o campo do semblante  
Lhe espraíaram de placida alegria  
E joviaes afagos.

A Ternura fiel , com a Amizade  
Escolheram seu peito por abrigo ;  
E na lyra sonora , e em seu canto ,  
Lhe deu lições Apollo.

Ella é o meu cuidado mais gostoso ,  
Que em flammejantes letras vinha escripto,  
Na longa hastea da setta namorada,  
Que Amor me despedira.

Ella me tem captivo em seu dominio ,  
Sem fôrça de quebrar meu captiveiro :  
Um so nó d'estes laços, que me prendem ,  
Desatar não quizera.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



Namoram ja do berço, \* e inda promettem  
Mais proterva relé.

No tempo antigo as damas das novellas  
Eram de ouro, de perlas, de alabastro,  
Todas rubis e rosas e açucenas;

Hoje são de osso e carne.

Eram meigas, fieis, eram cortezes  
Ás prendas, ao valor, ao bom ensino:  
Hoje, ariscas a tudo, so se ameigam  
Com redondos dobrões.

A valentia, a robustez, a fôrça,  
(Caro presente de almas cabelludas)  
Pouco a pouco afroxou; perdeu-se a barba  
C'o rapar dos barbeiros.

Roldão, que os Mandricardos, Rodomontes  
Vestidos de armas finas, alanhava;  
Que enfiava dés homens n'uma lança,  
Hoje traria roca.

Dom Quichote, que outrora, destemido  
Investiá descomunhaes gigantes,  
Malandrinos follões, azenhas de agua,  
Hoje fôra um Maricas.

Ah tempo, tempo! em que um fidalgo nosso  
C'um golpe da catana abriu um touro,

\* . . . . *Amores*  
*De tenero meditatur ungui.*

HORACIO.

*E c'ò resto do golpe a sepultura!\**

Que o fizesse alguém hoje!

Eram homens de barbas té a cinta,  
De retorcidos asperos bigodes,  
Não barbicas de agora, amoladinhos  
Tres-calando pivetes.

O conego Bernardes, que brincando,  
Fez duzentas oitavas derepente,\*\*

Á lua cheia; não faria agora

Uma trova sequer.

O capucho Macedo,\*\*\* insigne lauro,

\* O soneto em que se refere esse tremendissimo golpe é digno de transcrever-se: ei-lo aqui:

Foi ó conde bizarro, de tal sorte

A vida d'esse bruto presumida,

Que o roixo mar da mais cruel ferida

Julgava streito a seu alento forte.

Mas so vós, raio illustre de Mavorte,

Fizestes *compujança* nunca ouvida,

Que per onde a saír não coube a vida,

Suberba entrasse a arrebatada morte.

Emfim caíu o bruto, e parecia

Que o som do golpe, que nos valles dura,

Em todo o ar, *exquias* lhe fazia:

Pois foi tal d'esse braço a fôrça dura,

Que inda a terra parece que lhe abria

*Nos sobejos do golpe a sepultura.*

A. DA F. SOARES.

\*\* Teve elle a bondade de m'as ler, e eu de as ouvir.

\*\*\* Leiam o *Journal de Paris* de 20 outubro de

Do Delphico furor versi-potente,  
Que da Poesia navegava o gôlpham

Com infunadas velas,  
Abarrotando o mundo de poemas,  
As odes e elegias desunhava,  
Nadava em epigrammas e epitaphios, \*

Hoje daria em sêcco.

É o que eu digo : os sec'los empeioram :  
Vai tudo a menos : tudo o bom se acaba :  
Formosura, valor, talentos ferteis

C'os bons velhos morreram.

E eu ando, amigo, ha tempos esquecidos  
Forjando uns versos, que mandar-te possa,  
Em trôco do soneto das Lampreias,

E não me occorre nada.

Engenha a ideia um verso : metto-o á forja;  
Ou la rebenta, ou na bigorna estala:  
E se d'alli sai são, quando o mal cuidado,  
Falha ao correr-lhe a lima.

1783, ou a *Chronica dos Capuchos da Soledade*:

\* Fr. Francisco de sancto Agostinho Macedo, natural de Coimbra, que além das Conclusões de *omni scibili* ( coisa profundissimamente stupendissima ) e mil differentes producções em prosa, que honram a Seraphica, compoz 48 poemas epicos, 123 elegias, 115 epitaphios, 2600 poemas heroicos, 110 odes, 3000 epigrammas, 4 comedias latinas, e mais de 1,500,000 versos a differentes assumptos. — *Journal de Paris.* ( *ibi.* )



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

Tem Berlinck , \* e mil outros dictionarios,  
Valbacoutos de nescios.

Tambem , para o que digo , é são conselho  
Torcer as guardas ao que bons disseram;  
Ou ja dizer bem d'um , ja malhar n'outro , —  
Com razão, ou sem ella.

Os homens não são grandes, por ser grandes;  
Mas sim porque souberam bem fingi-lo.  
Quantos jazem no po , que sos merecem  
Os louros que outros roubam ?

Toma estes meus avisos; serás grande:  
Que eu fui-o assim tambem , e mil o foram  
Que hoje estão em famosas companhias  
Logrando honras de sabios.

Nem cuides em compor invenções novas:  
Que *nil sub sole novum* \*\* diz o adagio;

\* *Theatrum mundi.*

\*\* Muito tempo ha que ouço gritar criticos ( que não screvem ) que nada se diz hoje que novo seja nem em prosa , nem em verso : e esses criticos são os principaes a quem essa desgraça acontece. Quantos auctores antigos estimados então e agora, copiaram de outros o que hoje n'elles lemos ? Não é unico no seu genero moderno La Fontaine , que em suas obras não poz de sua casa mais que as linhas, e o feittio! Tam tenue glória lhe cabe ao scriptor contemporaneo nosso que dá novo traje elegante e airoso á ideia que lhe veio de outrem, talvez mal-amanhada? E eu acho que val mais dizer com graça cousas ja dictas, que dizer cousas novas com semsaboria.

E ao fogo , mais que á luz , vão certas obras  
De odiosa novidade. »

Assim disse em voz doctora e cheia ;  
Olhou-me c'um tregeito compassivo ;  
E mal que os livros arrumou nos hombros ,  
Traçou a loba , e foi-se.

Elle bem me animou ; mas eu não posso  
O alheio dar por meu. Não sou Tostado ;  
Nem blasono deixar para as estantes  
*Gigantes de retalhos.* \*

\* É que diria Francisco Manuel de uns *Annaes* aqui impressos, e aos quaes vem de molde esse titulo? que diria d'essa obra interessante, scripta em portuguez castiço, e que so expirou no 15<sup>o</sup> volume? Os seus expeditissimos *collaboradores*, dando torquezadas em todas as producções nacionaes ou estranhas, que viam a luz, não acharam quem lh'as retribuísse com usura!.... Mas que bem applicado lhes fica este epigramma, que J. B. Rousseau dirigiu aos *journalistas de Trévoux* :

*Petits auteurs d'un fort mauvais journal ,  
Qui d' Apollon vous croyez les apôtres ,  
Pour Dieu tâchez d'écrire un peu moins mal ,  
Ou taisez-vous sur les écrits des autres .  
Vous vous tuez à chercher dans les nôtres  
De quoi blâmer, et l'y trouvez très-bien :  
Nous, au rebours , nous cherchons dans les vôtres  
De quoi louer, et nous n'y trouvons rien.*



---

**ODE XI.**

*Non incisa notis marmora publicis,  
Per quæ spiritus et vita redit bonis  
Post mortem Ducibus... clarius indicant  
. . . . quam Calabræ Pierides.*

HORACIO.

Onde me sobes, musa?  
Em que acceso licor me embebes a alma!  
Estes ares são sanctos!  
Ésta montanha bi-partida treme!  
Os sacros troncos povorosos vergam!  
Eis o deus! eis o deus!  
Sancto furor me cala pelas veias!  
D'um sol estranho sinto  
Allumiada a mente. La se me abrem  
As tam vedadas portas do futuro!  
Que estranhezas que eu vejo,  
Corrido o veo aos falladores quadros!  
Torna a vir o passado? —  
La me abre o Tempo os cofres de diamante  
Salvados d'entre as mãos do Esquecimento.  
D'aqui, d'alli prodigios  
Se me escapam dos olhos cubíçosos.  
As nove irmans innuptas  
N'um novo canto estão lidando ardentes.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



La rompem os pelouros  
Os muros flanqueados... la se alluem  
Os paços de ouro, os incensados templos.

Com luzido cortejo  
Vem do sagaz Sophi espavorido  
O embaixador faustoso :  
Dromedarios servis, quadrupedantes \*  
Fazem tremer e re-tremer a terra.

Reis de Onor, de Narsinga,  
Dobrae agora as tumidas cervizes :  
Gran' sultão de Cambaia,  
Melique astuto, \*\* honrae o Lusitano;  
Mandae beijar a mão, que vos assombra.

Vejo em Malaca altiva \*\*\*  
Arvoradas as Quinas vencedoras;

quena ilha, chamada Gerum, em a garganta do  
mar Parseo.

J. F. BARRETO.

\* Afonso de Albuquerque recebeu em Ormuz uma  
embaixada do soberano de Persia.

\*\* Um mouro que de captivo de um mercador,  
veio a ser senhor de Dia, cidade rica e bella na  
India Foi mui artiloso nas guerras que sustentou  
largo tempo contra os Portuguezes.

\*\*\* Cidade nobilissima do Oriente, chamada *Aurea*,  
assi pelo muito ouro que n'ella ha, como per sua  
fermosura e abundancia de todas as boas cousas do  
mundo. Diz-se por outro nome *Chersoneso*.

J. F. BARRETO.

Os idolos per terra,  
Os sonhos de Mafoma sem valia,  
E as thuricremas aras a Deus dadas.

Fervem as brancas ondas  
Ante o tropel das proas cortadoras...

A Morte vai sentada  
Sóbre montes de agudas partasanas,  
De espadas, de canhões... \* La salta em terra!

Que prantos lamentosos  
Ouço erguer das cidades arrasadas!

Aquella afflicta mãe  
La veda o sangue ao filho... deixa-o, corre,  
Por acudir ao moribundo sposo.\*\*

Qual espesso negrume  
Estala entre o horrorifico estampido,  
Nos orgulhosos montes,  
Com culebrimos raios lasca os freixos,  
Fende as rochas, abala emroda os montes:

Tal saraiva de settas  
Se encrava pelos palpitantes peitos.

Os montes estremecem,  
As cavernas rimbombam, rios param,  
C'o rouco som da irada artilheria.

\* Ideia grande e sublime de que me não occorre exemplo na antiguidade.

\*\* *Anecdote puisée dans l'histoire des sièges nombreux que fit Albuquerque.*

Como a seva Tisyphone  
Baralha ansiosa os campos matadores!

Como co'as serpes crespas,  
Se farta em borbotões de sangue quente,  
E as mãos ensópa em golpeiados membros!

Tu desces da altiveza,  
Ardendo em chammas, Calecut potente.

Tomam leis de Albuquerque  
Orfação e Soar, Gerum, Mascate,\*  
Socotorá sadia, a enferma Java.\*\*

Tu, Goa torreada,  
Tambem curvas a não-domada frente:

Do Hidalcão, do Sabayo  
Levantas obediencia, para seres  
A cabeça\*\*\* do Luso-Indiano imperio.

Musa, ja vou cauçando;  
Poupa, poupa meu peito fatigado:  
Dá os atroçados vôos  
Aos mimosos de Apollo, que discantem  
Suberbos feitos, em superbos versos.

\* Cidades asiaticas conquistadas per Afonso d'Albuquerque

\*\* A ilha de Socotorá é celebre no Oriente pela pureza de seus ares, como a de Java per sua insalubridade.

\*\*\*O tino politico do grande Albuquerque foi conhecido per todas as nações intelligentes, na prudentissima escolha que fez de Goa para assento do governo-geral de quanto possuimos na India.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

As trepidantes aguas  
 Às placidas cavernas crystallinas  
 Denunciam os sustos :  
 Já c'os verdes cabellos destrançados  
 Espavoridas fogem  
 As Nereias, no fundo mar que frene :  
 Agastado Neptuno  
 Sacode a redea aos bipedes cavallos;  
 E em pe na crespá concha,  
 Pelo azul campo os olhos estendendo,  
 Busca em vão as afoutas  
 Lusas naus, cubiçosas de conquistas....  
 Ve Lises, ve Leopardos, \*  
 Raros, outrora, \*\* nos confins do Océano,

composera este verso para mostrar que a lingua portugueza póde correr parellhas com a italiana em fôrça e harmonia. • É imitação do quarto verso d'estes tam gabados da *Jerusalem* do Tasso :

*Chiama gli abitatori dell'ombre eterne  
 Il rauco suon della tartarea tromba;  
 Treman le spaziose atre caverne,  
 E l'aer cieco a quel rumor rimbomba, etc.*

\* *Leur corselet paraissait mi-partis  
 De fleurs-de-lys, de trois Léopards.*

CHAPELAIN, *Pucel.* cant. 18.

São as armas d'Inglaterra.

\*\* *En 1582 toutes les forces maritimes de l'Angleterre consistaient en 2 vaisseaux de 45 canons,*

Tremolar hoje ovantes,  
 Desde a frígida Thule ao roixo Eòo;  
 E o Bátavo pesado  
 Na cheirosa Ceilão, rica Malaca  
 Promulgar leis lucrosas.  
 « Netos do Gama, netos de Albuquerque,  
 ( E arranca alto suspiro  
 Neptuno, que assim brada ) \* envergonhae-vos.  
 Qué do trisulco sceptro,  
 Que entreguei ao valente aventureiro  
 Que arou primeiro, ousado,  
 O ignoto mar da apavonada aurora?  
 Aquellas Argos lusas,  
 Cheias de heroes, que a Mauritana escola  
 Creara e endurecera, \*\*

*7 de 40, 9 de 32, 5 de 26, 7 de 18, 6 de 14. Total 36; et 11 galères montant 4 canons chacune. ( Journal de Genève, du 14 septembre 1782. Précis des gazettes anglaises. )*

\* Estas apostrophes sublimes são rasgos que acompanham o furor da phantasia altamente agitada pela impulsão de um entusiasmo verdadeiramente grande, verdadeiramente inspirado, que para se exprimir conforme a dignidade da sua concepção, cria novas formulas e nova language.

\*\* « 4000 Portugais ne firent-ils pas trembler à la fois l'empire de Maroc, les barbares d'Afrique, la célèbre milice des Mamelucks, les Arabes, tout l'Orient enfin, depuis l'île d'Ormuz jusqu'à la Chine? »



Já não trilham meu reino, desinvoltas?

Os braços alargando

O sancto Gange,\* o saúdoso Euphrates\*\*

Vos chamam, vos acenam,

E co'as preciosas praias vos convidam.

Perdeis da adusta mina

O bem-ganhado aurifero dominio?

Desemparais imbelles

Dabul, Cochim, a estranhos mercadores?

E essas terras outrora

Cubertas de triumphos portuguezes;

E o verde imperio meu

Que tingieis de sangue a cada passo,

Consentireis surcado

De Sármatas, Cimnerias, Daces quilhas?

A cinza dos Pachecos

Pedi vingança, e os Fados mais-que-justos

Cubriram de cegueira

Os olhos veladores do Govêrno.

Trajada de virtude,

Pregoando zêlo (oh dias desditosos!)

Tomou a Ignorancia

Nas mãos as chaves dos estados lusos;

\* Os gentios que se banham no Ganges se creem purificados de toda e qualquer culpa.

\*\*A' borda do Euphrates choravam os Judeus de saudades de Jerusalem.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



E ás garras dos leões \* auri-sedentos

As Quinas \*\* somettidas \*\*\*

O perennal opprobrio transpassavam

Ás armas triumphantes. \*\*\*\*

Nem pôde o novo rei \*\*\*\*\* do avito throno,

Com vozes poderosas ,

Chamar as artes uteis foragidas ,

Que se atroam c'o ruído

Do tambor rouco , da estouraz granada ,

\*As armas de Hespanha figuram leões.

\*\*As armas de Portugal são cinco escudos em cruz.

\*\*\* Philippe II , nos domina com suas costumadas artes, e contra as promessas juradas, nos quer reduzir a provincia.

\*\*\*\*As armas portuguezas tinham sempre triumphado na Asia , na Africa , e ainda dos mesmos Castelhanos; sujeitas a elles, aprenderam a ser vencidas.

\*\*\*\*\* D. João IV fez o que pôde, para com as artes e sciencias ; mas as guerras lhe impediram ir mais ávante.

*La révolution qui plaça la maison de Bragance sur le trône , révolution si long-tems désirée , et accomplie enfin avec autant d'intelligence que de bonheur, flatta le peuple et les gens de lettres d'une situation plus heureuse. On fit des efforts pour ranimer le goût des études et des lettres. Mais il n'est pas aussi aisé de rappeler le génie , que de le bannir.*

COURNARD.

Eís quando se abraçavam,  
 Alviçaras reciprocas pedindo; \*  
 E ás doctrinandas gentes  
 Descubriam as faces radiosas  
 Nos lyceos franqueados  
 Do sceptrigero Tejo, e do Mondego;  
 Fanatico granizo \*\*  
 Caía pesado nos pimpolhos tenros ,  
 Que a seus olhos criava  
 Solícita a Sciencia, para ornarem  
 O Josephino sec'lo....  
 . Postes Lusos ; e a glória dos maiores  
 Mal doura inda os escudos  
 Dos descuidados netos , té que a apague  
 A mão caliginosa  
 Da bronca Barbaria , companheira  
 Do ardente Fanatismo.»  
 Dorindo, a musa afroxa , e se enrouquece  
 De recordar na lyra  
 Os convicios do cerulo despóta ,  
 E os revezes da Elysia.

\* Restauração das lettras sob José I.

\*\* Perseguição contra os litteratos, que despovoou Portugal de muitos bons ingenhos.

---

**ODE XIII.\***

*. . . Io triumphe ,  
Non semel dicemus , io triumphe ,  
Civitas omnis , dabimusque divis  
Thura benignis.*

HORACIO.

**Maldicto o Bouzo , e mais maldicto o nayre,  
Que calumnioso urdiu o meu destêrro ;  
Maldictissimo o estúpido fanatico ,**

**Que encommendou a queima!**

**Oh patria ! oh patria ! e pude assim bannido  
C'os olhos arrasados de agro pranto ,  
( Não estalei de mágoa ? ) — despedir-me**

**De ti , querida patria ?**

**Oh patria , que ves ir o teu alumno  
Desterrado sem culpa , e não abraças  
Um diamantino escudo , com que o cubras ?**

**Não empunhas mil lanças ,**

**Co' as mil dêstras de teus valentes filhos ?  
Não pões em fuga stolidos satellites  
Do infame tribunal ? não mandas a Africa**

**Taes Busires de loba ?**

**Porque não clamas hoje arrependida**

\* Feita em Paris em 23 de dezembro de 1779.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

Espedaçar cordeis e cavalletes ,

    E os arrancos dos tratos;

    Queimar processos , destroçar denúncias :

E os Deputados , verem , cabisbaixos ,

De par em par abertas as masmorras ,

    E os reos á luz do dia.

    Vem , vem dia feliz e suspirado , \*

Dar alegria á Europa , aos sabios honra ;

Aos sabios , que accenderam essa tocha ,

    Com que a illusão se abrasa.

\* Esse dia não raiou em vida de Philinto; mas a sua prophecia verificou-se.

## ODE XIII.

*Fœcunda culpæ secula nuptias  
Primum inquinavère et genus et  
Domos. Hoc fonte derivata clades  
In patriam, populumque fluxit.*

HORACIO.

Empegada no golpham da vaidade  
Perde de vista o norte da virtude  
A formosa donzella, que abriu porta  
Á dolosa lisonja.

Desempara o recato a sentinella  
Dos comedidos olhos, rompe o vício  
Os pudibundos muros; rende a honra  
O guardado castello.

Em vão quiz imprimir no tenro peito  
Sabio desvelo a estampa da inteireza;  
O ouro abafou, com laminas traidoras,  
Os indeleveis rasgos.

Não cedia a seu toque venenoso  
A severa Espartana, que os enfeites  
Tinha em vil preço, e a patria, a honra, os filhos  
Tomava por espelhos. \*

\* Rígidos e austeros foram os costumes dos Es-



Este ócio corruptor vem, co'as riquezas,  
 Escalar os costumes bem-regrados;  
 Põe seu throno na côrte; o engano, o furto,  
 A aleivosia o servem.

Ditoso o que na ourora de seus annos,  
 Bebeu da san virtude a alta doutrina,  
 E que no coração guarda-la soube,  
 Co'a chave da constancia!

Oh terras Africanas saúdosas!  
 Por vós chora inda a patria. Vós o berço  
 Fostes dos sens Noronhas e Pachecos,\*  
 Em eras gloriosas.

Alli, c'o braço tincto em sangue mauro,  
 O fidalgo mancebo as verdes palmas  
 Cortava ousado, para ornar na patria  
 Os braços não-manchados.

Alli tomou o ensino, tomou fôrças

partanos, que dados ás armas, so respiravam guerra.  
 Observava-se rigorosamente a militar disciplina, e  
 tinha-se por lei sagrada a obediencia. Fez o amor da  
 pobreza (base em que librava o govêrno) reben-  
 tar d'Esparta grau' tropel d'heroes.

*Epitome da Hist. antig.*

\* Quando em rasa campina denodados,  
 Co'a sempre vencedora espada em punho,  
 Desbaratavam Arabes, Hispanos,  
 Suberbos Turcos, Indios.  
 E comtudo sabiam, que voltando,



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



O vosso antigo sangue derramado

No campo das victorias.

Retrilhae os caminhos da alta fama ;

Ide ensopar as lanças ociosas

Nos peitos de má fe, que se enriquecem

Com os vossos descuidos.

Carregae as espáduas de Neptuno

De possantes baixeis : alvas estrellas

Brilhem na guerra férvida e robusta

As vencedoras Quinas.

Aquelles sem-iguaes raios de Marte

Vos bradam , vos apontam a vereda

Do renome immortal : rompei as redes

Do luxo entorpecido.

Elles , co'a espada , de brigar faminta ,

Cortavam per delícias e ócios froxos :

• Já em meninos se ensaiavam destros

Aos trabalhos , e ás bellicas fadigas :

Era seu tracto cavalgar airosos ,

Domar feroz cavallo.

Luctar c'o césto, tirar longe ao alvo :

Terçar a lança no gentil torneio :

Per duros bosques acoçar as feras :

Saltar profundos vallos.

Qual não atravessava destemido

Do largo rio a rapida corrente ?

Qual não trepava, com gentil despejo,

Fragosas penedias ?

O nitridor ginete, o arnez brilhante  
Lhes pediam pelepas.

O que deu nome a teu solar illustre  
Co'a espada em punho, hasteada a alta bandeira,  
Pizava aos pés o médo, e tinha os olhos  
Na honra, e no inimigo.

E o Castro, que enfreiou Cambaia altiva,  
E o astuto Hidalcão, abriu-se praça  
No templo da memoria entre os Fabricios,  
Engeitando as riquezas. \*

Felizes! que não viram estes dias  
Tam mudados, e os netos sumptuosos  
D'ouro, e não d'aço, no marcial terreiro,  
Fazer garrido alarde. \*\*

\* D. Alvaro, seu filho mais velho, tinha mandado cortar algumas galas, das que pediam a profissão, e os annos; e passando D. João acaso pela Jubeteria, vendo star penduradas umas calças de obra, parando o cavallo, perguntou — « de quem eram? » e tornando-lhe o official — « que as mandara fazer D. Alvaro, filho do governador da India », pediu D. João de Castro uma tesoura, com que as cortou todas, dizendo para o mestre — « Dizei a esse rapaz que compre armas. »

FREIRE, *Vida de D. J. de Castro.*

\*\* Um joga dia e noite cubiçoso  
Do luzente metal; outro so vive  
Em banquetes esplendidos cevado,  
Que as fôrças entorpecem.

Os annos, ladrões surdos, nos roubaram  
 A frugal meza, os trajos asceiados :  
 As virtudes antigas mal se vestem  
 De molles atavios.

Adulteros adornos se apossaram  
 Da casta coma das esposas lusas :  
 A fama, a singeleza aos pés caíram  
 Das desvairadas modas.

Garrido alarde d'ouro lhe orna o peito,  
 Que não o forte arnez, luzida malha :  
 Por fero capacete na cabeça  
 Alto penacho ondeia.

Este, as louras madeixas embebendo  
 Em massas odoríferas, rescende  
 De indicos magos: dança afeminado,  
 Ou salta em torpes bailes.

Aquell'outro, qual phryglo Páris, fraco  
 Dameja, e molles cantos gargantela,  
 Affectando branduras estudadas  
 Que herdou do infame Egypto.

Se isto ora vissem Albuquerque, Castros .  
 Se o visses Nuno, alto terror de Hespanha,  
 Certo negaras, que ésta fosse a raça  
 Dos esforçados lusos.

A. R. DOS SANTOS.



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

<i>Ondados fios de ouro reluzente.</i>	6
<i>No regaço da mãe Amor estava.</i>	6
<i>Está o lascivo e doce passarinho.</i>	7
<i>Um mover d'olhos brando e piedoso.</i>	7
<i>Apartava-se Nize de Montano.</i>	8
<i>Amor é um fogo que arde sem se ver.</i>	8
<i>Brandas aguas do Tejo, que pas- sando.</i>	9
<i>Nã margem de um ribeiro que fendia.</i>	9
<i>Quando os olhos emprégo no passado.</i>	10
<i>Em uma lapa toda tenebrosa.</i>	10
<i>Qual tem a borboleta por costume.</i>	11
<i>Memoria de amores passados. ( can- ção)</i>	164
<i>A ausencia.</i>	167
<i>O desemparo.</i>	171
<i>Póde um desejo immenso. (ode)</i>	251
<i>Fogem as neves frias.</i>	255
<i>N'aquelle tampo brando.</i>	259
<i>Ja a calma nos deixou.</i>	263

## CLAUDIO MANUEL DA COSTA.

<i>Nize! Nize! onde stás? Aonde es- pera.</i>	11
<i>Breves horas, Amor, ha que eu go- sava.</i>	11

## INDEX.

459

## Q U I T A.

<i>Aquelle gesto que em teus olhos via.</i>	13
<i>N'êsta praia algum dia me esperava.</i>	13

## D I N I Z.

<i>Ja se vai das estréllas apagando.</i>	14
<i>Aqui entre éstas árvores viçosas.</i>	15
<i>Da bella mãe perdido Amor errava.</i>	16
<i>Aqui sentado n'este molle assento.</i>	16
<i>Vem a noite sombria revolvendo.</i>	17
<i>Em quanto Amphriso seu jardim re- gava.</i>	17
<i>Qual pelas fraldas corre do Parnaso.</i>	18
<i>A Vasco da Gama. (ode)</i>	338
<i>A João Fernandes Vieira.</i>	343
<i>A Heitor da Silveira.</i>	353
<i>A D. João de Castro.</i>	359
<i>A Duarte Pacheco.</i>	366
<i>A Nigella. (anacreontica)</i>	374
<i>Aglaia.</i>	377

## G A R Ç Ã O.

<i>Comigo minha mãe brincando um dia.</i>	19
<i>Era alta a noite , a lua prateada.</i>	19
<i>N'uma galé mourisca a ferrolhado.</i>	20
<i>Çujos Brontes estão arregaçados.</i>	20



<i>O poeta. (satyra)</i>	55
<i>Sobre a imitação dos antigos.</i>	62
<i>O ponche. (ode)</i>	275
<i>A virtude.</i>	277
<i>A virtude.</i>	283
<i>A Silvio.</i>	285
<i>A restauração da Arcadia.</i>	288
<i>A senhora D. Leonor de Almeida.</i>	292
<i>A riqueza d'um poeta.</i>	294
<i>Ao Delphim.</i>	297
<i>A uma escada.</i>	301
<i>A Gaspar Pinheiro.</i>	304
<i>Ao mesmo.</i>	307
<i>A Macbean.</i>	313
<i>A Mardel.</i>	316
<i>A vida rustica.</i>	319
<i>A Horacio.</i>	322
<i>O Suicidio.</i>	325

### JOSÉ DE SOUZA.

<i>Não me dirão, senhores, que façanha.</i>	21
<i>Digno monarcha de immortaes historias.</i>	22
<i>Socorro ao quarto Afonso lusitano.</i>	22

### JOÃO XAVIER DE MATOS.

<i>N'um valle de boninas matizado.</i>	23
--	----



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# SUBSCRIÇÃO FORGOTTEN BOOKS

**797,885  
Livros! Tudo o  
que quiser ler  
por apenas  
\$8.99/mês**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização



## MANUEL MATHIAS.

<i>Primeiro as aves os vergeis deixando.</i>	30
<i> Pretos longos finissimos cabellos.</i>	31
<i>« O que é terra foi mar, o mar foi terra. »</i>	31
<i>Um doente miserrimo arquejava.</i>	32

## BOCAGE.

<i>Vem suspirada carinhosa Armia.</i>	32
<i>Tam negro como a turba, que vagueia.</i>	33
<i>Grato silencio, trémulo arvoredos.</i>	34
<i>Per terra jaz o emporio do Oriente.</i>	34
<i>Da triste bella Ignez inda os clamores.</i>	35
<i>Adamastor cruel! de teus furores.</i>	36
<i>Ó deusa! que proteges dos amantes.</i>	36
<i>Famosa geração de falladores.</i>	37
<i>Magro, de olhos azues, carão moreno.</i>	37
<i>Se é doce no recente ameno estio.</i>	38
<i>Meu ser evaporei na lida insana.</i>	38
<i>Da Medicina. (epigramma)</i>	46
<i>A molestia, e a cura.</i>	47
<i>O pae enfermo, e o doctor.</i>	47
<i>A molestia, e a receita.</i>	47

INDEX.	463
<i>Conselho a um impertinente.</i>	48
<i>A Parca, e o medico.</i>	48
<i>Vingança de medico.</i>	49
<i>O recipe.</i>	49
<i>O adeus do doctor.</i>	49
<i>O letrado.</i>	50
<i>Titulo para uns aphorismos.</i>	50
<i>A cura.</i>	50
<i>Terra para medicos.</i>	51
<i>Alliança de duas altas potencias.</i>	51
<i>A um procurador.</i>	52
<i>A razão cabal.</i>	52
<i>Elmiro. (satyra)</i>	79
<i>A morte de Socrates. (improviso)</i>	228
<i>Defender os patrios lares.</i>	229

## S E M E D O .

<i>« Medonha corre a noite, a froxa lua.</i>	39
<i>Ja matizando o ceo de vivas côres.</i>	40

## FRANCISCO MANUEL.

<i>Um soneto ! ainda ésta me faltava ?</i>	40
<i>La vai glosa , menina , vai soneto.</i>	41
<i>A um zote. (epigramma)</i>	52

<i>De um avarento.</i>	53
<i>A um auctor.</i>	53
<i>Ao estro. (ode)</i>	381
<i>Aos poetas lusitanos.</i>	393
<i>A Pilaer.</i>	397
<i>A virtude.</i>	402
<i>A patria.</i>	407
<i>A Marcia.</i>	414
<i>A Esperança.</i>	418
<i>Aos cavalheiros de Christo.</i>	420
<i>A Marfisa.</i>	427
<i>A um amigo.</i>	429
<i>A Afonso de Albuquerque.</i>	436
<i>Neptuno aos Portuguezes.</i>	441
<i>Ao destérro do Poeta.</i>	448
<i>A decadencia dos costumes.</i>	451

## ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS.

<i>Aqui da linda Ignez a formosura.</i>	42
<i>Venus buscando a Amor andava um dia.</i>	43
<i>As pandectas e Camões. (epigramma)</i>	54
<i>Artigos do Decalogo.</i>	54

## JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA.

<i>Os fachos pelos ares sacudindo.</i>	44
--	----



**ESTA PÁGINA ESTÁ BLOQUEADA A MEMBROS GRATUITOS**  
Faça a subscrição para desbloquear imediatamente esta página

# Conheça a sua Bíblia

A subscrição  
Forgotten Books'  
possibilita acesso  
ilimitado a mais de  
28.000 volumes de  
literatura Cristã por  
\$8.99/mês

**HOLY  
BIBLE**

**Continuar**

\*Aplicam-se termos de utilização

## LOBO.

<i>A primavera.</i> (lyra)	188
<i>Lei de namorados.</i> (endeixa)	191

## GONZAGA.

<i>O contentamento.</i> (lyra)	194
<i>O perjurio.</i>	197
<i>O retrato.</i>	200
<i>Todos amam.</i>	202
<i>Recordações.</i>	204

## JOSÉ ANASTACIO DA CUNHA.

<i>A morte.</i> (endeixa)	219
---------------------------	-----

## BORGES DE BARROS.

<i>A flor saudade.</i>	226
------------------------	-----

## FERREIRA.

<i>A lingua portugueza.</i> (ode)	234
<i>A primavera.</i>	237

**INDEX.**

**467**

**VEIGA.**

*A vida bemaventurada. (ode)*

**270**

*Os passarinhos.*

**273**

**FRANCISCO JOSÉ FREIRE.**

*Sonho moral. (ode)*

**330**